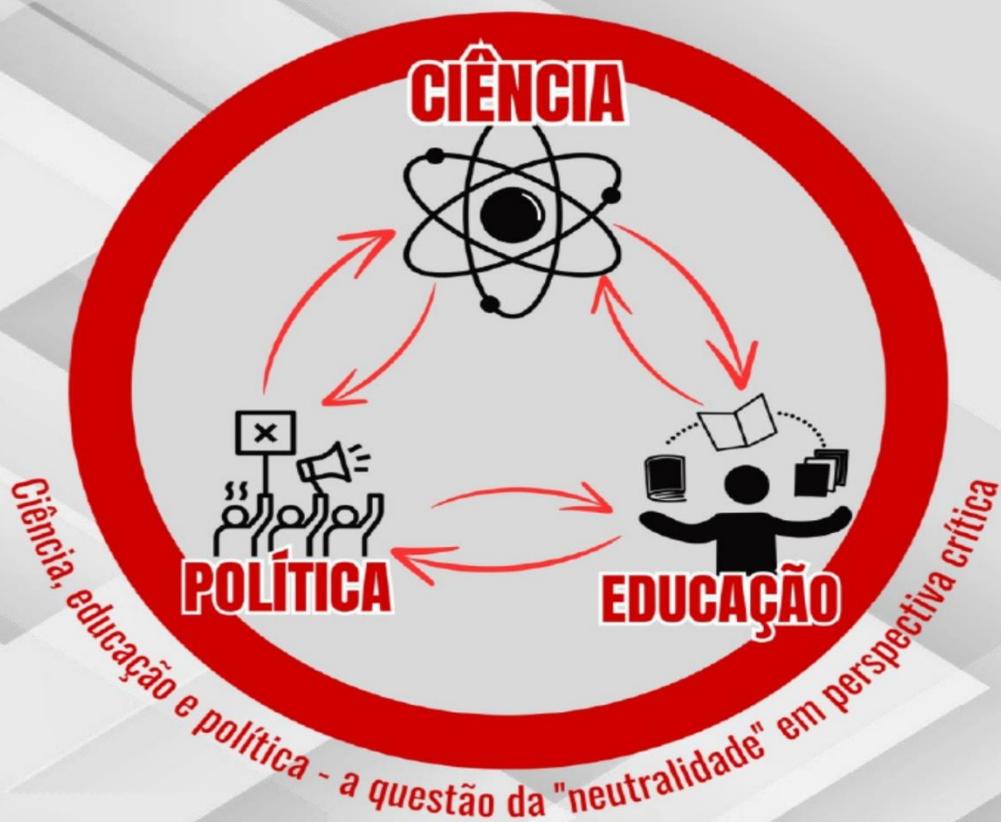


ISRAEL SOUZA



Volume I

EAC
Editor

*Copyright © by autor, 2024.
All rights reserved.*

Todos os direitos dessa edição pertencem ao Sr. Israel Pereira Dias de Souza. Nenhuma parte desse livro poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a autorização prévia do autor pelo e-mail *israelpolitica@gmail.com*.

Editor Geral

Eduardo de Araújo Carneiro
ac.editor@gmail.com

Conselho editorial:

Francisco Diétima da Silva Bezerra, Dr. em Economia
Ana Cláudia de Souza Garcia, Dr. em Letras
Blenda Cunha Moura, Dr. em História

Capa

Ueliton Araújo Trindade

Revisão

Edilene da Silva Ferreira, Dr. em Letras

S719c

Souza, Israel Pereira Dias de Souza.

Ciência, educação e política: a questão da “neutralidade” em perspectiva crítica. / Israel Pereira Dias de Souza. Rio Branco: Edição do autor, EAC editor.2024, Vol. 1, p. 183. 14,8x21 cm. E-book.

ISBN: 978-65-01-17371-9

I. Política; II. Educação; III. Ciências.

I Título.

CDD 320

Tão grande loucura é imaginar que uma filosofia ultrapassará o mundo contemporâneo como acreditar que um indivíduo saltará para fora de seu tempo.

(Hegel)

Posto que também sou *cientificamente* ativo etc., uma atividade que raramente posso realizar em comunidade imediata com outros, então sou ativo *socialmente* porque [o sou] enquanto *homem*. Não apenas o material da minha atividade - como a própria língua na qual o pensador é ativo -, me é dado como produto social, a minha *própria* existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social.

(Marx)

Não existe visão de mundo “inocente”.

(Lukács)

SUMÁRIO

Prefácio 06

Apresentação 16

PARTE I 18

QUESTÕES TEÓRICAS E HISTÓRICAS

1. Problematizando a noção de “neutralidade” 19

2. Marxismo - paixão revolucionária e objetividade científica 73

3. A “neutralidade” no positivismo de Comte e Durkheim 98

PARTE II 137

MATRIZES IDEOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO NO GOVERNO BOLSONARO

4. As matrizes ideológicas da política educacional do Governo Bolsonaro - olavismo e cristianismo neoconservador 138

5. Como não falar dessa gente? (poema) 182

PREFÁCIO

É preciso [...] dirigir violentamente a atenção para o presente assim como é, se se quer transformá-lo. Pessimismo da inteligência, otimismo da vontade.

(Gramsci)

Um fantasma ronda a Europa, os Estados Unidos, a América Latina e muitas outras partes do globo, sacudindo-o e ameaçando varrê-lo de ponta a ponta. É o fantasma da extrema direita, com seus salientes traços obscurantistas e neofascistas.

Marcando presença tanto no centro como na periferia do sistema capitalista, o fenômeno tem forçado alguns analistas políticos a falar, um tanto compungidos, de “populismo de direita”. Devemos lembrar que, até bem pouco tempo, o termo “populismo” e seus derivados eram usados, quase exclusivamente, para se referir aos políticos progressistas e de esquerda. Era uma forma de desqualificá-los e esvaziar a democracia de sua dimensão substancial, aquela que diz respeito aos direitos sociais.

Nessa perspectiva, ser populista é não se render, fervorosamente, à cartilha neoliberal e tensionar para que o Estado cumpra funções sociais, ainda que mínimas. Parasita acima de tudo, o financismo é deus ciumento e vingativo.

Extremistas de direita, sabemos, há muito os temos entre nós. A diferença é que, agora, eles parecem pulular. Brotam aqui e acolá, formando uma espécie de onda. Ao bom observador, consideradas a amplitude, a força e a complexidade do fenômeno, não há como explicá-lo recorrendo apenas à idiosincrasia de um ou outro líder político, com uma conjuntura nacional favorável. Isso conta. É óbvio. Mas não basta.

A verdade é que os extremistas têm demonstrado força mesmo em países de secular tradição ilustrada e democrática. França, Alemanha, Portugal, Itália... A lista é enorme e muito significativa. Até mesmo os Estados Unidos, considerados o farol da democracia para o mundo, estão às voltas com o perigo que Trump representa. O ex-presidente já tentou um golpe nas terras do Tio Sam, quando fez de tudo para que Biden não assumisse a presidência - o que resultou no ataque ao Capitólio. E, no momento, ameaça fazê-lo novamente. Já afirmou que, caso não ganhe a eleição presidencial desse ano, haverá “um banho de sangue”. As instituições assistem a tudo aparvalhadas.

É democrático ameaçar a democracia, caso não ganhem? O processo só é democrático quando os extremistas ganham (Trump lá; Bolsonaro cá)? As instituições vão permitir que, em nome da liberdade, eles sequestram e encarcerem a liberdade? Será que não perceberão a tempo que, considerada assim, de modo fetichista, a liberdade de que tanto falam é fadada a se transformar no seu avesso?

Ademais, em âmbito internacional, os extremistas dão mostras de estreita e coordenada aliança. Tendo pautas em comum bem definidas, agem em bando, que se protege e fortalece. Aparecem como onda, é verdade; mas atuam em rede. Essa concertação internacional, somada à força que demonstram em cada país em particular, bem como às suas práticas e ideário, impõe que olhemos para o elemento estrutural que lhes dá ensejo e robustez.

Segundo entendemos, esse elemento estrutural é a última crise do capitalismo (de 2008) cujo epicentro foram os Estados Unidos (HARVEY, 2011; STREECK, 2018; PIQUERAS e DIERCKXSENS, 2018; TONELO, 2021). Como é comum às crises do capitalismo, esta última demonstrava os limites e esgarçava as contradições do sistema, exigindo, ao fim e ao cabo, uma reorganização. A crise do neoliberalismo exigia mais neoliberalismo.

Recrudescendo a situação, já ruim desde o início da década de 1970, momento em que ocorreu outra grande crise (MÉSZÁROS, 2002 e 2007; HARVEY, 2004; NAKATANI e MARQUES, 2020; NAKATANI e MELLO, 2021; MARQUES [et al.], 2021), os humores populares se tornaram incontinentemente inflamados, suscetíveis a toda sorte de oportunismo autoritário.

Como vivida e sentida pelos de baixo, esmagada pelo peso da adoção de políticas de austeridade, a democracia parece insuficiente e enfadonha. Não é de estranhar que, em face disso, muitos optem por correr ao encontro de messias, homens carismáticos, aparentemente providenciais, com discursos inflamados. Pervertendo e corroendo a democracia por dentro, ameaçam golpes de força a torto e a direito. Voluntaristas, prometem tudo, com facilidades sem conta. Tudo isso embebido numa religiosidade de cunho moralista e beligerante, sem espaços para acomodações com os “inimigos” meticulosamente escolhidos e/ou fabricados.

Ora, exigindo uma manobra radical - ainda que efêmera e, no fim, vã, uma vez que o sistema é irreformável e incontrolável, como apontara Mészáros (2007, p. 58) - para um problema radical, a última crise do capitalismo encontrou nos extremistas de direita porta-vozes convenientes. Mesmo já desfigurado, depois de décadas de políticas neoliberais, o que restou do Estado democrático de direito, por lhes parecer um estorvo, deve perecer. Tensionam diuturnamente nessa direção, já que a democracia mais se lhes afigura como uma camisa-de-força, da qual não veem a hora de se livrar.

A partir daí, o rearranjo político que se estabeleceu entre as forças em disputa foi desconcertante. Abandonando despudoradamente a aparência democrática que gostava de afetar, parte da direita converteu-se à extrema direita, aninhando-se de bom grado em seu

colo. Somaram pequenez com pequenez. A dobradinha de Paulo Guedes e Bolsonaro é emblemática quanto a isso.

Dando sinais da forte afinidade entre neoliberais e neofascistas, o Partido Novo - o mais neoliberal entre os partidos que temos no Brasil, superando até o PSDB nesse quesito - assumiu-se bolsonarista, por fim. Nem disfarça mais. O mesmo se deu com Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central (BC) e ícone do financismo entre nós.

Mais cautelosa, outra parte da direita juntou-se às forças progressistas e à esquerda na defesa de um mínimo de democracia. O elemento desconcertante do atual cenário político está justamente nisso. Como a direita convencional não tem demonstrado força ou disposição para resistir à extrema direita, tem cabido às forças progressistas e à esquerda a defesa dos componentes democráticos e civilizacionais que o capitalismo ainda possibilita.

No entanto, se defende o capitalismo - mais “humanizado”, mas ainda assim capitalismo -, pode ainda ser chamada de esquerda? É possível disputar com extremistas sem que a própria disputa seja extremada? O que querem os que reclamam da polarização? Não percebem que a polarização não é uma escolha, e sim a forma que necessariamente a disputa com os extremistas assume?

Nesse cenário, enquanto as forças progressistas e a esquerda repisam a proposta de um Estado de bem-estar social, claramente na defensiva, a extrema direita, na ofensiva, se dá o direito de ser ousada e mesmo rebelde. Apresenta-se como “antissistema”, farsa que a muitos tem convencido. Assim Trump lá; assim Bolsonaro cá. E também Milei, logo ali.

Com uma linguagem que fala direto aos afetos, excitando-os, a extrema direita parece trazer a novidade alvissareira. Sublinhe-se:

“parece”. Em verdade, o que ela propõe é o que há de mais velho não apenas no capitalismo, mas na história em geral. Por um lado, mais machismo, mais racismo, mais xenofobia, mais violência, mais Estado penal/policial etc. Por outro, menos direitos, menos regulação econômica e ambiental, menos liberdade de imprensa, menos Estado social etc. Dessa forma, enquanto seus adversários se mostram conservadores, ela é, de fato, reacionária! Desabridamente reacionária!

Notem que coisa paradoxal e de grandes implicações. Entre nós, em pleno século XXI, conservadores e progressistas parecem antiquados, enquanto, de outra banda, os reacionários parecem revolucionários. E, dado que defendem transformações de expressiva magnitude, fazendo as placas tectônicas das relações sociais se moverem, em certa medida, são revolucionários, sim.

Oxímoro dos oxímoros. Uma vanguarda de reacionários. O pré-moderno de mãos dadas com o pós-moderno. A contrarrevolução com as vestes da revolução.

Há que se dizer. Tanto a esquerda e os progressistas, de um lado, quanto a extrema direita, de outro, olham para trás. Os primeiros buscam tirar o futuro do passado mais recente do capitalismo. Mais que nunca, Keynes (1982) é sua estrela-guia. Já a extrema direita, por seu turno, busca tirar o futuro de um passado mais remoto, de um período pré-capitalista. Um passo para frente, dez para trás. A “ponte para o futuro” que prometem leva ao abismo do passado.

Salivando e rangendo os dentes, a extrema direita nos dá o ultimato: “Decifra-me ou te devoro”.

Não estamos mais inteiros. Parte de nós foi devorada ou, pelo menos, mastigada, pisada. Cumpre reconhecer. O simples fato de termos que escrever para dizer que o reacionário é reacionário, e não revolucionário, é prova cabal disso.

Como o leitor pode intuir, além de vital, a tarefa de decifrá-la é hercúlea. Nas páginas que seguem, assumimos nossa parte nessa tarefa. A quente, enfocamos de maneira destacada as implicações que o atual cenário guarda para a educação. O tempo urge. Não há como esperar anoitecer, para, só então, a coruja de Minerva levantar voo. Quem sabe até os póstumos deitem os olhos sobre estas páginas. Mas escrevo, primariamente, sobre meu tempo para meu tempo.

Cabe dizer, já à saída, que, como educadores, não enfrentamos apenas os desafios da ignorância (no sentido de ausência ou insuficiência de educação formal) e seu poder de inércia que tende a perpetuá-la. Enfrentamos agora, também, um movimento que, de maneira aberta e até orgulhosa, atua contra a educação e a favor da deseducação.

Agora, a ignorância dispõe de um exército de entusiastas e militantes. A questão guarda suas complexidades. Não é que eles sejam apenas ignorantes - entre os quais, contamos até doutores, vale dizer. Eles militam contra a educação e contra a ciência. Desqualificam, perseguem e ameaçam cientistas e professores. Atuam como se estes, pelo simples fato de lidarem com o conhecimento, fossem já, *a priori*, dignos de suspeitas e ataques. A nosso juízo, os ataques morais contra a educação e contra os educadores estimularam os ataques físicos - conforme defendemos em alguns dos textos presentes no Vol. II -, que resultaram em dezenas de mortos e feridos nas escolas.

Esse movimento que começa e se robustece no âmbito mais geral da sociedade vem, por fim, desaguar na sala de aula. Impossível ignorá-lo. Até porque, em seu conjunto, conforma um fenômeno bastante difuso nas escolas e nas universidades. Para o nosso bem e para o bem da educação, é mister que reconheçamos sua força.

Infelizmente, tudo indica que, pelo menos no curto prazo, as coisas caminharão assim¹.

Pelo quadro aqui apresentado, verá o leitor que uma vaga de neo-obscurantismo e neofascismo paira sobre nós. Asfixia-nos. Intoxica-nos. Escalpa o nosso ânimo de homens e mulheres da ciência. Aos professores e cientistas compete que tenhamos consciência do fato e nos preparemos para entendê-lo e enfrentá-lo.

É exatamente por isso que nessas páginas se irmanam, de maneira indissolúvel, uma vontade de saber e uma vontade de combate. Sinteticamente, podemos dizer que estas são páginas de ciência e luta política, em que se analisam a *dimensão política da educação* e a *dimensão educativa da política*. E, na atual conjuntura, pelo tempo que a vaga extremista ameaça ficar entre nós, dessa capacidade de compreensão e luta depende a saúde e, mesmo, a sobrevivência da ciência.

Aqui, a conjuntura se apresenta sem prescindir da estrutura. Eis o motivo para que, mesmo quando são pequenos os textos, com formato de crônica ou quase isso, as coisas sejam analisadas sempre em perspectiva ampla.

Ao primeiro volume cabe a reflexão sobre temas mais propriamente acadêmicos, com textos mais formais e robustos, linguagem mais hermética. O tema a que são dedicados é o da

¹ Embora tenha perdido as eleições de 2022 e as investigações venham demonstrando de maneira muito sólida seus intentos golpistas e outros de seus crimes (fraude no cartão de vacinas, apropriação de joias etc.), Bolsonaro continua sendo poderosa liderança política. Seu poder de mobilização ainda é enorme. Além disso, recentemente, seu partido conseguiu emplacar dois extremistas em importantes comissões do Congresso. Uma na presidência da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) e outro na presidência da Comissão de Educação. O quadro político sugere, ademais, que há de conquistar mais espaço nas prefeituras, nas câmaras municipais e mesmo no Senado nas eleições do corrente ano.

“neutralidade” e alguns de seus significados, na produção científica como na sala de aula.

No artigo último do primeiro volume, desenvolvemos uma reflexão acerca das “matrizes ideológicas” que orientaram a pasta da educação no governo Bolsonaro, aquele governo que vociferava contra a “ideologização” da educação e dizia querer desideologizá-la. A pesquisa mostra sobejamente que isso não passava de pirotecnia verbal, discurso vazio, forjado para encobrir as ideologias de caráter obscurantistas e autoritárias que aí tomavam parte.

No segundo volume, comparecem textos mais curtos. Com formato mais simples e linguagem mais acessível, alguns são crônicas. Voltados para a análise de eventos do cotidiano, enxergando-os com lupa de uma perspectiva mais ampla, tais textos têm por objeto temas como as redes (anti)sociais, o negacionismo, os *red pill* e a onda *coach*, entre outros.

Cobrando o tempo presente, seus últimos textos analisam a greve da educação federal, deflagrada no início do mês de abril do corrente ano (2024). Considerando sempre conjuntamente política e educação, procuram extrair lições do movimento paredista, apontando desafios que se abrem e/ou persistem no governo Lula III.

Com efeito, em certo sentido, essa obra (em seus dois volumes) é um desdobramento de temas que já apareceram na obra anterior (*A política da antipolítica no Brasil*), também ela em dois volumes. Daí não ser desarrazoado sugerir a leitura conjunta de ambas as obras, pois que a primeira há de facilitar e complementar a leitura dessa que agora vem a lume.

Devo confessar, a essa altura, que havia a previsão - e a vontade - de trazer outros temas para a reflexão, de modo a ampliar a perspectiva do quadro analítico. Conforme a escrita dos textos

avançava, avançava igualmente a visão do tema, avultando com bastante clareza sua complexidade e magnitude. Também os dias novos traziam novas inquietações.

Todavia, a dada altura, vi-me alvejado pelos versos da canção *Caso comum de trânsito*, de Belchior: “Você fica perdendo o sono, pretendendo ser o dono da palavra, ser a voz do que é novo. E a vida, sempre nova, acontecendo de surpresa, caindo como pedra sobre o povo”.

E é isso mesmo. A vida é processo. Ininterrupto processo. Eterno devir. E, em razão das perversas relações sociais prevalecentes, castiga preferencialmente o povo, as classes e os grupos subalternos. Impôs-se assim a necessidade de concluir a escrita, mesmo sem ter dado conta de tudo quanto pretendia. Dessa maneira, a obra se conclui, mas a pesquisa e a luta, não. Estas continuam.

Compete dizer, por fim, que essa obra carrega consigo as marcas da história, com seus conflitos e contradições a demarcarem de modo indelével seu horizonte. Agora que a dou ao público, só me restadesejar que, em que pesem seus limites, também ela possa deixar alguma marca na história. E que boa seja a marca que porventura ela venha a deixar.

Com humildade - e espero que com alguma justiça -, reivindico as palavras de Gramsci para a obra que agora chega a suas mãos, caro leitor: E se escrever a história significa fazer história do presente, é grande o livro de história que, no presente, ajuda as forças em desenvolvimento a se fazerem mais conscientes de si mesmas e, portanto, mais concretamente ativas e realizadoras.

Israel Souza
07/06/2024

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- HARVEY, David. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Atlas, 1982.
- NAKATANI, Paulo e MARQUES, Rosa Maria. **O capitalismo em crise**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- NAKATANI, Paulo e MELLO, Gustavo Moura de Cavalcanti (orgs.). **Introdução à crítica da financeirização: Marx e o moderno sistema de crédito**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.
- MARQUES, Rosa Maria [et al.]. **Pandemias, crises e capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2021.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- PIQUERAS, Andrés e DIERCKXSENS, Wim (orgs.). **O capital frente a seu declínio**. Fim da unipolaridade global: transição para o pós-capitalismo? São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- SOUZA, Israel. **A política da antipolítica: aspectos ideológicos da questão**. Rio Branco; EaC Editor, 2021.
- SOUZA, Israel. **A política da antipolítica: militarização e ameaças à democracia**. Rio Branco; EaC Editor, 2021.
- STREECK, Wolfgang. **Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- TONELO, Iuri. **No entanto, ela se move: a crise de 2008 e a nova dinâmica do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2021.

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, a educação brasileira vem enfrentando desafios que vão desde o corte de recursos a reiteradas tentativas de descredibilização. Nesse último caso, as escolas, as universidades e, principalmente, os professores e professoras são atacados e acusados de “doutrinação ideológica” e “politização” dos e nos espaços escolares e acadêmicos, simplesmente por debaterem temas políticos e econômicos de forma crítica.

As universidades passaram a ser tratadas como locais da desordem, violência, baderna e ilegalidade. O encarregado de primeira ordem em propagar tais ideias, Jair Bolsonaro, sem nenhum projeto sério de governo para o país, e, notadamente, para a educação, passou seus quatro anos de mandato (2019 a 2022), juntamente com “seu exército” de seguidores, atacando as instituições de ensino e os(as) educadores(as) - Abraham Weintraub, ex-ministro, afirmou que as Universidades promoviam “balbúrdia”. Propôs, inclusive, que os alunos gravassem e filmassem os professores, numa tentativa clara de intimidação, ameaça e perseguição aos profissionais da educação.

A narrativa de varrer a suposta “doutrinação da esquerda” ou de “despolitizar a educação” era, na verdade, revestida de uma falsa “neutralidade política” que visava, em última instância, a impor sua própria agenda ideológica ou, na sua visão, a “doutrinação do bem”, inviabilizando o debate público de temas centrais para a sociedade brasileira. O livro *Ciência, educação e política: o tema da “neutralidade” em perspectiva crítica*, do professor e pesquisador Israel Souza, mostra isso de forma muito clara.

Acertada e provocativamente, o autor instiga: os defensores da ideia de “neutralidade”, no geral, se beneficiam “da manutenção do

status quo, servindo para desarmar e desqualificar aqueles cujas investigações, porventura, levantarem críticas à ordem social estabelecida”. E as matrizes ideológicas que orientaram a política educacional no Governo Bolsonaro, especificamente o “olavismo” e o cristianismo neoconservador, cumpriram perfeitamente esse papel, qual seja, de atacar a ciência, as instituições de ensino, os(as) professores(as), os(as) pesquisadores(as) e estudantes.

Ao final da leitura deste livro, o leitor perceberá que a “despolitização”, o “anti-partidarismo”, o anti-ideologismo e a “anti-doutrinação” amplamente propagados eram, ao fim e ao cabo, politização, partidarismo, ideologia e doutrinação. Boa leitura a todos!

Francisco Diétima da Silva Bezerra,
Professor do Instituto Federal do Acre/
Campus Cruzeiro do Sul.



PARTE I
QUESTÕES TEÓRICAS E HISTÓRICAS

1

PROBLEMATIZANDO A NOÇÃO DE “NEUTRALIDADE”

Introdução

Primero dia de aula, de dada disciplina, em dada turma. Lá, percebemos a presença de figura já conhecida nossa, “conservador” assumido². Como em toda primeira aula, apresentamos

² Do modo como é largamente usado hoje, o termo “conservador” desdobra-se e incorpora o próprio reacionarismo. Alguns reacionários se dizem conservadores por cálculo político, para melhor dissimular seus intentos. Outros o fazem por vergonha de se assumir como são, reacionários. Outros, por não conseguirem distinguir uma coisa da outra, o fazem por ignorância mesmo. Quando instado a se manifestar mais claramente, assumindo posição, a dita figura - termo que empregamos sem intenção de desdouro - diz que “não é nem de esquerda nem de direita”, que é “a favor do Brasil”. Através de uma pirueta verbal, parafraseia o mantra que é comum entre a extrema direita: “Meu partido é o Brasil”. Agora, que o autoritarismo, os fracassos e os crimes diversos das forças bolsonaristas estão ficando cada vez mais evidentes, alguns dos que se julgam “conservadores de fato” têm procurado se diferenciar do bolsonarismo. A este, chamam “extrema direita”, no que têm razão. Diga-se que esse afastamento e essa diferenciação em relação ao bolsonarismo não é derivado de simples esclarecimento acerca de sua natureza extremista. É, isto sim, um movimento oportunista em decorrência do relativo enfraquecimento da extrema direita. Houvesse Bolsonaro ganhado mais um mandato presidencial e, muito provavelmente, isso não aconteceria. Estariam, somos levados a crer, juntos (conservadores de fato e extrema direita) em sua cruzada contra as forças “comunistas” e “diabólicas”, superando heroicamente os inconvenientes de tal união, em prol de um “bem maior”.

a *Ementa* e o *Plano de Ensino* da disciplina, expondo e justificando³ o percurso que faremos. A certa altura da exposição, o sujeito - de modo respeitoso, vale frisar - levanta a mão e faz a seguinte indagação: “Mas o senhor tem um lado, não tem?”

A entonação das palavras e sua postura corporal deixavam claro que a pergunta não era retórica. De fato, isso lhe inquietava. Tampouco a questão se circunscrevia aos interesses acadêmicos - o que confere a ela, a nosso juízo, ainda mais validade.

Afinal, se o/a docente fosse ignorar, pelo que quer que seja, todo questionamento sob a desculpa de que remete a algo para além da disciplina, qual seria o sentido social da academia? De outra banda, interessa indagar: é possível ensinar eficaz e exitosamente ignorando a visão de mundo que conforma os valores dos estudantes e que, não obstante, eles trazem para dentro de sala, confrontando o que estão aprendendo com o que já sabem? Segundo entendemos, isso é não apenas impossível de ser evitado - a não ser que o docente seja indiferente ou autoritário para ignorar ou reprimir questões assim

³ Em qualquer trabalho acadêmico, esclareçamos, a justificativa é necessária para mostrar a relevância do que e/ou do como se faz, o que equivale a mostrar que as opções feitas (autores, obras, temas etc.) não são tocadas ao sabor do simples arbítrio. Sem nunca anular o elemento subjetivo presente em todo fazer científico, por essa via, mostra-se que tais opções não são fruto de puro capricho e preferências do investigador ou do professor. Decerto que a mesma disciplina poderia ser bem diferente, a depender de quem a ministrasse, de acordo com o que lhe parecesse mais pertinente no campo da teoria e/ou da realidade. Expliquemo-nos. A disciplina poderia estar voltada apenas para a exposição de seus principais teóricos. Por outro lado, poderia conjugar teoria e realidade, isto é, o professor poderia trabalhar aqueles teóricos que são referência na área e, a partir de seu arcabouço teórico, fazer um exercício de análise de dada(s) realidade(s), destacando nesse processo as potencialidades e os limites dos autores escolhidos. Nestas, como em quaisquer outras possibilidades de construção e orientação da disciplina, quem por ela fosse responsável deveria também justificar suas opções, apresentando os critérios de que se valeu para sua empreitada.

suscitadas -, mas pode servir como oportuno pretexto para vivas e salutares discussões.

A seu modo, o aluno colocava em questão a “neutralidade” do professor, profissional do conhecimento, tomando-o por um militante e, no fim, reduzindo a própria ciência (*episteme*) a mera opinião (*doxa*). Vê-se, daí, que a pergunta sobre “neutralidade” não era ingênua e nem mesmo “neutra”, a despeito do que pudesse supor quem a formulara.

Prova disso é que o mesmo aluno que levantou a questão da neutralidade manifestou-se, na mesma aula primeira, efusivamente quando comentamos que iríamos analisar criticamente o projeto de “desenvolvimento sustentável” implementado no Acre pelos governos petistas, entre os anos 1999 e 2008 (Ver SOUZA, 2014 e 2021). Perguntou logo como poderia conseguir os textos que tratavam do assunto.

Resumidamente: tão logo os adversários dos “conservadores” entraram em cena, como objeto de reflexão crítica, a atitude de desconfiança do aluno cedeu lugar a uma atitude de incontido interesse.

Bem sopesadas as coisas e melhor dizendo, o estudante reduzia a ciência não a uma opinião qualquer, corrente, e sim a uma opinião política. O primeiro tipo de opinião, sublinhe-se, carregaria o atenuante da ignorância, reflexão geralmente formada espontaneamente, sem rigor e sistematicidade; a segunda, por esclarecida, carregaria o agravante da intenção (o *dolo*), da má-fé.

Por trás dessa opinião última, em alguma medida, restaria uma intenção maldosa ou, no mínimo, maliciosa. Olhada por esse ângulo, de exposição científica, a aula viraria “doutrinação”, para utilizar termo hoje corrente em nosso meio.

Marcas dos dias que atravessamos, a forte polarização política e a hostilidade à ciência - e aos sujeitos e instituições que com ela lidam

- conferem ainda mais importância ao tema. Será oportuno aproveitar o ensejo para traçar uma reflexão que exponha a relevância epistemológica e política do que está em questão, oferecendo o que consideramos adequado enquadramento do problema.

Para tanto, a partir de angulações distintas e recorrendo a autores de orientações teórico-políticas diversas e mesmo divergentes⁴, problematizaremos a noção “neutralidade” a partir de três significados que comumente ela assume nesse tipo de indagação, quais sejam: *imparcialidade*, *objetividade* e *apartidarismo político*. Na *verdade efetiva das coisas*, para usar uma feliz expressão de Maquiavel, esses significados representam dimensões que são indissociáveis entre si. Se aqui seguem “separadas”, é por simples busca de clareza na exposição. Parafraseando Gramsci (2007, p. 47), dizemos que se trata de uma “distinção metodológica”, apenas isso.

Como nossa educação está assentada na ciência, tudo quanto discutimos sobre a ciência tem suas consequências para a educação. Quer isto dizer que estamos discutindo ambas conjuntamente, mas a ênfase, neste momento, recairá mais sobre a ciência, ficando implícitos ou em segundo plano seus efeitos sobre a educação. A esta última caberá mais centralidade em outros dos textos que seguem.

Antes do mais, importa ainda dizer que a reivindicação de “neutralidade” no campo da ciência é, hoje, muito difusa em nossa sociedade. Por certo, em parte, isso se deve à força que o senso comum exerce em uma sociedade com notório *déficit* educacional⁵ como a

⁴ Não temos a intenção de tratar o pensamento desses autores à exaustão. Nem mesmo pretendemos nos deter nos pontos em que convergem ou divergem. O uso que faremos deles será estritamente limitado a problematizar a noção de “neutralidade” na ciência, objetivo do presente texto.

⁵ Conforme entendemos, esse *déficit* educacional não diz respeito apenas à falta de escolarização, mas engloba ainda a educação deficiente. Ou seja, diz respeito

nossa, algo potencializado pela polarização política que estamos atravessando. No entanto, é indiscutível que isso também se faz presente no âmbito acadêmico, em razão da força que, por exemplo, os positivistas⁶ exercem em nosso meio. Não há motivos para que os subestimemos. Eles conseguiram inscrever seu lema na bandeira nacional: *Ordem e progresso*.

Em sua “figuração ideal-típica”, lembra Löwy, o positivismo está fundamentado num certo número de premissas que estruturam um “sistema” coerente e operacional. Entre estas premissas, consta que

As ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à *observação* e à explicação causal dos fenômenos, de forma *objetiva, neutra, livre de julgamento de valor ou ideologias*, descartando previamente todas as prenoções e preconceitos (LÖWY, 2003, p. 17) (itálicos nossos).

Isso posto, avancemos. Nas primeiras seções, discutiremos as ciências sociais. Na seção derradeira, entretanto, trataremos, sumariamente, as ciências naturais, com destaque para a física.

também àqueles que, tendo passado pelo sistema educacional e tendo até recebido diploma, obtiveram uma educação inadequada, precária. Ao contrário de uns tantos que veem nisso o fracasso de nossa educação, compreendemos que, por mais eficiente que seja, a educação brasileira - e não apenas ela - é incapaz de, sozinha, resolver os problemas sociais que acabam desaguando nas salas de aula e que funcionam como obstáculos - por vezes, insuperáveis - ao processo educacional. Trataremos disso mais à frente.

⁶ O positivismo e alguns de seus autores principais serão tratados mais à frente, no texto *A dimensão político-ideológica da neutralidade no positivismo de Comte e Durkheim*.

Imparcialidade

Se com “neutralidade” quer-se dizer *imparcial*, devemos registrar que, dados os *limites do conhecimento humano e a grandeza e a riqueza infinita* das coisas naturais e das coisas sociais, ela é impossível. Nosso conhecimento jamais deixará de ser parcial. Por mais amplo que seja ou almeje ser, sempre cobrirá apenas uma *parte* da *total realidade*. Evidentemente, isso que diz respeito ao conhecimento também diz respeito àqueles que o produzem e o difundem (em programas de entrevista, revistas, jornais, meios de comunicação, redes sociais ou em sala de aula etc.), porque, neste como em qualquer outro caso, não se pode separar a criatura de seu criador.

Numa abordagem histórica, Weber (2016, p. 267) - teórico que alguns afirmam ser o “Marx da burguesia” - argumentava que “nenhum destes sistemas de pensamento, que são imprescindíveis para a compreensão dos elementos significativos da realidade, pode esgotar a sua [da realidade social] infinita riqueza”. Em razão das transformações que inevitavelmente ocorrem, “o aparelho intelectual que se desenvolveu no passado, encontra-se em contínuo confronto com tudo o que podemos e queremos quanto ao conhecimento novo da realidade” (WEBER, 2016, p. 267).

Em campo teórico e político outro, embora opere com a categoria de “totalidade”, também encontramos no marxismo a constatação da parcialidade ou, para usar sua própria terminologia, da “relatividade do conhecimento”. Em *História e consciência de classe*, Lukács defendia que “Não é o domínio de motivos econômicos na explicação da história que distingue de maneira decisiva o marxismo da ciência burguesa, mas o ponto de vista da totalidade” (LUKÁCS, 2003, p. 105). Para o filósofo, a noção de “totalidade concreta” seria “a

categoria fundamental da realidade” (LUKÁCS, 2003, p. 79), sendo esta a razão pela qual “O método dialético em Marx visa ao conhecimento da sociedade como totalidade” (LUKÁCS, 2003, p. 106).

A fim de evitar possível confusão, Tonet faz importante alerta sobre a adequada compreensão da categoria de *totalidade*, diferenciando-a de *tudo*:

É preciso então distinguir claramente entre *totalidade* e *tudo* [...]. Tudo significa o conjunto - obviamente infinito - de todas as partes e aspectos da realidade. [...] Totalidade, porém, na perspectiva marxiana, expressa o fato de que a realidade social é um conjunto articulado de partes. Cada uma dessas partes é, em si mesma, uma totalidade, de maior ou menor complexidade, mas jamais absolutamente simples. Expressa ainda o fato de que as partes que constituem cada um desses conjuntos se determinam reciprocamente⁷ e que sua natureza é resultado de uma permanente processualidade. Expressa também o fato de que há uma relação dialética entre o todo e as partes, sendo, porém, o todo o momento determinante⁸. E,

⁷ No universo restrito de cada totalidade, tudo se relaciona com tudo, em maior ou menor medida, diretamente ou indiretamente.

⁸ “Momento determinante” ou “dominante” é central para o entendimento da categoria totalidade. Se o “todo” da totalidade não tivesse mais peso do que as partes na relação que aquela mantém com estas, nada haveria que garantisse unidade a elas. Sem um momento dominante, em vez de “um conjunto articulado de partes”, teríamos o mais completo caos com todo seu cortejo de implicações, como uma indeterminação universal, por exemplo. Ora, num universo indeterminado por completo e carente de causalidade, em que não se pode obter determinações, regularidades e tendências, a ciência seria possível? “Deus não joga dados”, diria Einstein indignado. Não obstante, dentro de uma totalidade, não há equivalência entre suas diversas partes. Sempre cabe mais peso a uma ou mais partes. Respondendo sempre a condições específicas e variáveis, essas partes

por fim, expressa o fato de que esse conjunto é permeado por contradições e por mediações que resultam no dinamismo próprio de todos os fenômenos sociais e na específica concretude de cada um deles (TONET, 2013, p. 96).

Diferenciando-se do “tudo” (aquilo que acima tratamos por “total realidade”), a totalidade é ela mesma *parcial*, posto ser *parte* de algo maior. E esta parte que ela é, por sua vez, também é composta de outras partes, formando por isso e com isso uma *totalidade de totalidades*. Noutras palavras,

[...] cada totalidade é relativa [isso] significa que, quer em face de um nível mais alto, quer em face de um nível mais baixo, ela resulta de totalidades subordinadas e, por seu turno, é função de uma totalidade e de uma ordem superiores; segue-se, pois, que esta função é igualmente relativa (LUKÁCS *apud* PAULO NETTO, 2011, p. 58).

Disso decorre que “cada totalidade é relativa e mutável, mesmo historicamente: ela pode esgotar-se e destruir-se - seu caráter de totalidade subsiste apenas no marco de circunstâncias históricas determinadas e concretas” (LUKÁCS *apud* PAULO NETTO, 2011, p. 58). Estamos falando, portanto, de totalidades formadas por totalidades, em contínuo evoluir, processualidade perene, eterno devir, enquanto não se conclui o processo de entropia. Na célebre sentença

dominantes dão a direção - não sem a resistência (mesmo que seja por inércia) das demais partes - à totalidade, oferecendo-nos a possibilidade de captar sua dinâmica e tendências. Obviamente, também o acaso tem aí seu lugar.

de Marx e Engels (2006, p. 88): “Tudo o que é sólido desmancha no ar”.

Neste ponto da reflexão, impõe-se explicitar o que até aqui pode ter ficado apenas implícito, mas que é fulcral para a reflexão que estamos desenvolvendo sobre o conhecimento. Trata-se do fato de que a relatividade do conhecimento - sua parcialidade, segundo a terminologia de que partimos - não é algo que advenha apenas dele em si, isolado e independente de tudo o mais⁹.

Em verdade, essa relatividade advém da necessária relação que o conhecimento mantém com seu objeto. Dito de outra maneira: olhando por este prisma, o conhecimento é parcial porque parcial é seu objeto. Objeto do conhecimento e conhecimento se determinam e condicionam reciprocamente.

Marx afirmara que “não há ciência absoluta” (MARX e ENGELS, 2020, p. 90). De fato, não há nem pode haver uma “ciência de tudo”, uma ciência que dê conta de tudo e diga tudo sobre tudo de uma vez por todas. E bem entendidas as coisas, a relatividade do conhecimento não se dá apenas em razão de a realidade ser infinita, mas também porque ela - a realidade - é relação, movimento e transformação. Recorrendo mais uma vez a Lukács:

[...] o conjunto da realidade é sempre mais rico¹⁰
que a lei mais adequada e é precisamente este fato

⁹ Não se pode aquilatar, devidamente, a precisão de um pensamento tomando-o isoladamente, pois que não há conhecimento que seja verdadeiro em si mesmo. Na verdade, só se pode julgar a correção de um pensamento confrontando-o com seu objeto, mesmo que seja um objeto teórico. É nesta confrontação que se pode mensurar o grau de sua maior ou menor aproximação (“relatividade”) do objeto.

¹⁰ O que quer que venhamos a dizer de correto, por exemplo, sobre as relações políticas e econômicas, devemos dizê-lo tendo sempre presente que a realidade a que nos referimos é muito mais complexa (“rica”) do que apresentamos em termos

que melhor ilustra o papel da relatividade enquanto momento, na evolução do conhecimento científico [...] A lei concreta não será jamais senão a aproximação da totalidade real, sempre móvel, incessantemente mutável, em todos os sentidos infinita, que o pensamento não poderá jamais esgotar de uma maneira perfeita (LUKÁCS, 2011, p. 32).

Desse modo, é imperativo dizer que todo conhecimento é sempre determinado pela *grandeza, riqueza e processualidade*¹¹ de seu objeto. É sempre em presença de seu objeto (quer social, quer natural) que o conhecimento tem adequada medida de seus potenciais e, igualmente, de seus limites. Nos dizeres de Lukács,

O conhecimento, na medida em que é justo, isto é, total, reflete sempre um conjunto composto de totalidades unidas por laços orgânicos, mas só acede a ele por aproximação. Isto é assim, primeiro porque cada “todo” (cada círculo, para retomar a expressão de Hegel) que o conhecimento toma por objeto (a estrutura econômica de tal país, por exemplo) faz ao mesmo tempo parte de uma totalidade ainda mais vasta tanto histórica quanto teoricamente, o que significa que objetivamente sua totalidade é relativa. E isto é assim ainda

de leis e categorias. Quem poderia escrever sobre todas as causas e efeitos da Segunda Guerra Mundial? E se alguém pudesse escrever, o que explicaria falando de absolutamente tudo? Sem fazer um recorte temporal, selecionando alguns motivos, episódios e sujeitos reputados como mais relevantes, não estaria fadado a nos apresentar senão um caos?

¹¹ Do modo como empregamos, *Grandeza*: trata da escala da totalidade - ou das totalidades - tomada para reflexão; *Riqueza*: os diversos componentes de que são formadas e as múltiplas relações que as totalidades mantêm com eles (*intra-totalidade*) e entre si (*inter-totalidades*), isto é, com outras totalidades; *Processualidade*: os movimentos e as transformações das totalidades.

porque o conhecimento que podemos ter da totalidade é necessariamente relativo, sendo apenas uma aproximação. É somente apreendendo correlações móveis, multilaterais e sempre mutáveis dos elementos, que chegaremos - nos limites de nossas possibilidades historicamente determinadas - a cercar cada vez mais a realidade objetiva (LUKÁCS, 2011, p. 40).

Ora, é justamente pelo fato de o “mundo exterior [ser] ao mesmo tempo movimento e transformação” que “a evolução das ciências e a evolução da própria vida impõem-nos a todo momento novas provas da relatividade dos fenômenos, assim como [dos] conhecimentos que temos deles” (LUKÁCS, 2011, p. 28; p. 24).

Se o objetivo do conhecimento científico é apreender seu objeto tal como ele é, com suas características, então deve refletir em si mesmo aquilo que este é e segui-lo em seus movimentos e transformações. Isto é: o conhecimento deve ser relativo tal como o é seu objeto, espelhando-o o mais fielmente possível e acompanhando-o em sua processualidade. É a isso que Lukács alude:

A realidade objetiva sendo ela mesma um processo feito do movimento dos fenômenos que evoluem para tornar-se seu contrário, a reflexão não poderia pretender reproduzi-la de uma maneira adequada [fiel a ela], a não ser com a condição de ser ela mesma [a reflexão] dialética (LUKÁCS, 2011, p. 30).

É nesta compreensão da realidade, baseado no que dissemos acima, que Marx assenta sua visão, não apenas do conhecimento científico, mas de todas as formas de conhecimento. Diz ele:

Os mesmos homens que estabelecem as relações sociais de acordo com sua produtividade material produzem também os princípios, as ideias, as categorias, de acordo com suas relações sociais. Assim, essas ideias, essas categorias, são tão pouco eternas quanto as relações sociais que elas exprimem. Elas são *produtos históricos e transitórios* (MARX, 2017, p. 102).

De permanente, apenas o movimento: “Há um movimento contínuo de crescimento nas forças produtivas, de destruição nas relações sociais, de formação nas ideias; de imutável só existe a abstração do movimento - *mors immortalis*” (MARX, 2017, p. 102). Vem daí um dos principais fundamentos da crítica marxiana à economia política burguesa, que tende a eternizar coisas que só dizem respeito à sociedade capitalista e que, portanto, são transitórias. O autor alemão alega:

Ricardo, depois de supor a produção burguesa como necessária para determinar a renda, aplica-a, todavia, à propriedade fundiária de todas as épocas e de todos os países. Esse é o erro de todos os economistas, que apresentam as relações de produção burguesa como categorias eternas (MARX, 2017, p. 137).

Lukács dá o seguinte enfoque ao problema, sublinhando a dialética do absoluto e do relativo em nosso conhecimento:

Nossos conhecimentos são apenas aproximações da plenitude da realidade, e por isso mesmo, são sempre relativos: na medida, entretanto, em que

representam a aproximação efetiva da realidade objetiva, que existe independentemente de nossa consciência, são sempre absolutos. O caráter ao mesmo tempo absoluto e relativo da consciência forma uma unidade dialética indivisível (LUKÁCS, 2011, p. 33).

O autor complementa, sem sucumbir ao irracionalismo:

O conhecimento certamente não atingiu ainda toda a realidade, mas isto é apenas um encorajamento para o progresso. Os objetos mais preciosos, mais elevados do nosso pensamento, não foram sempre o reflexo da realidade objetiva? Nosso progresso humano não é função do aprofundamento dessa interação? (LUKÁCS, 2011, p. 36).

Objetividade

Passemos ao segundo significado de “neutralidade”. Neste sentido outro, ela é tomada como sinônimo de “objetividade”, ausência ou negação de subjetividade, de julgamentos de valor e ideologias. Não obstante aproximar-se do positivismo em alguns elementos de sua perspectiva científica, Max Weber é categórico ao afirmar que

Não existe nenhuma análise científica totalmente “objetivada” da vida cultural, ou [...] dos “fenômenos sociais”, que seja independente de determinadas *perspectivas especiais e parciais*, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou explicitamente, consciente ou inconscientemente, *selecionadas, analisadas e*

organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa (WEBER, 2016, p. 233) (itálicos nossos).

Essas “perspectivas especiais e parciais”, assim definidas pelo próprio autor, sem medo de que isso prejudique o caráter científico da investigação, operam com inafastável necessidade ao longo de todas as fases da pesquisa: na escolha e definição do objeto (início), na sua análise (meio) e na exposição dos resultados da investigação (fim). Nesse sentido, fica descartada a possibilidade de “neutralidade”, na acepção de que partimos nesta seção. Ilustremos com um exemplo.

Lukács foi, talvez, o maior crítico da especialização (estreitamento e separação) dos ramos do saber científico, fenômeno que definia como pertencente ao processo de reificação. Para ele,

Quanto mais desenvolvida e científica¹² ela [a ciência] for, maior é sua probabilidade de se tornar um sistema formalmente fechado de leis parciais e especiais, para o qual o mundo que se encontra fora do seu domínio e sobretudo a matéria que ela tem por tarefa conhecer, ou seja, *seu próprio substrato concreto de realidade*, passa sistemática e fundamentalmente por *inapreensível* (LUKÁCS, 2003, p. 229).

Pelo prisma lukácsiano, com o qual estamos de acordo, seria um prejuízo para a reflexão “separar” a *sociologia* da *história*; *apolítica* da *economia*; a *ciência* da *filosofia* e por aí vai. Entretanto, observem, mesmo tomando como referência um saber “demasiado especializado” (estreito), como o da Ciência Política tradicional, seria

¹² “Científica” aqui figura como sinônimo de rigorosa e especializada.

inviável levar adiante uma pesquisa sem partir, antes, de uma “escolha” nesse campo, já bastante limitado.

Se vamos pesquisar algo no campo da política, vamos pesquisar o quê? O sistema eleitoral? Os partidos? O Congresso? A opinião dos eleitores? Que escala temporal tomaremos como referência: toda história ou um período em especial? Que escala geográfica usaremos: o bairro, o município, o país, um continente, o globo?

Mesmo em campo já bem restrito, somos obrigados a fazer escolhas, atribuindo valores a certos fenômenos a partir de nossa perspectiva “especial e parcial”. Se acertada ou equivocada; se pertinente ou irrelevante; se factível ou não... Não importa. Na base de qualquer pesquisa, há uma escolha. É disso que Weber trata ao dizer:

[...] todo o conhecimento da realidade infinita, realizado pelo espírito humano finito, baseia-se na *premissa tácita* (itálico nosso) de que apenas um fragmento limitado dessa realidade poderá constituir de cada vez o objeto da compreensão científica e de que só ele será “essencial” no sentido de ser “digno de ser conhecido” (WEBER, 2016, p. 233).

Weber prossegue, na mesma senda,

[...] sem as *ideias de valor do investigador*, não existiria nenhum *princípio de seleção*, nem o conhecimento sensato do real singular, da mesma forma como sem a *crença do pesquisador* na significação de um conteúdo cultural qualquer, resultaria completamente desprovido de sentido todo o estudo do conhecimento da realidade individual, pois também a orientação da sua *convicção pessoal* e a *difração de valores no*

espelho da sua alma conferem ao seu trabalho uma direção (WEBER, 2016, p. 243) (itálicos nosso).

Embora não a leve a bom termo, seguindo-a em todas as suas implicações, a conclusão a que chega o autor é que o “conhecimento científico-cultural [...] encontra-se preso, portanto, a premissas ‘subjetivas’ [...]” (WEBER, 2016, p. 244). Consequentemente, “todo conhecimento da realidade cultural é sempre um conhecimento subordinado a pontos de vista especificamente particulares” (WEBER, 2016, p. 243). Como diria Leonardo Boff (2007, p. 15), “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”.

Seguindo Weber, até aqui, vimos o quanto que as “escolhas” são imprescindíveis para qualquer pesquisa, deitando por terra qualquer pretensão de neutralidade (ausência de valoração) na ciência. Para um melhor entendimento do tema, descenderemos a um nível ainda mais basilar, tratando daquilo que está aquém ou mesmo além das “escolhas” que estão mais no nível do consciente. É o que faremos a partir do marxismo, abordando conjuntamente a formação social do indivíduo e de sua consciência.

N’A *ideologia alemã*, Marx e Engels formaram a ideia de que “a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens” (MARX e ENGELS, 2007, p. 35). Em linguagem lapidar, os autores alegam que

O “espírito” [a consciência] sofre, desde o início, a maldição de estar “contaminado” pela matéria, que, aqui, se manifesta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, em suma, sob a forma de linguagem (MARX e ENGELS, 2007, p. 34).

Ainda sobre o assunto em tela, acrescentam:

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real (MARX e ENGELS, 2007, p. 93).

O que estas citações ressaltam é que, em quaisquer tempo e lugar, a consciência é um “produto social” e jamais deixará de sê-lo. Como produto social, tudo o que ela é deve à sociedade. Exigir “neutralidade” - na acepção que ora discutimos, não percamos isso de vista - do conhecimento é como exigir que ela deixe de ser o que é.

Refletindo sobre a relação entre indivíduo e sociedade, Marx alertava:

Acima de tudo é preciso evitar fixar mais uma vez a “sociedade” como abstração frente ao indivíduo. O indivíduo é o *ser social*. Sua manifestação de vida - mesmo que ela também não apareça na forma imediata de uma manifestação *comunitária* de vida, realizada simultaneamente com outros - é, por isso, uma externalização e confirmação da *vida social*. A vida individual e a vida genérica do homem não são diversas, por mais que também - e isto necessariamente - o modo de existência da vida individual seja um modo mais *particular* ou mais *universal* da vida genérica, ou quanto mais a vida genérica seja uma vida individual mais *particular* ou *universal* (MARX, 2010, p. 107) (destaques do autor).

Apontando o fundamento antropológico da questão, Marx dizia, um tanto ironicamente, em outro texto seu de juventude: “o

homem não é um ser abstrato, acorrido fora do mundo. O homem é, de fato, *o mundo do homem*” (MARX, 2010a, p. 30) (destaques do original). Isso implica dizer que, quando falamos indivíduo/individual, falamos, na mesma respiração, sociedade/social. Como esperar que o indivíduo, ao se expressar, faça-o com “neutralidade”, isto é, sem expressar os valores e ideias que o conformaram e conformam? Absurdo não é que ele expresse. Não. Absurdo é querer que ele não o faça.

Noutro registro, definindo psicologia social, também Freud sublinha o nó indivíduo-sociedade:

A oposição entre psicologia individual e psicologia social ou de massas, que à primeira vista pode parecer muito significativa, perde boa parte de sua agudeza se a examinarmos mais detidamente. É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter satisfação de seus impulsos instituais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto *a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado* (FREUD, 2011, p. 14) (itálico nosso).

Avançando nessa trilha, Marx diz algo mais especificamente voltado para o fazer científico:

Posto que também sou *cientificamente* ativo etc., uma atividade que raramente posso realizar em

comunidade imediata com outros, então sou ativo *socialmente* porque [o sou] enquanto *homem*. Não apenas o material da minha atividade - como a própria língua na qual o pensador é ativo -, me é dado como produto social, a minha *própria* existência é atividade social; por isso, o que faço a partir de mim, faço a partir de mim para a sociedade, e com a consciência de mim como um ser social (MARX, 2010, p. 107) (itálicos do original).

Em suma, Aristóteles (2004, p. 146) tinha razão. O homem é um *animal social*¹³. Social é o indivíduo, sua existência e sua

¹³ Há traduções diferentes para a expressão grega *zoon polikon*, utilizada por Aristóteles nessa passagem de sua obra *Política*. Uns optam por *animal político* e outros, por *animal social*, tal como fizemos. Na verdade, como o autor usa, *animal social* significa ambas as coisas, remetendo tanto à *sociedade* (coletivo) como à *política* (cidade, Estado, administração da justiça etc.). Veja-se que, mesmo nas traduções que optam pelo político, consta que “o homem é um animal mais político do que as abelhas ou qualquer outro *animal gregário*” (ARISTÓTELES, 2004, p. 146) (itálico nosso), mostrando a unidade entre uma e outra dimensão. Noutra passagem, em que desdobra o assunto, o filósofo prossegue: “A prova de que o *Estado* é uma criação da natureza e tem prioridade sobre o indivíduo é que o indivíduo, quando isolado, não é auto-suficiente; no entanto ele o é como *parte relacionada com o conjunto*. Mas aquele que for incapaz de *viver em sociedade*, ou que não tiver necessidade disso por ser auto-suficiente, será uma besta ou um deus, não uma *parte do Estado*. Um *instinto social* é implantado pela natureza em todos os homens” (ARISTÓTELES, 2004, p. 147) (itálico nosso). Olhada assim, no conjunto, vê-se que a definição aristotélica do *zoon politikon* remete tanto ao *social* quanto ao *político*, tratando ambas as dimensões de modo indissociável. Consideramos que essas observações são necessárias devido ao fato de que, na modernidade capitalista, as esferas sociais foram se diferenciado e, num exagero contraproducente do ponto de vista heurístico, foram se formando ciências específicas e isoladas para dar conta dessa realidade, como *Ciência Política* e *Sociologia*, por exemplo. A partir da centralização do poder político no Estado moderno, em contraste com o que era no período feudal (em que o poder era descentralizado, sendo cada senhor feudal um rei em seu feudo), e também a partir da obra de autores como Maquiavel e Hobbes, por exemplo, a política foi encarada

consciência. Social, igualmente, é a ciência. Ele a recebeu em sociedade. Ele só pode produzi-la em sociedade e para a sociedade.

Lukács diz coisa idêntica, ao formular o sentido concreto (ou “amplo”) de ideologia. Em sua formulação, “o sentido concreto de ideologia [...] significa apenas - de modo aparentemente tautológico - que, no âmbito do ser social, nada pode ocorrer cujo nascimento não seja determinado por esse mesmo ser social” (LUKÁCS, 2013, p. 468).

O autor acrescenta ainda “que a vida de cada homem e, em consequência, todas as suas realizações, sejam elas práticas, intelectuais, artísticas etc., são determinadas, no final das contas, pelo ser social em que o indivíduo vive e atua” (LUKÁCS, 2013, p. 470). Nem a consciência, nem a ciência - que é produto seu - pode nascer e viver fora dessas relações.

Como dissemos em outra ocasião (SOUZA, 2021a, p. 26-29): o homem constrói a si mesmo e a seus pensamentos com o material e as artes que a sociedade lhe fornece. Por mais genial que seja, por mais originais que sejam suas realizações espirituais, é sempre no chão do ser social que se encontram suas raízes. A este chão, estará atado uma inteira vida.

Invariavelmente, toda realização humana levará consigo a marca do tempo histórico e do meio social em que é forjada. Produto

cada vez mais como relações de poder. Em análise brilhante, a esse fenômeno de fragmentação do saber científico em diversos ramos, separados e mesmo opostos, Lukács (2003, p. 194-240) chama “reificação”. Procurando responder aos problemas que daí decorrem, Wallerstein sugere que “temos de abolir a santíssima trindade do século XIX [...] [a economia, ou o mercado; a comunidade política, ou o Estado; a sociedade, ou a cultura] como as três esferas presumivelmente autônomas da ação humana, com lógicas distintas e processos apartados entre si. Temos de inventar uma nova linguagem que nos permita falar do movimento contínuo, instantâneo, eterno de todos os processos sociais e entre essas três arenas supostamente distintas” (WALLERSTEIN, 2006, p. 261; p. 310-311).

do espírito humano, a exemplo de todos os outros, nada há na ciência que a torne imaculada e imaculável em relação ao ser social em que floresce, pois que mantém com ele uma incontornável relação de recíproca determinação. De modo que podemos afirmar, peremptoriamente, que a ciência padece do mesmo “mal” que todas as outras atividades espirituais dos homens: a de ser maculada pela matéria, para usar novamente palavras de Marx e Engels.

Nesse preciso sentido, reconheça-se ou não, a busca por “neutralidade científica” - se por isto se entende que a ciência não traz em si as marcas da sociedade em que é produzida, mantendo diante dela uma postura de absoluta independência -, mesmo se levada a cabo com grande esforço e profunda convicção, será, sempre e em todo lugar, uma busca vã. A realização humana, qualquer que seja ela, da arte à ciência, da religião à técnica, só escaparia a esse destino à condição de deixar de ser realização humana (SOUZA, 2021, p. 29).

Por essa ótica, Hegel estava coberto de razão ao afirmar em tom provocativo, em *Princípios da filosofia do direito*: “Tão grande loucura é imaginar que uma filosofia ultrapassará o mundo contemporâneo como acreditar que um indivíduo saltará para fora de seu tempo”. O mesmo pode ser dito, de outra forma, com os versos de um poema em que Fernando Pessoa reflete sobre as aporias da pressa. Diz o poeta português: “Ter pressa é crer que a gente passa adiante das pernas/Ou que, dando um pulo, salta por cima da sombra”. Não podemos pular para fora de nosso tempo. Nem passar adiante de nossas pernas nem saltar por cima de nossa sombra, façamos o esforço que for.

Por fim, ainda sobre esse tópico, importa dizer que

A relação entre estrutura social e as formas de consciência é seminalmente importante. Isto porque a estrutura social efetivamente dada

constitui o quadro e o horizonte gerais nos quais os pensadores particulares, em todos os campos do estudo social e filosófico, estão situados e em relação aos quais têm de definir sua concepção de mundo (MÉSZÁROS, 2009, p. 17).

Segue-se daí que

[...] a relação sujeito/objeto no processo do conhecimento teórico não é uma relação de externalidade, tal como se dá, por exemplo, na citologia ou na física; antes, é uma relação em que o sujeito está implicado no objeto. Por isso mesmo, a pesquisa - e a teoria que dela resulta - da sociedade exclui qualquer pretensão de “neutralidade”, geralmente identificada com “objetividade” (PAULO NETTO, 2011, p. 23).

Como diria Thompson,

[...] podemos alcançar a objetividade; o que não podemos alcançar é uma objetividade extrahumana, interestrelar, que seria assim extrassensorial, extramoral e extrarracional. O historiador [os cientistas em geral] pode escolher entre valores, mas não pode escolher ser sem valores, pois não pode escolher sentar em algum lugar fora dos portões de sua própria natureza humana historicamente dada (THOMPSON *apud* DUAYER, 2023, p. 150).

Narrativistas:

hipostasia do relativismo; apostasia da ciência

Aqui é necessário um vaticínio. Não se confunda o que estamos tratando com o relativismo que hoje medra em nosso meio. Estamos nos referindo a um *panrelativismo* que postula que, em razão de toda forma de conhecimento ser social e historicamente condicionada (tal como dito na seção logo acima), bem como por se expressar na forma da linguagem, nenhum conhecimento é completamente “objetivo”.

E já que padecem do mesmo mal, todos eles se equivaleriam, sendo apenas perspectivas diferentes, mas igualmente legítimas e válidas. Isso em um extremo. Em outro, todas as perspectivas seriam igualmente inválidas, arrogantes por se pretenderem “verdadeiras”, “objetivas”. E não falta quem as trate por autoritárias, por se acreditarem portadoras de verdade.

Em um tom levemente zombeteiro, mas fundamentalmente correto, Duayer ressalta que essa perspectiva teórica propõe o absurdo de que “a realidade só poderia ser conhecida diretamente a partir de nenhum ponto de vista” (DUAYER, 2023, p. 43), e sem o uso da linguagem, acrescentamos. Sem acesso direto às coisas, só nos restaria a linguagem. E eis um Kant redivivo.

A linguagem seria, desse modo, uma prisão, sem portas ou janelas. Não ponte; muro. Não lupa; tapa-olhos. Daí que, radicalizando esse entendimento, alguns autores chegarão ao ponto de dizer que “tudo é discurso” ou “narrativa”, elidindo assim a própria realidade, e não apenas a possibilidade de a conhecermos. Kant redivivo, sim. Só que piorado. Ressuscitaram-no para que o pudessem degenerar. Antes, no pensamento kantiano, a “coisa em si” era incognoscível (KANT, 1999). Mas existia. Agora que o ressuscitam para endossar esse

panrelativismo, nem isso há mais. Na ânsia de ser mais kantiano que Kant, findaram por ser menos que Kant.

Exemplo lapidar disso é a frase de Derrida, de acordo com a qual “Não existe nada fora dos textos”. Nesse sentido, além de meio de comunicação, a linguagem não seria um meio de apreensão e expressão das coisas. Seria, antes, um obstáculo ao conhecimento das coisas ou mesmo um sucedâneo delas, não havendo - neste sentido último - nada além da própria linguagem. No princípio era o verbo, e o verbo era também meio e fim... Absolutizado, o verbo seria tudo e tudo seria verbo. Verbo, verbo, verbo... verbo...

A nosso ver, trata-se de concepção pueril e perigosa, a um só turno. E não é por outro motivo que os reacionários de hoje - como os fascistas de ontem - têm verdadeiro apreço por esse relativismo¹⁴. É que ele, suscitando contendas e confusões sem conta, pode servir a toda e qualquer causa, inspirando posturas entre cênicas e cínicas, além de esdrúxulas e contraditórias.

Tomemos o exemplo de Richard Rorty, figura de proa da filosofia contemporânea em cuja formulação teórica subjaz um indisfarçável relativismo. Fazendo da elisão da “verdade” o elemento central de sua teoria, o autor argumenta que “*devemos* [itálico nosso] assumir uma atitude de benigna negligência em relação à verdade” (RORTY *apud* DUAYER, 2023, p. 200). É também dele a opinião de que “a própria ideia de uma ‘questão de fato’ [de que exista algo de fato, objetivo, independente de nós] é uma ideia sem a qual viveríamos melhor”. A simples ideia de verdade seria um inconveniente, um problema, como se pode notar. Melhor seria esquecê-la, abandoná-la, desprezá-la.

¹⁴ Sobre o papel do relativismo no fascismo histórico, ver Konder (2009) e Lukács (2020).

Nos termos de seu constructo teórico, é sua “relatividade epistêmica” que impõe (veja-se que na passagem que citamos ele se vale do verbo “dever”, que designa obrigação) o abandono da verdade. Na feliz problematização de Duayer,

A relatividade epistêmica refere-se unicamente ao fato, reconhecido por todas as partes envolvidas na polêmica, de que nossos conhecimentos são relativos, porque sociais, históricos etc. O problema é que as correntes teóricas hoje predominantes deduzem do relativismo epistemológico o relativismo ontológico. Em outros termos, do caráter transitório e relativo de nossos conhecimentos, deduzem que eles não podem ser objetivos. Do relativismo epistemológico, portanto, deduzem o antirrealismo, ou a paridade de todas as ontologias. De bônus obtêm, como corolário, o relativismo julgamental, vale dizer, a concepção segundo a qual ideias opostas não podem ser objetivamente comparadas, porque, da mesma forma que a beleza está nos olhos de quem ama, a verdade está na ótica de quem afirma (DUAYER, 2023, p. 78-79).

Bem. A beleza estava nos olhos indubitavelmente enamorados de Julieta, conforme podemos constatar na refinada e pujante poesia de Shakespeare. E ainda assim, a jovem Capuleto dizia o seguinte de seu amado Romeu Montecchio, ao mesmo tempo em que refletia sobre a palavra/linguagem e reconhecia a existência de algo para além dela:

Meu inimigo é apenas o teu nome. Continuarias sendo o que és, se acaso Montecchio não fosses. Que é Montecchio? Não será mão, nem pé, nem braço ou rosto, nem parte alguma que pertença ao corpo. Sê outro nome. Que há num simples nome?

O que chamamos rosa, sob outra designação teria igual perfume. Assim Romeu, se não tivesse o nome de Romeu, conservaria a tão preciosa perfeição que dele é sem esse título. Romeu, risca teu nome, e, em troca dele, que não é parte alguma de ti mesmo, fica comigo inteira (SHAKESPEARE, 2008, p. 39) (itálicos nossos).

Embora tenha nos encorajado a abandonar a verdade, Rorty a retoma, mas definindo-a em termos tão banais quanto convenientes. Diz ele: “sem um metro capaz de medir as crenças¹⁵, podemos assumir com James, [...] que ‘a verdade é aquilo em que, para nós, é bom acreditar’” (RORTY *apud* DUAYER, 2023, p. 64).

É bom para “nós” quem? Dado que existe mais de um “nós”, individual e coletivo (sindicatos, associações, empresas, classes, gêneros, nações etc.), isso não seria a exata descrição de uma Torre de Babel, caos completo, estopim para guerras várias, em que cada indivíduo ou grupo reivindicaria para si a verdade, baseado em nada mais do que “aquilo em que, para ele, é bom acreditar”?

Duayer prossegue, problematizando essa visão epistêmica:

E o seu corolário é precisamente o relativismo ontológico. Como não podemos jamais nos situar naquele posto de observação privilegiado [em que não haveria condicionamentos sociais], tudo o que vemos e pensamos do mundo, tanto do natural como do social, só pode ser relativo à nossa posição em seu interior. E o relativo, não sendo absoluto, só pode ser falso, artificial (DUAYER, 2023, p. 209).

¹⁵ Quer dizer, sem algo que possa servir para aquilatar, num “confronto” com as “crenças” (no âmbito das quais ele inclui a própria ciência), quão verdadeiras ou falsas elas são.

Uma das muitas implicações desta proposição é que “a inexistência do mundo real equipara o *status* das ciências naturais com o das ciências humanas” (DUAYER, 2023, p. 42). Rebaixando ambos os grupos de ciência por serem - segundo acredita - incapazes de um conhecimento veraz, o autor os equipara porque “lidariam com constructos sociais e não com uma realidade independente” (DUAYER, 2023, p. 42).

Para sublinhar o absurdo da proposição, recorremos uma vez mais a Duayer:

E é exatamente a natureza objetiva do conhecimento que permite, ao trazer o referente como termo fundamental e ineliminável da equação, a comparação entre descrições opostas de um mesmo objeto ou aspecto do mundo. É precisamente o referente, que existe independente de nossas descrições, que impõe, por exemplo, que a teoria de Einstein seja comparada com a teoria de Newton, e não com a teoria literária (DUAYER, 2023, p. 79-80).

Não se espantem. O poço é ainda mais fundo. Disso deriva, ainda, que “as teorias científicas” não possuiriam “diferença substantiva em relação às demais crenças” (DUAYER, 2023, p. 77), posto que todas elas, sem exceção, compartilhariam os mesmos méritos ou deméritos. Enfim, astrologia e astronomia se equivaleriam; horóscopo passaria por ciência, e ciência, por horóscopo. Vamos ver o que as cartas dizem...

Como se pode notar, ao fim e ao cabo, a *hipostasia do relativismo* leva, inelutavelmente, à *apostasia da ciência* e da

concepção de *verdade*, riscando do mapa também a própria realidade. Se tudo é relativo e todas as perspectivas se equivalem, não fazendo diferença se mais ou menos elaboradas, se mais ou menos fundamentadas, o caminho está aberto ao oportunismo e à desonestidade intelectual mais desabrida. A farsa e a mentira propositais, as falácias e os sofismas de toda sorte, por fim, encontraram guarida e defensores na academia.

Adepto de tais ideias, o professor Hahn faz uma descontraída e impudica confissão, dando boa medida de até aonde isso nos pode levar:

Cometemos um erro quando afirmamos que nos experimentos mentais descrevemos o mundo. [...] No entanto, a economia pode ser extremamente útil - assim como perigosa. [...] Hausman nos dá bons argumentos de por que uma teoria falsa ou que contenha muitos elementos falsos pode, contudo, ser útil. Concordo muito com seu argumento e de fato digo a meus alunos do “Princípio”: tudo que ensinarei a vocês é, em certo sentido, falso, mas útil (HAHN *apud* DUAYER, 2023, p. 33).

Útil para quem? Quem poderia se beneficiar do ensinamento de coisas falsas, sabidamente falsas? Podemos responder facilmente a essas e outras questões ao considerar algumas declarações, de caráter mais nitidamente político-econômicas, dos teóricos do panrelativismo. Sobre isso, certa vez, Rorty afirmou que

[...] *deveríamos* [itálico nosso] apresentar mais disponibilidade para celebrar a sociedade capitalista burguesa como o melhor programa político até hoje existente [...] como o melhor

exemplo de solidariedade [...] jamais alcançado (RORTY *apud* DUAYER, 2023, p. 61).

Mais uma vez, o autor relativista, inimigo declarado da verdade (a não ser em formulação que lhe seja conveniente, como vimos há pouco), lança mão do verbo “dever”, denotando uma obrigação. Comodamente, e sem surpresa nenhuma, assume posicionamento favorável à ordem e àqueles que nela prevalecem.

Como pode fazê-lo, se o que procura mesmo é - pelo menos assim diz por vezes - infirmar certezas e a própria noção de verdade? Onde ele encontra um fundamento seguro, para além da própria opinião e da linguagem, para fazer essa afirmação de grandes implicações? Em ocasião outra, pronunciou-se da seguinte forma, na mesma linha:

Nossa melhor chance de transcender nossa aculturação resulta de sermos criados em uma cultura [liberal, nativa dos países centrais do capitalismo] que se orgulha de não ser monolítica - de sua tolerância para uma pluralidade de subculturas e seu desejo de ouvir as culturas em seu entorno (RORTY *apud* DUAYER, 2023, p. 61).

As palavras escancaram seu etnocentrismo, exibindo-o orgulhosamente. É a partir de sua cultura que ele julga todas as outras, definindo-as, inclusive, como “subculturas”. Todavia, aos olhos das outras culturas, sua cultura não seria uma subcultura ou, quando muito, apenas mais uma cultura, uma igual a todas as outras em legitimidade, mas diferente na forma?

Por outro prisma, vendo isso, nem parece que ele se refere aos países que colonizaram todo o globo, levando milhões de pessoas à

morte, por meios os mais diversos e perversos (ver LOSURDO, 2004, 2006, 2006a e 2010). E vale dizer um truísmo: isso não ficou para trás.

Não é nos países europeus (Espanha¹⁶, França¹⁷, Itália¹⁸, Alemanha¹⁹, Portugal²⁰, Holanda²¹ etc.) que, hoje, a extrema direita se fortalece e manifesta, orgulhosa e estridente, o racismo e a xenofobia? Não é nos países do centro do capitalismo que erguem, hoje, muros contra os imigrantes²² e constroem verdadeiros campos de concentração²³ para eles? E ainda hoje não estão os Estados Unidos provocando guerra em diversas regiões do planeta²⁴? E não foi lá que, recentemente, em mais uma tentativa de chegar à presidência, Donald Trump - em termos claramente racistas - afirmou que os imigrantes

¹⁶ O partido de extrema-direita espanhol Vox quer congelar as autorizações de residência para pessoas de "cultura islâmica | Euronews Acesso em: 20 out. 2023.

¹⁷ Opera Mundi: Extrema direita amplia representação no Senado francês (uol.com.br) Acesso em: 20 out. 2023

¹⁸ Justiça da Itália permite saudação fascista em comícios, a menos que ameace a ordem | CNN Brasil Acesso em: 22 fev. 2024.

¹⁹ Milhares na Alemanha protestam contra extrema direita (terra.com.br) Acesso em: 20 fev. 2024. Uma observação: embora a matéria fale de protestos contra a extrema direita, é preciso dizer que tais protestos são já uma reação ao crescimento desse espectro político naquele país.

²⁰ Extrema direita cresce em Portugal com mentira sobre imigrantes (globo.com) Acesso em: 22 fev. 2024.

²¹ Líder de extrema direita anti-islâmico e contra União Europeia vence eleições na Holanda | Mundo | G1 (globo.com) Acesso em: 19 dez. 2023.

²² Governo Biden vai ampliar muro na fronteira com México para barrar imigrantes | Mundo | G1 (globo.com) Acesso em: 19 out. 2023. Mesmo Biden, considerado menos radical que Trump, segue com a construção do muro contra imigrantes. Quanto a isso, pouca ou nenhuma diferença há entre democratas e republicanos.

²³ Grito de 'Não aos campos de concentração' de imigrantes ecoa na fronteira EUA-México - Jornal O Globo Acesso em: 15 jul. 2019.

²⁴ Somente entre 2001 e início de 2022, os EUA gastaram 8 trilhões de dólares em conflitos militares. A guerra e a morte são vitais para sua indústria bélica. Em poucas palavras, sua indústria bélica vive da morte. Em "nome da paz", EUA gastaram mais de US\$ 8 trilhões | Internacional (brasildefato.com.br) Acesso em: 6 mar. 2022.

“contaminam o sangue”²⁵ dos EUA? Esses discursos e práticas não lembram o nazismo, um dos rebentos do liberalismo?

Nada disso se faz em segredo. É possível acompanhar todos esses processos pelos noticiários. Talvez mesmo por isso os panrelativistas preferam o confinamento da linguagem, desfazendo-se do incômodo de ter que arrostar a realidade. Afinal, como é dito em linguagem coloquial, “o papel aceita tudo”. Tudo cabe na palavra. Eu falo. Tu falas. Eles falam. Vós falais. Todos falam... Todavia, quando em confronto com a história real, nem tudo o que é dito ou escrito se sustenta.

Sobre como essa perspectiva é usada por bolsonaristas, expressão do extremismo e do neofascismo entre nós, lembremos como os defensores de Bolsonaro se valeram dela na CPI da Covid-19. Tudo quanto é prova e argumentos que foram levados à CPI (e-mails, documentos, pesquisas, dados etc.), mas que não interessavam a Bolsonaro, eram negados por seus defensores sob a alegação de que eram “narrativa”.

Para dar mais um exemplo, entre inúmeros outros. Quando instituições várias, através de meios diversos, apontavam o aumento do desmatamento e dos focos de incêndio na Amazônia durante seu governo, Bolsonaro alegou, em evento internacional, que, “por ser uma floresta úmida, ela não pega fogo”²⁶. Isso, sim, é que é “uma atitude de negligência para com a verdade”, para usar os termos de Rorty. Só que, ao contrário desse autor, não podemos qualificar tal atitude como “benigna”.

²⁵ Trump diz que imigrantes ilegais “envenenam o sangue” dos EUA (poder360.com.br) Acesso em 20 dez. 2023.

²⁶ Em Dubai, Bolsonaro diz: “Amazônia, por ser uma floresta úmida, não pega fogo” | CNN Brasil Acesso em: 15 nov. 2021.

Mais polido, Hamilton Mourão alegou que o satélite que ajuda a identificar focos de incêndio “aponta pedra quente como foco de queimada”²⁷. Ainda na negação da situação crítica da Amazônia, declarou em outra ocasião, em tom de lamento: “Nós perdemos o domínio da narrativa”. Dessa forma, certamente de maneira involuntária, reconheceu que o problema para eles era de “narrativa”.

Se tudo é narrativa e não há nada, fora das narrativas, que possa servir de parâmetro ou fundamento para efetuar uma diferenciação entre elas, então todo debate é vão e tudo o que se faz nas redes sociais ou na mesa de um bar, depois de umas tantas canas, é tão válido quanto o que se faz na academia.

Por essa régua, o que diferenciaria a produção intelectual de um Aristóteles da de um Olavo de Carvalho? E não é com base nesse entendimento que os “tiosões do zap” se acham no direito de afrontar jornalistas, professores, pesquisadores, médicos etc., crendo-se tão ou mais qualificados que estes?

Referindo-se aos autores que expressavam o período de decadência ideológica da burguesia, Lukács dizia que se valiam de grandes “fraseologias que soam profundas e até ‘revolucionárias’” (LUKÁCS, 2016, p. 109). No entanto, por baixo dessas camadas, jazia o núcleo reacionário. Respeitadas as devidas diferenças, o mesmo pode ser dito dos *narrativistas* - seja-nos permitido, para definir essa constelação de autores e grupos políticos, sugerir esse termo um tanto deselegante, mas que supomos adequado, por dar relevo ao ponto central de suas produções teóricas: o discurso ou narrativa.

²⁷ Mourão diz que satélite aponta pedra como foco de calor; especialista do Inpe diz que monitoramento de queimadas exclui falsos positivos | Natureza | G1 (globo.com) Acesso em: 25 set. 2020.

Soam revolucionários e antidogmáticos na forma, na superfície, mas não é fortuito o fato de servirem de ancoragem para os extremistas de hoje, que muito se valem de seu relativismo. Os fatos demonstram, à larga, que, ao contrário do que propunha Rorty, não pode haver “uma atitude de benigna negligência em relação à verdade”. Tal atitude, em verdade, tem se mostrado bastante maligna.

Duayer tem razão ao dizer que “essa concepção pode ser lida como se segue: *tudo é relativo*, só há um absoluto, o mundo regido pelo capital” [...] (DUAYER, 2023, p. 100). No fim das contas, o ceticismo de que é portadora significa, sem tirar nem pôr, “aquiescência tácita com *status quo*” (DUAYER, 2023, p. 117).

Para não dar azo a dúvidas, convém dizer que consideramos por demais importante o fenômeno da linguagem, digno de consideração em todos âmbitos da vida social. O que rechaçamos é a tentativa de apartá-lo da vida social e/ou conferir-lhe proeminência em face dos outros fenômenos sociais, elevando-o à condição de alfa e ômega de tudo o mais.

Para não perder a oportunidade, podemos problematizar, ainda, as coisas da seguinte forma: o discurso de que tudo é discurso é, assim como outros, um apenas um discurso. Nesses termos, não há nada que o faça superior aos demais, pois que, sendo discurso, goza da virtude de que os outros também gozam ou, como discurso, padece dos mesmos males que todos os outros. Seja qual for a alternativa, toda e qualquer discussão acerca da verdade perde o sentido. Cachorro correndo atrás do próprio rabo.

Há que se dizer que esta é uma perspectiva plural que, incompreendendo ou simplesmente ignorando propositalmente o relativismo como parte inextirpável do saber científico, o hipostasia, jogando fora a criança com a água do banho. Os adeptos de tal

perspectiva, em cujo seio reluzem os pós-modernos²⁸, partindo dos limites do conhecimento (de sua falibilidade) e da necessidade de dirigirmos críticas ao saber científico, confundem o necessário combate ao cientificismo (dogmatismo científico) com negacionismo e mesmo com obscurantismo.

Apartidarismo

Enfim chegamos a este ponto em que trataremos da “neutralidade” no sentido de “apartidarismo”, tema já presente - um tanto implicitamente - nas seções anteriores.

A exemplo dos significados tratados anteriormente, também este outro é, no mínimo, problemático. Como sabemos, os antagonismos e as desigualdades são fenômenos marcantes e determinantes em nossa sociedade. Nada há de relevante entre nós que não seja determinado pelas relações de poder, relações sabidamente desiguais.

Dessa forma, o trabalho científico que não versar sobre a disparidade de poder dos indivíduos envolvidos nos fenômenos sociais de grande monta deixa de fora de sua análise um dos elementos mais importantes dos que se oferecem à reflexão. Diga-se, aliás, que geralmente a importância do trabalho investigativo decorre da importância do objeto que ele toma para estudo.

Recorrendo uma vez mais a Weber (2016, p. 587), “não é possível excluir da vida cultural o conflito ou a luta. É possível alterar

²⁸ Para uma análise do pós-modernismo, de seu histórico, significados e implicações, em apreciações diversas e divergentes, recomendamos Wood e Foster (1999), Bauman (2001 e 2007), Harvey (1992), Santos e Menezes (2010) e Santos (1999, 2001 e 2010).

seus meios, seu objeto e até a orientação fundamental e seus protagonistas, mas não podemos eliminá-los”. Ora, vivendo numa sociedade atravessada e estruturada por conflitos e antagonismos vários, em que para uns ganharem outros têm que necessariamente perder, é impossível que isso não se expresse nas perspectivas e produções do próprio pesquisador, ainda que de modo distorcido ou inconsciente.

Pela mesma razão, sendo dessa forma, é igualmente impossível que, laborando com matéria importante e conflitiva, a conclusão de uma pesquisa não suscite objeções de um ou de outro lado, sejam as mais leves ou as mais furibundas reações. A um ou a outro, ou mesmo a ambos os lados em contenda, parecerá que o trabalho foi parcial²⁹.

Dê-se a devida ênfase a este ponto: a parcialidade acusada no trabalho não se deve apenas a ele (algo endógeno), tomado em si, pelas ideias e valores de seu autor, mas de como ele é percebido pelos indivíduos a que ele se refere (algo exógeno). A verdade é que não há meio-termo ou procedimento, por mais técnico que seja, que “resolva” uma situação de conflito em que, para um lado ganhar, o outro tem que inexoravelmente perder.

Mantida essa ordem, problemas dessa natureza - relações antagônicas, interesses incompatíveis - não podem ser resolvidos por propostas “equilibradas” e “técnicas”, pois o “que caracteriza o caráter político-social de um problema consiste, precisamente, no fato de não

²⁹ Caso pretendesse evitar esse tipo de situação, restaria ao pesquisador analisar apenas as coisas desimportantes, a respeito das quais pudesse chegar a uma conclusão qualquer e torná-la pública sem afetar os valores e os interesses de absolutamente ninguém. Quem quererá dedicar-se à pesquisa de questões para as quais a sociedade é indiferente? Talvez isso ocorra se o trabalho for pioneiro, debruçando-se sobre coisa, *prima facie*, desimportantes. Todavia, tão logo ganhe relevância, a coisa muda de figura.

se poder resolver a questão com base em meras questões técnicas” (WEBER, 2016, p. 216). Nem mesmo uma postura algo diplomática, no campo da análise científica, que ponderasse sobre todos os ângulos e procurasse harmonizar os interesses, aproximando-os, resolveria os conflitos. Sozinha, não há engenharia teórica capaz de resolver conflitos materiais, pela simples razão de que, por serem materiais, tais conflitos só poderem ser resolvidos material e conflitivamente.

Sobre isso, a seu modo, Weber argumenta:

É óbvio que, em casos particulares, pode ser até mesmo um dever para o político prático, querer conciliar opiniões opostas, ou tomar partido de uma delas. Mas isto não tem nada a ver com a “objetividade” científica. A “linha média” de modo nenhum acerta a verdade mais do que os ideais dos partidos extremos, que sejam de direita ou de esquerda (WEBER, 2016, p. 217) (destaques do autor).

Em outra oportunidade, o autor prossegue, na mesma direção:

[...] devemos combater ao máximo a opinião amplamente disseminada de que se atinge a “objetividade” científica pelo confronto entre as diversas avaliações e por um compromisso “diplomático” entre elas. O “meio-termo” não só é indemonstrável cientificamente [...] quanto as avaliações “mais extremadas”: na esfera das avaliações, ele é o menos inequívoco (WEBER, 2016, p. 569) (destaques do autor).

Imaginemos, contudo, que, buscando uma postura “neutra” e “apartidária”, o sujeito da investigação - ou o professor em sala -

resolva não agir. Para o cientista e para o professor, em razão da especificidade de suas práxis, “não agir” significaria não palestrar, não publicar, não tratar dos temas em aulas ou entrevistas etc.

Quanto a isso, mesmo um autor que não cansou de protestar contra a militância da ciência e da docência, alerta:

toda ação, e também, de modo natural, conforme as circunstâncias, a “não-ação” implicam, no que tange às suas consequências, uma tomada de posição a favor de determinados valores, e, deste modo, em regra geral, “contra outros valores” (WEBER, 2016, p. 213) (destaques do autor).

Em linha idêntica, Lukács afirma:

[...] o conceito social de ação possui uma extensão mais ampla. Pois cada ato de um ser humano não só tem lugar num ambiente social precisamente determinável, mas é, na medida em que está ligado à vida pública, simultânea e inseparavelmente, um momento de promoção ou inibição de um processo social. Disto resulta que, aqui, o conceito de neutralidade, de se abster da ação, perde o seu sentido, ao passo que, por este aspecto, a inação também é uma ação, não diferindo, em princípio - no que diz respeito à responsabilidade - do caráter autenticamente ativo de uma conduta. [...] Isso significa que a abstenção do agir sempre implica em uma afirmação ou negação daquela situação, estrutura, instituição etc., que normalmente conforma o núcleo daquela intenção de uma conduta [*Tat*] ativa, dirigida positiva ou negativamente (LUKÁCS, 2021, p. 229).

À luz dessas palavras, é correto dizer que, ao não tomar posição (partido), o sujeito já toma partido. O sujeito “apartidário”, conscientemente ou inconscientemente, *opera por omissão* e este posicionamento seu se dá no sentido de manutenção do *status quo*, isto é, fortalece as desiguais relações e aqueles a quem elas favorecem.

E como se passam as coisas nas ciências naturais?

Por fim, cremos ser oportuno fazer breve referência a como isso se passa no âmbito das ciências naturais. Não pretendemos fazer uma reflexão pormenorizada de como se dá o fazer científico nas ciências ditas “puras” ou “exatas”. Pretendemos, de modo um tanto sumário, tematizar alguns tópicos pertinentes ao que discutimos nas páginas precedentes. Para tanto, trataremos primeiro de problemas de *ordem interna* a essas ciências, passando, em seguida, ao tratamento de problemas de *ordem externa*.

Como é sobejamente sabido, as ciências naturais são tomadas como referência de cientificidade e objetividade, em contraste com as ciências humanas e sociais, que são consideradas imprecisas e ideológicas. Que as ciências humanas e sociais sofram influência e que estejam voltadas para exercer influência é algo praticamente tautológico de se afirmar. Que cientista social não há de querer que seu trabalho seja influente, que, em face de dadas questões, oriente os indivíduos nesta ou naquela direção?

Versando sobre este assunto, Lukács advertia:

Nas ciências sociais, a questão [da relação entre conhecimento científico e ideologia] é objetivamente mais simples, mas subjetivamente

ainda mais controversa. Ela é mais simples porque o fundamento ontológico de toda ciência social é constituído por pores teleológicos que visam provocar modificações na consciência dos homens, em seus futuros pores teleológicos. Só com isso, tanto sua gênese quanto o seu efeito já contém um elemento irrevogavelmente ideológico (LUKÁCS, 2013, p. 563).

Guardadas as devidas diferenças, isso não significa, porém, que o mesmo não se dê com as ciências naturais. Tal como as ciências humanas e sociais, também as ciências naturais são um produto social. Nesta ineliminável condição, também elas estão sujeitas a influências diversas, das mais nobres às mais sórdidas.

Todo mistério que possa haver em torno da questão se dissipa quando se sabe que “a ciência não é um agente soberano material e politicamente autossuficiente” (MÉSZÁROS, 2004, p. 285). Já em seus dias, Marx e Engels (2007, p. 31) observaram que “Mesmo essa ciência natural ‘pura’ obtém tanto sua finalidade como seu material apenas por meio do comércio e da indústria, por meio da atividade sensível dos homens”.

Ancorados nisso e numa angulação um pouco diferente da do autor, podemos subscrever a tese de Santos (2001, p. 89), de acordo com a qual “Todas as ciências são sociais”. De fato, toda ciência é produzida pela sociedade; pelos cientistas, seres sociais. Como poderia sua produção intelectual, mesmo no campo natural, não ser social?

Não é a natureza que faz conhecimento de si e entrega, sem intermediários ou mediações, à sociedade. É a sociedade quem produz tal conhecimento e, segundo sabemos, apenas ela pode fazê-lo. “Assim sendo, todo o conhecimento científico-natural é conhecimento científico-social” (SANTOS, 2001, p. 89).

Santos alude ainda ao fato de que

Todas as recentes teorias científicas [...] introduzem na matéria os conceitos de historicidade e progresso, de liberdade, de autodeterminação e até de consciência que antes o homem e a mulher tinham reservado para si. Refiro-me à teoria das estruturas dissipativas de Prigogine, à sinérgica de Haken, à da “ordem implicada” de David Bohm, à matriz-S de Geoffrey Chew e à filosofia do “bootstrap” que lhe subjaz e ainda à síntese entre a física contemporânea e o misticismo oriental de Fritjof Capra.

Todas elas têm uma vocação não dualista e algumas são especificamente orientadas para superar as incompatibilidades entre a mecânica quântica e a teoria da relatividade de Einstein. É como se nos tivéssemos lançado na aventura de conhecer os objetos mais distantes e diferentes de nós próprios, para, uma vez aí chegados, nos descobrirmos reflectidos como num espelho (SANTOS, 2001, p. 90).

Nota-se, logo, que o autor aduz a uma “tendência para a superação da distinção entre ciências naturais e ciências sociais” (SANTOS, 2001, p. 90). E arremata:

É como se a máxima de Durkheim tivesse se invertido e em vez de serem os fenómenos sociais a ser estudados como se fossem fenómenos naturais, serem os fenómenos naturais a ser estudados como se fossem fenómenos sociais (SANTOS, 2001, p. 91-92).

A partir da física, Sklar dá testemunho desse processo de aproximação entre ciências naturais e ciências sociais. Assim argumenta o autor de *A filosofia da física*:

Quando tentamos acomodar os enigmáticos dados da observação que as novas revoluções científicas nos impuseram [com destaque para a mecânica quântica e a teoria da relatividade], depressa descobrimos que a viabilidade de muitos conceitos que mais valorizamos para lidar com o mundo depende da presença de certos aspectos estruturais da nossa imagem do mundo. Em alguns casos, nem percebemos a existência desses aspectos, até eles serem colocados em questão por teorias físicas novas e revolucionária (SKLAR, 2021, p. 15).

À luz disso, é forçoso fazer uma digressão neste ponto. Dizíamos acima que um dos efeitos de proposições como as de Rorty foi equiparar ciências naturais e ciências sociais. Entretanto, essa aproximação entre ambos os conjuntos de ciência de que falam autores como Santos e Sklar não se dá, como no caso de Rorty, ao preço de anular suas possibilidades de conhecimento da realidade, mantendo-se ainda na equação do fazer científico a realidade e a verdade.

Com efeito, a recente aproximação entre essas ciências distintas, de que ora tratamos, expressa uma crise nas ciências naturais. Descobertas revolucionárias, em seu seio, desconcertou-as e mostrou que, ao fim, elas não são assim tão “puras”, “exatas” e “objetivas” quanto se pensou por longo tempo.

Como uma crise assim, de fundas consequência, não tem efeitos unívocos, alguns cientistas naturais tomaram caminho que os aproximou bastante de posturas pós-modernas. Foi o caso, por exemplo, de Niels Bohr (1995), que, entre outras coisas, por conta da

relação constatada entre “sujeito e objeto”, chegou a colocar em suspeição o estatuto do conhecimento humano e a própria natureza objetiva do mundo.

A confusão estava armada. E autores como Quine trataram de levá-la adiante, confundindo a seu modo a ciência com crenças. Felizmente, vozes dissonantes foram capazes de manter a noção de verdade e a existência da realidade como elementos fulcrais da ciência. Vejam-se a esse respeito, apenas para citar alguns, os esforços de Bohm (2015) e Feynman (2012), e de Einstein (1999) antes deles.

De Bohm, importa registrar o quanto era sabedor dos limites da ciência, sem entretanto jamais rechaçá-la, sempre valorizando seu poder efetivo de produzir conhecimento veraz. Sobre essa perspectiva, Peat faz magistral resumo. Para Bohm, argumenta Peat:

Nenhuma lei é absoluta ou final. Cada lei fornece uma aproximação sucessivamente melhor a uma verdade absoluta, à qual jamais se pode chegar num tempo finito, pois ela é infinita em todos os aspectos, tanto qualitativos como quantitativos (PEAT *apud* PETRÔNIO, 2015, p. 15).

De outra banda, vale guardar a instrutiva crítica que Searle dirige a Quine, citando-o textualmente:

É bastante conhecida a argumentação de Quine de que sua aceitação da existência das partículas da física atômica era uma *posição* equivalente, enquanto posição, à aceitação da existência dos deuses de Homero. Muito bem, mas daí não decorre que a existência de elétrons ou de Zeus dependam de nós. O que depende de nós é se aceitamos ou rejeitamos a teoria que *diz* que eles existem. A

teoria é verdadeira ou falsa a depender de se eles existem ou não, independentemente de aceitarmos ou rejeitarmos tal teoria (SEARLE *apud* DUAYER, 2023, p. 46).

Isso posto sobre problemas de *ordem interna*, agora gostaríamos de chamar a atenção para problemas de *ordem externa* - que não estão separados daqueles -, destacando as diferentes condições materiais de produção no campo das ciências humanas e sociais, de um lado, e das ciências naturais, de outro.

Sobre isso, Mészáros observa algo óbvio, mas de muita pertinência: “é muito mais dispendioso criar e conservar faculdades de ciências exatas nas universidades do que um número equivalente de faculdades de ciências humanas” (MÉSZÁROS, 2004, p. 284). O autor segue ressaltando que

[...] *grande número* de cientistas na sociedade contemporânea só pode trabalhar se tiver *recursos materiais* que excedem em muito, *anualmente e em média*, o prêmio Nobel concedido a um número *insignificante* de cientistas *uma vez na vida*. Estamos preocupados aqui com um conjunto de grandes restrições e determinações que apontam numa direção oposta à da emancipação [da ciência e do cientista naturais], a despeito das alegações em contrário por parte dos ideólogos da ordem estabelecida (MÉSZÁROS, 2004, p. 284) (destaques em itálicos são do autor).

Com um poder de desmontar os lugares-comuns, uma das conclusões a que Mészáros (2004, p. 284) chega é que, por força dessas condições, “os cientistas naturais são até menos ‘*freischwebend*’ (isto

é, ‘livres’ ou ‘desvinculados’) do que seus colegas nas ciências humanas e sociais”. Isso porque

Sociólogos e filósofos podem continuar a escrever livros críticos à ordem social estabelecida mesmo que tenham sido colocados em inúmeras “listas negras”. É claro que o mesmo não se aplica aos cientistas naturais, os quais perdem as condições instrumentais e institucionais indispensáveis a sua atividade, se ousarem criticar a ameaça à sobrevivência humana representada pelo complexo-industrial militar, fato que é comprovado pelas atribuições de figuras notáveis como Oppenheimer, Wiener e outros. Sem dúvida, tal diferença nas condições objetivas da produção intelectual põe em relevo a medida da dívida da sociedade para com cientistas que se levantaram contra os perigos que eles percebem, desafiando as consequências. Ao mesmo tempo, também ajuda a explicar porque, em média - nas universidades e em toda parte -, os cientistas naturais assumem uma posição consideravelmente mais conservadora do que seus colegas do setor de humanas, em vez de serem mais objetivos, mais neutros, mais independentes e, portanto, potencialmente mais críticos, como sugere a lenda (MÉSZÁROS, 2004, p. 284).

Ontem como hoje, é possível expressar em números o submetimento das ciências naturais aos poderes políticos e econômicos que, de fora e de cima, ditam seus rumos. No universo capitalista, esse submetimento acarreta uma série de perigos. É ainda Mézáros quem aponta que “mais de 70% de toda a pesquisa científica dos Estados Unidos é controlada pelo complexo-industrial militar, e, na Grã-

Bretanha, o dado equivalente corresponde a 50%” (MÉSZÁROS,2004, p. 285).

Para quem acompanha os noticiários internacionais, é fácil perceber que o atrelamento entre ciência e guerra não ficou para trás. Enquanto escrevemos estas linhas, em razão da guerra na Ucrânia - mas não só -, o gasto militar mundial cresce pelo oitavo ano consecutivo, atingindo os níveis de gastos da Guerra Fria³⁰. Com sua indiscutível capacidade de domínio da matéria e de seu consequente poder destrutivo, a ciência potencializa enormemente esses perigos.

Vivendo num período marcado pelos confrontos bélicos e consciente do papel que os cientistas desempenhavam no processo que então se desenrolava, Albert Einstein - um dos maiores cientistas de todos os tempos, indubitavelmente -, assumiu postura lúcida e corajosa. Contrapondo-se à orientação bélica do governo dos EUA e chamando os cientistas à responsabilidade, Einstein argumentava:

Se o governo seguir este curso fatídico, nós, cientistas, devemos nos recusar a nos submeter a suas exigências imorais, ainda que elas contem com o apoio da máquina legal. Existe uma lei não escrita, aquela da nossa própria consciência, que deve ser ouvida muito mais do que qualquer lei criada em Washington. E existem, é claro, mesmo para nós, as armas fundamentais: a não-cooperação

³⁰ Em meio à guerra na Ucrânia, gasto militar mundial bate novo recorde | VEJA (abril.com.br) Acesso em: 28 abr. 2023. Mais recente, tanto a Rússia quanto a OTAN aumentaram também seus gastos militares (Rússia aumentará gastos militares em quase 70%, mostra orçamento | CNN Brasil e Países da Otan aumentam 8% dos gastos em defesa (poder360.com.br) Acesso em: 15 out. 2023.). Com o início da Guerra de Israel contra o povo palestino, o montante desses gastos aumentou. Ver Israel investiu US\$ 23,4 bilhões em aparato militar, o equivalente a 4,5% do PIB do país em 2022 | CNN Brasil Acesso em: 20 out. 2023.

e a greve (EINSTEIN *apud* MÉSZÁROS, 2004, p. 275).

Veja-se que o grande físico reconhece as influências sociais, de “fora” e de “cima”, pressionando e influenciando a produção científica na busca de certos fins. Ele bem sabia que tais influências não sumiriam, como que por encanto, se elas fossem simplesmente ignoradas. Note-se também que ele não prega a “isenção de valores” e a “neutralidade”, expulsando para fora dos domínios da ciência a moral e todas as visões de mundo dos cientistas. Ao contrário disso, ele se refere a uma exigência de recusa moral às “exigências imorais” do governo. “Devemos nos recusar”, são as palavras que ele usa.

Einstein não ignorava os conflitos. Tampouco recuava diante deles, alegando suposta neutralidade. Sem medo de ser acusado de “ideológico”, “traidor da pátria”, “comunista” etc., na citação acima, ele acrescenta que os cientistas devem dar mais ouvidos à “lei não escrita” de suas consciências do que a quaisquer outras, mesmo que estas sejam “criada(s) em Washington”. Devemos salientar as implicações dessa postura, a fim de que tenhamos a real dimensão da estatura intelectual e moral dessa notável figura: naquela conjuntura, isso significava, no mínimo, risco de prisão ou exílio.

A verdade é que, movido por suas convicções morais e humanistas, Einstein nunca se resignou à função de um técnico “neutro” e “apartidário”, mero cumpridor de suas funções, sem nunca se importar com as consequências do que faz. Percebendo que forças estranhas e perigosas estavam arrastando a ciência para o centro do conflito bélico, com perspectivas catastróficas para o futuro da humanidade, defendia que “a não-cooperação em questões militares deve ser um princípio moral essencial para todos os verdadeiros cientistas” (EINSTEIN *apud* MÉSZÁROS, 2004, p. 276).

O físico bem sabia que a ciência e os cientistas não são imunes ao que ocorre fora de seus restritos domínios. Mesmo que fosse um cientista natural, sempre esteve atento ao que ocorria no âmbito mais amplo da sociedade e que impactava sua práxis (ver EINSTEIN, 2023). Compreendia que o que realizava como cientista era *parte (parcial) de um todo*, tendo aí um lugar e uma função. E, diante de perigos, nunca deixou de se posicionar, *tomando partido (partidário)*.

Certa feita, problematizando o papel da ciência, dizia

[...] em tempos de guerra, a ciência aplicada tem dado aos homens os meios para envenenar e mutilar uns aos outros. Em tempos de paz, a ciência tem tornado nossas vidas apressadas e inseguras. Em vez de nos libertar de grande parte do trabalho monótono que tem de ser feito, ela tem escravizado os homens às máquinas; os homens que despendem longas e cansativas horas em seu trabalho, sem nenhuma alegria e com medo contínuo de perder sua renda miserável (EINSTEIN *apud* MÉSZÁROS, 2004, p. 281).

Sua consciência e sua sensibilidade social eram de tal ordem que, por vezes, o levavam a momentos de angústia. As forças contra as quais se debatia eram hercúleas. Sentindo-se sufocado ante o controle dos poderes políticos e econômicos sobre a ciência, ele afirmou, em tons um tanto melancólicos:

Se eu fosse novamente um rapaz e tivesse que decidir como ganhar a vida, não tentaria me tornar um cientista, um acadêmico ou um professor. Escolheria antes ser um encanador ou um vendedor ambulante, na esperança de encontrar aquele modesto grau de independência ainda possível nas

atuais circunstâncias (EINSTEIN *apud* MÉSZÁROS, 2004, p. 277-278).

No entanto, ciente que era de sua responsabilidade, o grande físico não abandonou a luta por uma sociedade mais justa, mais humana. Nesta luta, arriscou sua liberdade e hipotecou sua reputação. Para ele, sua fama e sua exposição pública o obrigavam ainda mais a se posicionar frente aos problemas sociais em que estava implicado.

E já que iniciamos esse texto tratando de um episódio ocorrido em sala de aula, seja-nos permitido concluir com um episódio de igual natureza. Numa palestra para estudantes, cumprindo o papel de cientista e professor ao mesmo tempo, Einstein aproveitou a oportunidade para encorajar seus jovens ouvintes a, no exercício de seus ofícios, não olvidarem da justiça social. Eis suas palavras:

A preocupação com o próprio homem deve sempre constituir o principal objetivo de todo esforço tecnológico, preocupação com os grandes e não resolvidos problemas de como organizar o trabalho humano e a distribuição dos bens de consumo de maneira a assegurar que os resultados do nosso pensamento científico possam ser uma bênção para a humanidade, e não uma maldição. Jamais se esqueçam disso quando estiverem refletindo sobre seus diagramas e equações (EINSTEIN *apud* MÉSZÁROS, 2004, p. 281).

Representante mais que habilitado das ciências naturais, Einstein demonstrou com sua práxis que o posicionamento social não é algo que seja estranho ou, necessariamente, prejudicial ao fazer científico. Em verdade, isso é parte intrínseca dele. Um dever. Quanto a isso, para o autor das teorias da relatividade (a especial e a geral), há

valores inegociáveis, que não se podem relativizar: o bem da humanidade, a segurança e a dignidade de cada homem e mulher.

Ao fim desse percurso, cabe-nos dizer que toda objetividade possível no conhecimento - sempre parcial, vale repetir - passa forçosamente pela subjetividade, o que está longe de significar que não possa haver objetividade. Não é porque a ciência não sabe tudo que ela não sabe nada. Não é porque tudo quanto sabemos só possa ser apreendido e expresso pela linguagem que tudo seja apenas linguagem.

Olhando as coisas por esse ângulo, concluímos que, mais que fraquezas ou problemas, parcialidade, subjetividade e posicionamento social são condições inelimináveis da ciência. Queira-se ou não, estarão presentes em qualquer fazer científico. O problema é se, com isso, o pesquisador há de se aproximar da realidade, tal como ela é. Ou se, ao contrário, com isso, há de se afastar da realidade, quem sabe distorcendo-a.

Como se vê, esses elementos podem levar tanto a uma coisa como a outra, mas nunca, absolutamente nunca, podem ser eliminados de qualquer pesquisa científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Vida e obra**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro, 2007.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

BOHR, Niels. **Física atômica e conhecimento humano**: ensaios 1932-1957. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.

- BOHM, David. **Causalidade e acaso na física moderna**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- CARLI, Ranieri. **O método em Marx: a verdade e a essência da matéria**. Capinas: Papel Social, 2019.
- CHERNOVA, Anna. **Rússia aumentará gastos militares em quase 70%, mostra orçamento**. Disponível em: <Rússia aumentará gastos militares em quase 70%, mostra orçamento | CNN Brasil> Acesso em: 15 out. 2023.
- DUAYER, Mário. **Teoria social, verdade e transformação: ensaios de crítica ontológica**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.
- EINSTEIN, Albert. **A Teoria da Relatividade Especial e Geral**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- EINSTEIN, Albert. **Einstein socialista: entrevistas, manifestos e artigos do maior cientista do século XX**. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2023.
- ENGELS, Friedrich. **Anti-Dühring: a revolução da ciência segundo o senhor Eugen Dühring**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- EURONEWS. **O partido de extrema-direita espanhol Vox quer congelar as autorizações de residência para pessoas de “cultura islâmica”**. Disponível In <O partido de extrema-direita espanhol Vox quer congelar as autorizações de residência para pessoas de "cultura islâmica | Euronews> Acesso em: 20 out. 2023.
- FEYNMAN, Richard. **Sobre as leis da física**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2012.
- FRANCE PRESSE. **Governo Biden vai ampliar muro na fronteira com México para barrar imigrantes**. Disponível In <Governo Biden vai ampliar muro na fronteira com México para barrar imigrantes | Mundo | G1 (globo.com)> Acesso em: 19 out. 2023.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere, Vol. 3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1999.
- KONDER, Leandro. **Introdução ao fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LOSURDO, Domenico. **Democracia ou bonapartismo**: triunfo e decadência do sufrágio universal. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- LOSURDO, Domenico. **Liberalismo**. Entre civilização e barbárie. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006.
- LOSURDO, Domenico. **Contra-história do liberalismo**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006a.
- LOSURDO, Domenico. **A linguagem do império**: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: Boitempo, 2010.
- LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 2003.
- LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classes**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUKÁCS, Gyorgy. **Materialismo e dialética**: crise teórica das ciências da natureza. Brasília: Editora Kiron, 2011.
- LUKÁCS, Georg. **A destruição da razão**. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.
- LUKÁCS, György. **Marx e Engels como historiadores da literatura**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LUKÁCS, György. **A responsabilidade social do filósofo e outros escritos políticos**. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global, 2006.

- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel**. Introdução. São Paulo: Expressão Popular, 2010a.
- MARX, Karl. **Miséria da filosofia**: resposta à Filosofia da miséria, do senhor Proudhon. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Cartas sobre “O capital”**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- MÉSZÁROS, István. **Estrutura social e formas de consciência**: a determinação social do método. São Paulo: Boitempo, 2009.
- MOYSÉS, Adriana. **Extrema direita amplia representação no senado francês**. Disponível *In* <Extrema direita amplia representação no Senado francês - Opera Mundi (uol.com.br)> Acesso em: 20 out. 2023.
- NADEAU, Barbie Latza. **Justiça da Itália permite saudação fascista em comícios, a menos que ameace a ordem**. Disponível *In* <Justiça da Itália permite saudação fascista em comícios, a menos que ameace a ordem | CNN Brasil> Acesso em: 22 fev. 2024.
- O GLOBO. **Extrema direita cresce em Portugal com mentira sobre imigrantes**. Disponível *In* <Extrema direita cresce em Portugal com mentira sobre imigrantes (globo.com)> Acesso em: 22 fev. 2024.
- O GLOBO. **Grito de “Não aos campos de concentração” de imigrantes ecoa na fronteira EUA-México**. Disponível *In* <Grito de 'Não aos campos de concentração' de imigrantes ecoa na fronteira EUA-México - Jornal O Globo - Pesquisa Google> Acesso em: 15 jul. 2019.
- OLIVEIRA, Débora. **Israel investiu 23,4 bilhões em aparato militar, o equivalente a 4,5 do PIB do país em 2022**. Disponível *In* <Israel investiu US\$ 23,4 bilhões em aparato militar, o equivalente a 4,5% do PIB do país em 2022 | CNN Brasil> Acesso em: 20 out. 2023.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2011.

PAIXÃO, Fernanda. **Em “nome da paz”, EUA gastaram mais de 8 trilhões**. Disponível *In* <Em "nome da paz", EUA gastaram mais de US\$ 8 trilhões | Internacional (brasildefato.com.br)> Acesso em: 6 de mar. 2022.

PETRÔNIO, Rodolfo. Apresentação *In* BOHM, David. **Causalidade e acaso na física moderna**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015, pp. 9-42.

PINHEIRO, Lara. **Mourão diz que satélite aponta pedra como foco de calor; especialista do Inpe diz que monitoramento de queimadas exclui falsos positivos**. Disponível *In* <Mourão diz que satélite aponta pedra como foco de calor; especialista do Inpe diz que monitoramento de queimadas exclui falsos positivos | Natureza | G1 (globo.com)> Acesso em: 25 set. 2020.

PODER360. **Trump diz que imigrantes ilegais “envenenam o sangue” dos EUA**. Disponível *In* <Trump diz que imigrantes ilegais “envenenam o sangue” dos EUA (poder360.com.br)> Acesso em: 20 dez. 2023.

REUTERS. **Líder da extrema direita anti-islâmico e contra a União Europeia vence eleições na Holanda**. Disponível *In* <Líder de extrema direita anti-islâmico e contra União Europeia vence eleições na Holanda | Mundo | G1 (globo.com)> Acesso em: 19 dez. 2023.

RIGUE, André. **Em Dubai, Bolsonaro diz: Amazônia, por ser uma floresta úmida, não pega fogo**. Disponível *In* <Em Dubai, Bolsonaro diz: “Amazônia, por ser uma floresta úmida, não pega fogo“ | CNN Brasil> Acesso em: 15 nov. 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2001.

- SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2010.
- SHAKSPEARE, William. **Tragédias**: teatro completo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- SKLAR, Lawrence. **A filosofia da física**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.
- SOUZA, Israel. **Democracia no Acre**: notícias de uma ausência. São Paulo: PUBLIT, 2014.
- SOUZA, Israel (org.). **“Desenvolvimento sustentável no Acre”**: leituras críticas. Rio Branco: EaC Editor, 2021.
- SOUZA, Israel. **A política antipolítica**: aspectos ideológicos da questão. Rio Branco: EaC Editor, 2021a.
- TERRA. Milhares na Alemanha protestam contra a extrema direita. Disponível *In* <Milhares na Alemanha protestam contra extrema direita (terra.com.br)> Acesso em: 20 fev. 2024.
- TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.
- VEJA. **Em meio à guerra na Ucrânia, gasto militar mundial bate novo recorde**. Disponível *In* <Em meio à guerra na Ucrânia, gasto militar mundial bate novo recorde | VEJA (abril.com.br)> Acesso em: 28 abr. 2023.
- WALLERSTEIN, Immanuel. **Impensar a Ciência Social**: os limites dos paradigmas do século XIX. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- WOOD, Ellen Meiksins e FOSTER, John Bellamy (orgs.). **Em defesa da história**: marxismo e pós-modernismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

2

MARXISMO: paixão revolucionária e ofjetividade científica

Introdução

No texto anterior, havíamos discutido criticamente a concepção de “neutralidade” a partir de três significados que, comumente, ela assume nos debates correntes. Vimos que, se tomada como sinônimo de *imparcialidade*, ela é impossível, posto que nosso conhecimento jamais deixará de ser *parcial* diante da *grandeza*, da *complexidade* (riqueza) e da *processualidade* que são marcas da realidade social e natural.

Se, por outro lado, tomada como sinônimo de *objetividade* - em sentido de negação ou ausência de *subjetividade* -, ela é igualmente impossível, pois que toda investigação é atravessada de ponta a ponta por *valores* e *visões de mundo*. Forçosamente, no processo investigativo, a subjetividade se apresenta como um *crivo*, através do qual o pesquisador, no universo das coisas com que se defronta, *seleciona e valora* o que lhe parece pertinente, ajudando-o a não se perder no mais absoluto caos. Desse modo, a subjetividade é uma *pré-condição* sem a qual não se pode chegar à objetividade.

Por fim, se com neutralidade quer-se referir à ausência de *tomada de posição* (o chamado *apartidarismo*), vimos que, também assim, ela é impossível. Toda ciência é influenciada pelo meio social, trazendo em si a marca dos valores e dos interesses da sociedade em que ela se insere. Em verdade, assim são a ciência e o cientista, o sujeito que tem nela o instrumento e/ou objeto de sua práxis. E mesmo que o cientista se negue a agir e tomar posição em face dos conflitos que se lhe apresentam, sua *inação* repercute no meio social, estimulando ou inibindo certos processos e relações sociais. Ou seja, optando pela não tomada de posição, saiba disso ou não, queira ou não queira, ele *opera por omissão*.

Tendo feito esse percurso, essa é a questão que nos colocamos neste momento: é possível ter pleno envolvimento com a questão estudada e, não obstante, ser objetivo (sem nunca deixar de ser, em alguma medida, subjetivo), prezando pela cientificidade da pesquisa?

Procuraremos responder a essa questão nas páginas seguintes, com o fito de dar continuidade à reflexão iniciada nas páginas anteriores, observando-a por outro ângulo. No presente texto, será possível desenvolver e aprofundar um tema que, até aqui, ficou implícito: por vezes, a paixão, o envolvimento com o tema (ou causa) estudado não só não impede como até impulsiona o pesquisador na direção da objetividade possível e necessária.

Creemos que seria muito importante, para uma boa compreensão acerca da produção científica, se voltássemos a discutir a “paixão”, tal como fizera Diderot no âmago de um movimento de muita hostilidade a ela. Do coração do Iluminismo, dizia o enciclopedista:

Pensar-se-ia fazer injúria à razão, caso se dissesse uma palavra a favor de suas rivais. Porém, somente as paixões e as grandes paixões podem erguer a

alma para grandes coisas. Sem elas, nada há de sublime, seja nos costumes, seja nas obras; as belas-artes voltam à infância e a virtude torna-se minuciosa (DIDEROT, s/d. p. 87).

Sobre o mesmo tema, Hegel manifesta opinião similar. Em *A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história*, o grande filósofo alemão destaca “que nada foi provocado sem o interesse de quem esteve envolvido na realização [...] que nada de grandioso no mundo foi realizado sem paixão”.

Diferentemente do que fizemos antes, em que recorremos a autores de perspectivas distintas, agora, versaremos apenas sobre Marx e Engels. Reconhecendo a proeminência do primeiro na elaboração do materialismo histórico - a teoria social criada por ambos -, caberá a ele mais espaço nestas linhas.

A escolha de Marx se deve ao fato de ele ter sido um dos fundadores de uma teoria social que nunca se quis “neutra”, como, cada uma a seu modo, propunham-se a ser a *sociologia positivista* (de Durkheim) e a *sociologia compreensiva* (de Weber).

O que segue não tem a menor pretensão de ser uma análise exaustiva da teoria ou da metodologia marx-engelsiana, aquela elaborada por Marx e Engels³¹. Seguindo nossos propósitos, queremos apenas salientar como sua paixão revolucionária não prescindiu da objetividade científica nem fez menoscabo dela, submetendo-a a seus intentos políticos. Antes, a exigiu em elevado grau, mantendo com ela uma relação de recíproca alimentação.

³¹ Mesmo cientes de algumas diferenças presentes nos textos de ambos os autores, destacadas por estudiosos, trataremos daqueles pontos que os unem, já que o que os diferencia não incide sobre o que tomamos por objeto de análise.

No sentido de complementar e robustecer a reflexão, o mesmo será feito, muito brevemente, com alguns autores consagrados como “clássicos do marxismo” pela tradição. Realizamos essa delimitação porque o marxismo é um movimento demasiado amplo e plural. Isso impede que o que está aqui sendo discutido possa ser, sem mais, aplicado a todo ele. Como em qualquer outro grupo, há uma diversidade no modo de pensar e proceder. Nesse sentido, cumpre dizer que trataremos apenas de alguns exemplos que julgamos representativos desse vasto movimento.

Marx

Animados por uma paixão revolucionária comum, desde seus primeiros dias de parceria política e intelectual, fraterna acima de qualquer dúvida, Marx e Engels primaram pela relação entre teoria e prática, entrelaçando ambas numa dialética relação. Expressão desse espírito revolucionário é a 11ª tese de Marx sobre Feuerbach: Os filósofos apenas *interpretaram* o mundo de diferentes maneiras; porém, o que importa é *transformá-lo*³² (MARX e ENGELS, 2007, p.

³² Para correto entendimento dessa tese, importa não extrair daí a ideia de que Marx, desprezando o importante papel da teoria, fosse um “praticista”. Antes de Lenin (1988, p. 18), Marx e Engels sabiam que “sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário”. O que Marx critica, nessa tese e alhures, é a tendência a descolar a teoria da prática, dando centralidade àquela em detrimento desta. Na 2ª tese sobre Feuerbach, ele postulava: A questão de saber se ao pensamento humano cabe alguma verdade objetiva [...] não é uma questão da teoria, mas uma questão da *prática*. É na prática que o homem tem de provar a verdade, isto é, a realidade e o poder, a natureza ceterior [...] de seu pensamento. A disputa acerca da realidade ou não-realidade do pensamento - que é isolado da prática - é uma questão puramente *escolástica* (MARX e ENGELS, 2007, p. 533) (itálicos do original). Que Marx e Engels reconhecessem o papel das ideias nos processos revolucionários, provam-no suas muitas obras de combate teórico-político (*A sagrada família*; *A*

539). Não menos célebre e igualmente revolucionário é seu chamado à união dos trabalhadores, no *Manifesto Comunista*: Proletário de todos os países, uni-vos! (MARX, 2006, 120).

A exemplo de outros tantos que seguiram seus passos, Marx era devotado à causa da revolução proletária, à qual se manteve fiel até seus últimos suspiros. Dedicou seus melhores anos e energias a ela. Mas isso não significou para ele que, a fim de animá-la, tivesse que recorrer a mentiras e agitações vazias.

Veja-se que, por exemplo, numa obra como o *Manifesto Comunista*, Marx não defende apenas a organização política do proletariado, como algo surgido de nada além de sua vontade. Toda sua proposição política está firmemente ancorada numa análise material (sociológica, econômica, filosófica, histórica etc.) da realidade. Foi a partir de uma análise eminentemente científica que ele deu substrato material e realista ao chamado revolucionário que fez ao proletariado.

A bem da verdade, para que melhor pudesse entender as condições que favoreceriam a revolução proletária e assim encaminhá-la, teve que ser o mais objetivo possível, lançando mão de contínuos e intensivos estudos³³, bem como de impiedosa autocrítica (o que, entre

ideologia alemã; Miséria da filosofia; Anti-Dühring etc.). Para sintetizar com uma obra do jovem Marx: É fato, no entanto, que arma da crítica não pode substituir a crítica das armas, o poder material tem que ser derrubado pelo poder material. No entanto, também a teoria se transforma em poder material assim que se apodera das massas (MARX, 2010, p. 44).

³³ Vejam-se seus inúmeros cadernos de estudos que, juntos, somam milhares e milhares de páginas. A título de exemplo, considerem-se os manuscritos que posteriormente receberam os nomes de *Manuscritos econômico-filosóficos*, *A ideologia alemã* e *Grundrisse*. Embora não tenham sido concluídos, permanecendo na condição de projetos ou rascunhos, usados para autoesclarecimento, esses e outros esboços tiveram grande impacto tanto na academia quanto nos movimentos sociais. Embora apresentassem, ao ver de inúmeros leitores, alto valor científico,

outras coisas, revela que ele não se considerava infalível). Aliás, seu mote filosófico favorito era *De omnibus dubitandum* (“Duvide de tudo”).

Por mais apaixonado que fosse por seu objeto de estudo, Marx jamais poderia falar como um Fiche. Conta-se que, em resposta às objeções de que os fatos contrariavam sua acalentada teoria, teria dito: “Tanto pior para os fatos”. É fora de dúvida que Marx almejava a revolução, que laborou por ela diuturnamente. Contudo, é igualmente fora de dúvida que, em sua concepção, para que ela fosse alcançada, era necessário, antes, apreender da forma mais *objetiva* possível as condições materiais, tal como eram, sem ingenuidade ou subterfúgios.

Daí que, na busca por orientar e esclarecer o movimento revolucionário, dirigiu suas críticas mesmo a análises de cunho revolucionário, mas que não estavam, segundo entendia, devidamente assentadas em bases realistas. Considere-se, quanto a esse ponto, sua relação com os anarquistas Proudhon e Bakunin. De parceiros, passaram a adversários energicamente combatidos.

Marx postulou que “Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquela com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado” (MARX, 1997, p. 21). Essa é uma das ideias mais centrais do materialismo histórico e foi basilar na produção teórica de Marx. Entre outras coisas, podemos concluir por ela - e nos expressando em forma de paráfrase - que a revolução não se faz apesar dos fatos (da realidade), mas em razão dos fatos.

Ela, a revolução, só seria possível em consonância com uma realidade que lhe possibilitasse e desse sustentação. Fora disso,

Marx, demasiado rigoroso, achou por bem retê-los consigo e não os dar ao público, optando por melhorá-los (o que nem sempre ocorreu).

proposições revolucionárias, no melhor dos casos, não passariam de erro de cálculo. No pior dos casos, seriam devaneios que, de derrota em derrota, poderiam levar o movimento revolucionário à ruína.

É por isso que, nos escritos de Marx e Engels, *compromisso intelectual* (rigor científico) e *compromisso social* (opção pela revolução) comparecem atados um ao outro, numa relação em que um alimenta e exige o outro. No *corpus teórico* que consolidaram, os objetivos políticos ousados exigem, para sua consecução, uma ciência igualmente ousada e rigorosa; uma ciência que, uma vez alcançada, sustentaria e impulsionaria os objetivos políticos.

É pela mesma razão que Marx - e Engels - foi, ao mesmo tempo e na mesma medida, um grande revolucionário e um grande cientista. Ele, deve-se dizer, só conseguiu ser uma coisa porque fora também a outra. Sua paixão revolucionária não seria a mesma sem sua objetividade científica nem sua objetividade científica seria a mesma sem sua paixão revolucionária.

Encontramos prova disso ao longo de toda sua produção. Todavia, como dizíamos acima, não temos a menor pretensão de fazer uma análise exaustiva da teoria ou da metodologia marxiana. Para tanto, teríamos que mergulhar em sua vasta e diversificada obra, como outros tantos já o fizeram de modo magistral (LUKÁCS, 2003; NETTO, 2011; CARLI, 2019; MÉSZÁROS, 2002; TONET, 2013; CHASIN, 2009; DUSSEL, 2012 etc.).

Numa opção inusual, reconhecemos, vamos recorrer à correspondência que Marx e Engels trocaram entre si - e com uns poucos colaboradores - durante o período de elaboração, publicação, difusão e repercussão de *O capital*, sua obra maior, para a qual mais laborou e pela qual mais ansiava. No Brasil, essa vasta correspondência ganhou corpo em *Cartas sobre O capital*.

A razão dessa escolha não é difícil de justificar. Contendo elementos autobiográficos, as linhas aí presentes - por vezes, demasiado íntimas - não foram escritas para vir a público. E exatamente por isso, por não trazerem uma prosa voltada para o público, são provas insuspeitas do quão verdadeiros e vigorosos eram os escrúpulos científicos de Marx. Vale registrar: em sua correspondência, Marx se mostra desnudo, sem aquela preocupação com a polidez com que qualquer autor se mostra ao público em obras devidamente concluídas e dadas à impressão.

Especificamente, no processo de produção de sua obra maior, conforme podemos verificar na referida correspondência, Marx pode falar de seu “objetivo diretamente revolucionário”, reputando sua obra como “o mais temível petardo (*missile*) que jamais se lançou à cabeça dos burgueses” e, ao mesmo tempo, dizer que espera, com ela, alcançar, “para o nosso partido, uma vitória no terreno científico” (MARX e ENGELS, 2020, p. 149; 197 e 132). O autor é ciente de que atua em duas frentes: na da política e na da ciência.

Sinais de seu elevado rigor científico, os “escrúpulos” de Marx nunca foram deixados de lado em suas análises. Tão logo assumiu a tarefa de escrever uma crítica à economia política burguesa, disse a respeito do manuscrito em que laborava no ano de 1846:

Como o manuscrito quase terminado do primeiro volume de minha obra se encontra aqui já há algum tempo, não o entreguei para a impressão sem voltar e repassá-lo outra vez a partir do ponto de vista do conteúdo e da forma. É muito compreensível que um escritor que avança em seu trabalho não possa mandar à impressão *palavra por palavra*, seis meses depois, o que havia escrito seis meses antes.

A isto se soma que *Les physiocrates* [Os fisiocratas], em dois volumes *infólio*, apareceram somente em finais de julho, embora estivessem anunciados desde quando estive em Paris, e só chegarão aqui dentro de alguns dias. E, agora, preciso ter em conta esta obra em sua totalidade [...] (MARX e ENGELS, 2020, p. 49).

Essa preocupação de Marx, de estar continuamente atualizado sobre a produção científica de seus dias - e sobre aquilo que, por força da tradição, resistiu ao tempo³⁴ -, foi uma constante em sua vida. Noutra ocasião, dizia ele Engels:

Durante minha ausência, apareceu em Londres um livro de MacLaren [...]; a julgar pelos extratos saídos no *Economist*, é de primeira ordem [...]. Este livro não está, ainda, na biblioteca; em geral, os livros não chegam a ela senão alguns meses depois de sua publicação. Naturalmente, tenho que lê-lo antes de escrever a minha exposição. Pedi, pois, à minha mulher que fosse à *City*, à loja do editor [...]. Porém, para nosso grande espanto, o livro custava 9 xelins e 6 pences - preço bem superior a todo o nosso montante de guerra. Eu me sentiria muito afortunado se pudesses enviar-me essa quantia por uma ordem postal [...]. É possível que o livro não contenha nada de novo para mim; contudo, a julgar pela atenção que lhe presta o *Economist*, e os extratos que eu mesmo li dele, minha consciência teórica não me permite continua sem conhecê-lo (MARX e ENGELS, 2020, p. 131-132).

³⁴ São particularmente notáveis os diálogos que Marx trava com Aristóteles - a quem qualificava como "a mente mais brilhante da Antiguidade" -, numa reflexão acerca do valor.

Mesmo que lhe parecesse que uma obra não tinha “nada de novo” a lhe oferecer, sua “consciência teórica” impunha conhecê-la. Era compromisso consigo, com a ciência, e com a causa da revolução proletária que tanto defendeu. Fosse desses autores que prezam pela pura agitação e vivem de suscitar polêmicas, Marx teria se dispensado do enorme trabalho que era estar a par dos clássicos e dos autores contemporâneos seus. Não era o caso.

Seu ritmo de trabalho era frenético. Embora estafante, em momento nenhum descuidava do público a quem endereçava suas ideias, exigindo de si atualização, amplitude e profundidade. É o que se pode constatar pela citação a seguir e por muitas outras de igual teor:

Estou envolvido num *trabalho gigantesco* - a *maioria dos dias* até às quatro horas da manhã. Este trabalho é de dois tipos:

1) a elaboração dos traços fundamentais da **Economia Política**³⁵ - é absolutamente *necessário ir até o fundo [...] da questão para o público*, e particularmente para mim, livrar-me deste pesadelo [...];

2) a crise atual. A este respeito, ademais dos artigos para o *Tribune*, anoto simplesmente *todo o dia a dia* - o que me toma um *tempo considerável*. [...] Abri três *grandes arquivos*: Inglaterra, Alemanha e França (MARX e ENGELS, 2020, p. 112) (itálicos nossos).

As palavras revelam expressiva honestidade intelectual. Não só com os outros, mas também consigo mesmo. Seus compromissos intelectuais (seu zelo científico) e sociais (com a causa do proletariado)

³⁵ Assim foi chamada, durante bom tempo, a obra que depois recebeu o nome de *O capital*.

se mostram tanto mais notáveis quanto mais se tem em mente que, durante as pesquisas que fundamentariam *O capital*, ele atravessava enormes problemas financeiros e de saúde³⁶. Sobre isso ele mesmo diz, em tom de desabafo, a um colaborador:

Em relação ao atraso em te enviar o manuscrito, explica-o primeiramente a doença que me acometeu [...] Mas, em tudo o que escrevia, eu verificava que meu estilo refletia a minha doença do fígado. E tenho duas razões para não tolerar que motivos de saúde venham a tisonar esta obra: 1) ela é o resultado de 15 anos³⁷ de trabalho e, portanto, fruto do melhor período da minha vida;

2) ela apresenta pela primeira vez, *cientificamente*, um ponto de vista importante sobre as relações sociais. Devo, pois, ao nosso partido, não comprometer a causa escrevendo mal, num estilo baço e tosco que é a marca de um fígado enfermo (MARX e ENGELS, 2020, p. 132-133).

Mais uma vez, saltam aos olhos o zelo para com a cientificidade de seu trabalho e seu fervor para com a causa da revolução. Nem sempre isso foi compreendido por aqueles que aguardavam, ansiosos, os resultados de suas pesquisas. Em sentido quase anedótico, Musto resgata o autorizado testemunho de Lafargue, genro de Marx:

³⁶ Sem condições de tratar mais detidamente desses problemas, contra os quais Marx se debateu por vários anos, recomendamos a leitura de Paulo Netto (2020) e Musto (2018 e 2022).

³⁷ Essa carta é do ano de 1858 e *O capital* - mais precisamente, o primeiro dos três livros que o compõem, cada um com dois volumes - só haveria de ser publicado em 1867, tomando mais quase dez anos de Marx. A falar a verdade, seus estudos lhe consumiram até sua morte, no ano de 1883.

Engels e Marx tinham o hábito de trabalhar juntos. Engels, que também era extremamente meticuloso, perdeu a paciência mais de uma vez diante do escrúpulo de Marx, que se recusava a escrever uma frase se não pudesse comprová-la de dez formas diferentes (LAFARGUE *apud* MUSTO, 2022. p. 47).

O período a que Lafargue faz referência é o ano de 1844. Porém, por tudo o que sabemos da relação de ambos autores, vale paratodo o tempo em que estiveram juntos, isto é, vale por toda a vida. Em1851, acreditando erroneamente que Marx, enfim, houvera concluído sua *Economia Política*, Engels diz um tanto aliviado:

Alegro-me, enfim, por teres concluído tua *Economia Política*: a coisa realmente estava atrasada demais e tu, enquanto tens pela frente um livro que ainda não leste e consideras importante, não consegues escrever (MARX e ENGELS, 2020, p. 80).

Comprovando que tal hábito não se perdera com o tempo, em 1860, Engels escrevia a Marx nos seguintes termos:

Sê, ao menos por uma vez, menos exigente no que se refere aos teus próprios trabalhos; sempre serão excelentes para este público miserável. O essencial é que o livro seja escrito e apareça; os medíocres decerto nunca encontrarão as debilidades que a ti te saltam às vistas; e se se aproxima um período agitado, de que te servirá que todo o trabalho se veja interrompido antes que tenhas concluído *o capital em geral*? Conheço muito bem todos outros inconvenientes que se interpõem no teu caminho;

mas também sei que a principal causa do atraso provém sempre dos teus próprios escrúpulos. No final das contas, é melhor que a obra apareça apressadamente do que não apareça nunca por causa de vacilações desse tipo (MARX e ENGELS, 2020, p. 148).

Evidentemente, sendo um materialista comprometido com a luta revolucionária, a produção de Marx não se restringia à pesquisa bibliográfica. Nem só de livros vivia o pensador. Profundamente imerso em seu tempo, sempre esteve atento ao desenrolar dos fatos. E esse foi outro elemento que pesou sobremaneira na demora da publicação de *O capital*.

Quando da produção de seu segundo volume, Marx informava a um interlocutor:

[...] em nenhum caso eu publicaria o segundo volume antes que a atual crise industrial inglesa alcançasse seu ponto culminante. Desta vez os fenômenos são especiais e em muitos aspectos distintos do que foram no passado e isto (independentemente de outras condições determinantes) se explica facilmente pelo fato de que nunca antes a *crise inglesa viu-se precedida* por uma crise tão terrível quanto esta que já dura cinco anos nos *Estados Unidos, na América do Sul, na Alemanha, na Áustria* etc. É, portanto, necessário observar o curso atual dos acontecimentos até que cheguem a seu amadurecimento antes de poder “consumi-los produtivamente”, isto é, “teoricamente” (MARX e ENGELS, 2020, p. 331).

Na mesma oportunidade, emendava mais à frente:

[...] a quantidade de materiais que possui não só a Rússia, mas também os Estados Unidos etc. etc., me proporciona um agradável “pretexto” para prosseguir em meus estudos, em vez de neles colocar um ponto final e dá-los a público (MARX e ENGELS, 2020, p. 333).

O autor não se apressa a escrever apenas para agitar politicamente o espírito do movimento proletário ou para afagar o próprio ego, pondo de lado as preocupações próprias da ciência, isto é, a preocupação em apreender as coisas como são. Vimos, acima, que ele não falava da crise pelo que ele “achava”, mas a partir do desenrolar da própria crise. Sua teoria se alimentava dos fatos, não se apartando deles.

Por outro lado, é sempre importante considerar que os escrúpulos de Marx não se deviam a uma preocupação fetichista para com a ciência, como se esta fosse um fim em si mesma. Como sabemos, Marx não era um autor academicista. Não falava da academia para a academia.

A preocupação de “confrontar” sua produção teórica com a realidade não era algo que o autor considerasse apenas com o que ainda estava por escrever, como se pode constatar na passagem citada há pouco. A busca da apreensão objetiva da realidade fazia com que ele revisitasse, inclusive, aquilo que já havia concluído:

No que se refere ao capítulo IV, suei sangue e água para encontrar as *coisas mesmas*, isto é, seu *encadeamento*. Ademais, depois de ter terminado, um livro azul [...] atrás de outro veio a aparecer durante o meu último trabalho de revisão e eu me surpreendia ao ver meus resultados teóricos

inteiramente confirmados pelos fatos [facts] (MARX e ENGELS, 2020, p. 217).

De fato, Marx dissera o seguinte sobre seu método de trabalho:

[...] decidi não expedir nada antes de ter o conjunto diante de meus olhos. Quaisquer defeitos que possam ter [...], essa é vantagem de meus escritos, que constituem um todo artístico e não posso chegar a este resultado senão graças a meu sistema de não os dar nunca à impressão enquanto não os tiver *completos* diante de mim (MARX e ENGELS, 2020, p. 186).

Por força desses rigores todos - e por conta de vários problemas financeiros e de saúde, já sinalizados -, Marx morreu sem que conseguisse completar *O capital*, do qual só publicou o primeiro dos três livros. Coube a Engels a honrosa e difícil tarefa de editar e publicar o material que restou. Ao se deparar com a precária condição dos manuscritos, depois da morte de seu parceiro, desabafou: [...] nunca nos revelou o estado de seus trabalhos; e ele exigia, para liberar o que estava pronto sem sentir-se violentado, que tudo estivesse concluído para impressão (MARX e ENGELS, 2020, p. 366).

Embora significasse aumento de ocupação e trabalho, cada novo elemento que aparecesse, desde que lhe parecesse significativo, ganhava a atenção de Marx. À luz de seu *modus operandi*, não surpreende que, a partir dos anos 1860, a realidade da Rússia lhe suscitasse interesse. Isso o motivou a aprender russo, como se fosse “uma questão de vida ou morte”, como sua esposa disse certa vez:

No que se refere à insistência de Meissner a propósito do segundo volume, não foi somente a minha enfermidade que causou a interrupção do meu trabalho durante todo o inverno; pareceu-me necessário dominar o russo. Quando se quer tratar a questão agrária, faz-se indispensável estudar, em suas fontes originais, as condições da propriedade da terra na Rússia (MARX e ENGELS, 2020, p. 298).

Mesmo não tendo conseguido avançar seus estudos e escrita, ao ponto de poder publicar os outros dois livros de *O capital*, Marx esteve completamente absorvido pela publicação e republicação do primeiro livro. Assim foi com as edições alemã, russa e francesa. No *Posfácio* da edição francesa, temos uma boa ideia disso:

Após a conclusão desse trabalho de revisão, fui levado a aplicá-lo também no texto original (a segunda edição alemã), simplificando alguns desenvolvimentos, completando outros, apresentando materiais históricos ou estatísticos adicionais, acrescentando observações críticas etc. Sejam quais forem as imperfeições literárias dessa edição francesa, ela possui um valor científico independente do original e deve ser consultada mesmo pelos leitores familiarizados com a língua alemã (MARX, 2013, p. 95).

Como notamos, o autor continua se esmerando com o conteúdo e a forma de sua obra. Por certo, é incansável sua busca por torná-la, por um lado, mais sólida; e, por outro, mais acessível. No entanto, além disso, há algo que empurra Marx nesta direção: é a compreensão de que a realidade mesma é movimento, contínuo envolver. E, tal como discutimos no texto anterior, se se quer apreender uma realidade em

movimento, é mister que o próprio instrumento de apreensão seja ele também móvel, acompanhando a realidade social em sua processualidade.

Daí que não se pode, com justeza, interpretar essa insistente volta de Marx a seus textos como uma pretensa insegurança sua para com a qualidade de suas análises. Nada disso. É certo que, numa ou noutra análise de sua lavra, algo pode ter ficado de fora ou ter recebido menos atenção do que merecia. Ele jamais ficaria tanto tempo se esmerando em pesquisa e escrita se sua autocrítica não fosse impiedosa.

Todavia, ao lado dessa autocrítica e de seus escrúpulos já devidamente ressaltados, permanece a questão de fundo: a necessidade de apreender a(s) totalidade(s) em suas relações, conflitos, processualidade e tendências, sem lugar para dogmatismos. Guardadas as devidas diferenças, podemos afirmar que, assim como Maquiavel (2007, p. 3; 2010, p. 58) encarava a história como mestra, extraindo dela seus ensinamentos, também Marx o fazia, confrontando seus textos com tudo de novo que os desdobramentos históricos ofereciam.

Quanto a esse ponto último, Engels salienta corretamente que

as leis econômicas em geral [...] só existem na aproximação, na tendência, na média, não na realidade *imediata*. Isto decorre, por uma parte, do fato de sua ação ser contrarrestada pela ação simultânea de outras leis e, por outra, também de sua natureza conceitual (MARX e ENGELS, 2020, p. 466).

Portanto, mesmo no trato das “leis férreas da economia”, vemos uma análise que desautoriza todo mecanicismo, todo economicismo e todo determinismo.

Por fim, cabe destacar que, fiel à sua concepção de ciência e à causa da revolução proletária, Marx, ao fim de sua vida, segue ampliando, diversificando e tornando mais complexos seus estudos. Neste momento derradeiro, vão ganhando vulto em suas análises as realidades nacionais - sobretudo, as não ocidentais -, as de gênero, “raça” e as ecológicas. É o que sustentam autores que se dedicam à análise de seus estudos, tais como Shanin (2017), Anderson (2019), Musto (2018 e 2022), Foster (2005), Saito (2022), Levins e Lewontin (2022) e Robinson (2023), para citar apenas alguns de uns muitos.

Por tudo isso, pode-se concluir que o autor foi coerente com sua visão de ciência. Segundo entendia, “toda a ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (MARX, 2017, p. 880). Por isso a necessidade de “cavar” fundo na realidade, a fim de ver além das aparências, apesar de tudo o que isso pudesse significar em termos de trabalho e cansaço. Em suas próprias palavras: Não existe uma estrada real para a ciência, e somente aqueles que não temem a fadiga de galgar suas trilhas escarpadas têm chance de atingir seus cumes luminosos (MARX, 2013, p. 93).

No mais, cumpre dizer que a pertinência da obra de Marx em nossos dias é atestada pela esperança que ela desperta nos de baixo e pelo temor que ainda suscita nos de cima. Os apologetas do sistema capitalista, preocupados que estão em sacralizá-lo e eternizá-lo, não dão conta de explicar suas contradições. Não é de admirar que, ante as crises, recorram à obra daquele que, mais que qualquer outro, analisou sua anatomia e expôs sua natureza conflitiva e mesmo suicida:

A atual crise financeira global parece estar aumentando a busca por obras de um dos maiores conhecidos e ferozes críticos do capitalismo: o pai

do comunismo, Karl Marx. A editora alemã Karl Dietz, dedicada a livros de pensamento de esquerda disse já ter vendido, neste ano, 1,5 mil cópias da obra mais famosa de Marx, *O Capital*, escrita em 1867. Só no mês passado, foram vendidas 200 cópias, o mesmo número que, no passado, costumava ser vendido em um ano. A Dietz não é a única editora a publicar obras de Marx, mas, segundo a imprensa alemã, lojas ao redor da Alemanha têm visto um aumento de 300% na venda do livro nos últimos meses. O correspondente da BBC David Bamford afirma que muitos veem a atual crise como um fracasso do capitalismo e que a obra de Marx poderia ajudar a entender o que deu errado. Segundo Bamford, o número de visitantes a Trier, na Alemanha, cidade natal de Marx, subiu neste ano para 40 mil. O curador do museu da cidade afirma que já perdeu as contas de quantos visitantes ele ouviu dizer que Marx estava, afinal, certo em suas críticas ao capitalismo³⁸.

Seus inimigos jamais reconheceriam a pertinência de seu pensamento, dessa forma, se não fossem obrigados pelos fatos.

Engels e outros marxistas

Um tanto dessas virtudes que faziam de Marx um grande pensador e um grande revolucionário, ao mesmo tempo, também são compartilhadas por alguns dos continuadores de sua obra. Exemplo

³⁸ BBCBrasil.com | Reporter BBC | Crise aumenta procura por obras de Karl Marx na Alemanha Acesso em: 12 ago. 2009.

primeiro é Engels, seu grande parceiro. Em dada ocasião, após a morte de seu amigo, disse:

Meus amigos russos insistem quase que diária e semanalmente para que eu intervenha contra as revistas e livros russos nos quais as palavras de nosso autor [Marx] são interpretadas erradamente e reproduzem-se de modo inexato. Esses amigos asseguram que minha intervenção bastaria para dar ordem às coisas. Mas recuso constante e imutavelmente tais proposições, pois não posso misturar-me - sem abandonar meu próprio e sério trabalho - numa polêmica desenvolvida num país longínquo, num idioma que não consigo ler tão facilmente como nas línguas europeias ocidentais e numa literatura da qual só conheço fragmentos isolados. Não me encontro em condição de seguir a polêmica, sistemática e corretamente em suas diferentes fases. Em todas as partes existem pessoas que, quando tomam uma determinada posição, não sentem nenhum inconveniente em recorrer à caricatura de pensamentos alheios e a todo gênero de manipulação desonrosa para defendê-la. Se isso se deu em relação a nosso autor, temo que o mesmo aconteça comigo se me obrigarem a intervir na polêmica, primeiro para defender a outros e depois a mim mesmo (ENGELS *apud* LUXEMBURGO, 2021, p. 286-287).

Ninguém tinha mais autoridade que Engels para falar de Marx, onde quer que fosse, com quem quer que fosse. E ainda assim, por uma questão de honestidade intelectual, negou-se peremptoriamente a fazê-lo. Isso não é pouca coisa, já que, como sabemos, desde os dias de Marx vinha-se desenvolvendo um cenário de grande potencialidade revolucionária na Rússia. E Engels, a exemplo do que fizera seu amigo

em outras oportunidades de igual natureza, nega-se a emitir opinião descuidada.

Ele se recusa a fazer o papel de agitador irresponsável, preferindo a isso “seu próprio e sério trabalho”. Também na obra e na vida desse autor se entrelaçam, como num feixe indissolúvel, *compromisso social* (revolucionário) e *compromisso intelectual* (com os rigores científicos que daí decorrem).

De seu lado, Lenin deu mostras de que bem compreendeu esse espírito do marxismo ao dizer que “podemos (e devemos) unir, na grande luta revolucionária, o *máximo de paixão* à *análise mais fria e serena* das furiosas convulsões da burguesia” (LENIN, 1989, p. 119) (itálicos nossos). Gramsci, outro marxista de primeira grandeza, dizia coisa idêntica, afirmando ser necessário “dirigir violentamente a atenção para o presente assim como é, se se quer transformá-lo. Pessimismo da inteligência, otimismo da vontade” (GRAMSCI, 2007, p. 295).

A vontade é fundamental para a revolução. O autor reconhece. Contudo, ela só pode operar exitosamente se, na análise da realidade, for orientada violentamente/firmemente pelo pessimismo/realismo da inteligência/razão. Nada de euforia. A paixão revolucionária não pode prescindir, em hipótese nenhuma, do rigor científico. Aquela, sem esta, é apenas frivolidade, voluntarismo ingênuo ou insano.

Sobre Lenin, aliás, Lukács narra significativo episódio. Diz ele:

Tive a sorte de estar presente em uma ocasião em que Lenin teve que mobilizar subitamente um conhecimento que ainda não estava totalmente formado. Isto aconteceu em 1921. O comitê thecolosvaco do Terceiro Congresso do Comitern estava em sessão. Questões extremamente complicadas estavam envolvidas e parecia que as

opiniões divergentes eram irreconciliáveis. De repente, Lenin apareceu e foi convidado a dizer o que pensava sobre os problemas checos. Ele se recusou a responder, a princípio; disse que tinha tentado estudar o material, mas assuntos importantes do Estado tinham intervindo; ele tinha conseguido apenas olhar de relance dois jornais que levava consigo no bolso de seu casaco. Somente depois de ser solicitado repetidamente ele concordou em dar suas impressões sobre os dois jornais. Tirando-os de seu bolso, ele forneceu uma análise não-metódica, extemporânea, começando com o artigo principal e terminando com as notícias diárias. No entanto, estes pensamentos improvisados fornecem uma análise profunda da situação da então Tchécoslováquia e as tarefas com as quais o Partido Comunista tinha de enfrentar (LUKÁCS, 2021, p. 272).

Essa é mais uma prova, entre inúmeras, do rigor intelectual desse movimento. Ninguém negaria a Lenin o qualitativo de revolucionário. Não a ele, o grande líder da Revolução Russa. Entretanto, esse espírito não o leva à irresponsabilidade. Há rigor no que faz, escreve e fala. Mesmo entre camaradas próximos, manifesta pudor em emitir opinião ainda não devidamente refletida, assentada.

É por essa razão que Lukács afirma:

Para os clássicos do marxismo, era óbvio que a ciência fornece o material e o ponto de vista com base nos quais as decisões políticas são tomadas. A propaganda e a agitação recebem seu material da ciência, da prática elaborada cientificamente (LUKÁCS, 2021, p. 255).

Dando ciência de que o marxismo é um movimento deveras diverso, que o que se afirma acima não pode ser estendido para todos aqueles que se identificam ou são identificados como marxistas, o autor complementa: “Stálin inverteu essa relação. Para ele, em nome da ‘partidariedade’, a agitação é primordial. Suas necessidades determinam o que a ciência deve dizer e como deve dizer” (LUKÁCS, 2021, p. 255).

Em resumo, Stálin abandonou o indissolúvel elo entre *compromisso social* e *compromisso intelectual*, elemento imprescindível nas obras de Marx e nas obras de alguns de seus mais destacados seguidores. Em Marx, a paixão revolucionária alimentava e era alimentada por uma ciência igualmente revolucionária, determinada e destemida. Além de sua capacidade intelectual ímpar - óbvio! -, era isso o que fazia dele grande pensador e, igualmente, grande revolucionário.

Tendo abandonado uma e outra coisa, restou a Stálin quedar-se na condição de indigente tanto no campo da ciência como no da revolução, mácula de uma esplêndida corrente de pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Kevin. B. **Marx nas margens**: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BBC BRASIL. Crise aumenta procura por obras de Karl Marx na Alemanha. Disponível In <BBCBrasil.com | Reporter BBC | Crise aumenta procura por obras de Karl Marx na Alemanha> Acesso em: 12 ago. 2009.
- CARLI, Ranieri. **Marx**: a verdade e a essência da matéria. Campinas: Papel Social, 2019.

- CHASIN, José. **Marx**: estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo, 2009.
- DIDEROT, Denis. **Obras filosóficas**. Ediouro, s. d.
- DUSSEL, Enrique. **A produção teórica de Marx**: um comentário aos Grundrisse. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FOSTER, Jonh Bellamy. **A ecologia de Marx**: materialismo e natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere, Vol. 3**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- LENIN, V. I. **Esquerdismo, doença infantil do comunismo**. São Paulo: Global Editora, 1989.
- LEVINS, Richard e LEWONTIN, Richard. **Dialética da biologia**: ensaios marxistas sobre ecologia, agricultura e saúde. São Paulo: Expressão Popular, 2022.
- LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classes**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUKÁCS, György. **A responsabilidade social do filósofo**. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.
- LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe e Outros escritos políticos**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.
- MARX, Karl. **O 18 brumário e Cartas a Kugelmann**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da Filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro III: o processo global da produção capitalista. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MARX, Karl e ELNGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 10ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- MARX, Karl e ELNGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl e ELNGELS, Friedrich. **Cartas sobre O capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2002.
- MUSTO, Marcello. **O velho Marx**: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883). São Paulo: Boitempo, 2018.
- MUSTO, Marcello. **Repensar Marx e os marxismos**: guia para novas leituras. São Paulo: Boitempo, 2022.
- PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- PAULO NETTO, José. **Karl Marx**: uma biografia. São Paulo: Boitempo, 2020.
- ROBINSON, Cedric J. **Marxismo negro**: a criação da tradição radical negra. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- SAITO, Kohei. **O ecossocialismo de Marx**: capitalismo, natureza e a crítica inacabada à economia política. São Paulo: Boitempo, 2022.
- SHANIN, Teodor. **Marx tardio e a Via russa**: Marx e as periferias do capitalismo. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- TONET, Ivo. **Método científico**: uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

3

A “NEUTRALIDADE” NO POSITIVISMO DE COMTE E DURKHEIM

Ainda hoje - ou hoje mais que nunca - alguns se escandalizam e protestam contra a persistente e destacada presença de Marx no universo acadêmico-científico. Repetem à exaustão que a ciência deve ser neutra, etc., etc. Em parte, já tratamos disso em outros textos. Porém, neste momento, a fim de oferecer uma visão mais completa e complexa sobre o assunto, colocamos a questão da historicidade da ciência.

Com isso, queremos dizer o seguinte: a exemplo de qualquer outra criação humana, também a ciência sofre influência do tempo e do espaço social em que está inserida. Entre outras coisas, por esse ângulo, veremos que, a exemplo dos marxistas sempre demonizados, também a burguesia através de seus teóricos, em seu período de ascensão, concebia o conhecimento e a crítica social de modo indissociável.

Nesse período, a busca consequente da verdade colocava-a em desacordo com a realidade social de então, tendendo, por isso, a ser revolucionária e libertadora. Não é que a crítica social e a perspectiva revolucionária a ela associada fossem algo encontrado, um tanto inesperadamente, no caminho da investigação. A bem da verdade, a crítica social - a luta contra os privilégios e a favor da justiça - era elemento inerente à própria busca da verdade.

Entretanto, passado seu período revolucionário, a burguesia se torna uma classe conservadora e a verdade se torna um incômodo ou mesmo um perigo, o que repercute negativamente em sua produção científica. É exatamente nesse contexto histórico-social que se forja a ideia de uma ciência necessariamente neutra. Apenas se neutra, seria ciência, postulam.

Naquele contexto como em qualquer outro, todavia, a ideia de neutralidade não tinha nada de neutra. Habitualmente, a ideia de neutralidade atende aos interesses de quem se beneficia da manutenção do *status quo*, servindo para desarmar e desqualificar aqueles cujas investigações, porventura, levantarem críticas à ordem social estabelecida.

Dado o fato de que o positivismo é a corrente de pensamento que mais se destaca na defesa da “neutralidade axiológica” da ciência, tomaremos dois de seus mais eminentes representantes como interlocutores nas páginas seguintes: Auguste Comte e Émile Durkheim. Procuraremos mostrar, através de uma análise imanente de seus próprios escritos, o significado ou a dimensão político-ideológica da “neutralidade” em suas obras.

Em outras palavras, pretendemos mostrar, a partir de uma análise da obra dos autores referidos, como a corrente de pensamento que se pretende “neutra”, em verdade, é forjada como instrumento ou veículo da luta política que se trava no campo das ideias e dos valores. Ainda que se apresente como “neutra” - e cobre tal postura de todos os autores - é carregada de ideologia.

Para nossos propósitos, entenderemos ideologia na acepção que lhe dá Lukács: “um meio de luta social” orientado para “dirimir conflitos sociais”, seja através da manutenção ou da transformação da ordem (LUKÁCS, 2013, p. 465; p. 466; p. 520).

O positivismo iluminista e a “virada ideológica” da burguesia

Tomando como referência a obra de Löwy (2003, p. 17), podemos fazer o seguinte resumo das principais características do positivismo (em sua figuração “ideal-típica”): 1) a sociedade é regida por leis naturais, isto é, leis invariáveis, independentes da vontade e da ação humanas; 2) em decorrência, a sociedade pode ser epistemologicamente assimilada à natureza [...] e ser estudada pelos mesmos métodos, *démarches* e processos empregados pelas ciências da natureza; 3) reinaria uma harmonia natural na vida social - os conflitos seriam disfunções pontuais e/ou temporárias, acrescentamos; 4) as ciências da sociedade, assim como as da natureza, devem limitar-se à observação e à explicação causal dos fenômenos, de forma objetiva, neutra, livre de julgamento de valor ou ideologias, descartando previamente todas as “pré-noções” e “preconceitos”.

Atento às transformações por que essa corrente político-filosófica passara ao longo do tempo, o autor destaca que

o positivismo surge, em fins do século XVIII-princípios do século XIX, como uma utopia crítico-revolucionária da burguesia antiabsolutista para tornar-se, no decorrer do século XIX, até os nossos dias, uma ideologia conservadora identificada com a ordem (industrial/burguesa) estabelecida (LÖWY, 2003, p. 18).

Dando o devido relevo a essa “conversão” do positivismo - de utópico-revolucionário a conservador -, Löwy ressalta:

A ideia de leis naturais na vida social e de uma ciência da sociedade formada segundo o modelo das ciências da natureza é, na sua origem, inseparável do combate intelectual do Terceiro Estado [onde se encontrava a burguesia à época, registre-se, para efeitos de esclarecimento] contra a ordem feudal-absolutista. Tanto a doutrina do direito natural quanto a de uma ciência natural da sociedade possuem uma dimensão utópico-revolucionária, *crítica* [...] (LÖWY, 2003, p. 19) (itálico do autor).

Nesse contexto, o cientificismo positivista representa “um instrumento de luta contra o obscurantismo clerical, as doutrinas teológicas, os argumentos de autoridade, os axiomas *a priori* da Igreja, os dogmas imutáveis da doutrina social e política feudal” (LÖWY, 2003, p. 20). Compreensivelmente, naquela quadra histórica,

O combate à ciência social livre de “paixões” é, portanto, inseparável da luta revolucionária dos Enciclopedistas e de toda a filosofia do Iluminismo contra os *preconceitos*, isto é, contra a ideologia tradicionalista (principalmente clerical) do Antigo Regime (LÖWY, 2003, p. 20) (itálico do autor).

Portanto, diferentemente do que uns tantos possam pensar, já naquele momento a “isenção de paixões” ou, para usar termo mais polido, a “neutralidade axiológica” era inerente à luta que se travava, fazendo as vezes de palavra de ordem ou grito de guerra contra os adversários da ordem capitalista.

Dessa forma, a reivindicação de neutralidade demarcava, sem disfarces, uma posição. Sim. O positivismo iluminista, a que nos referimos neste momento, não pretendia forjar uma teoria asséptica,

avessa às intervenções políticas. Com efeito, sua concepção de ciência “não apartava em esferas excludentes a teoria e a práxis. Diversamente dos seus herdeiros pós-1848, Condorcet e Saint-Simon - dois representantes do positivismo iluminista - eram autênticos revolucionários” (CARLI, 2013, p. 38).

Era esse espírito revolucionário que impulsionava um autor como Fichte a dizer que “toda ciência é fundamento de ação; uma ciência vazia, sem nenhuma referência à prática, não há” (FICHTE *apud* CARLI, 2013, p. 14). No mesmo espírito, Condorcet defendia: “A educação faz cidadãos indóceis e difíceis de governar”.

Porém, depois de operar sua revolução e, principalmente, depois de se ver confrontada pelos movimentos dos trabalhadores (socialistas, comunistas, anarquistas etc.), a burguesia muda de postura. Como Marx asseverou sobre a mudança de cenário,

A burguesia tinha uma noção exata do fato de que todas as armas que forjara contra o feudalismo voltavam seu gume contra ela, que todos os meios de cultura que criara rebelaram-se contra sua própria civilização, que todos os deuses que inventara a tinham abandonado (MARX, 1997, p. 69).

Nas novas conjunturas que assim se abrem, temendo perder seu poder de comando e exploração, a burguesia pode até mesmo aderir ao reacionarismo e ao autoritarismo mais desabridos, como o fez a propósito do nazismo e do fascismo. Como poucas correntes de pensamento, o positivismo expressará essa mudança de postura no campo da ciência e da filosofia. Ocorre com ele aquilo que Marx dissera nas páginas de *O capital* sobre a “decadência” da economia política burguesa:

Na França e na Inglaterra, a burguesia conquistara o poder político. A partir de então, a luta de classes assumiu, teórica e praticamente, formas cada vez mais acentuadas e ameaçadoras. Ela fez soar o dobre fúnebre pela economia política burguesa. Não se tratava mais de saber se este ou aquele teorema era verdadeiro, mas se, para o capital, ele era útil ou prejudicial, cômodo ou incômodo, se contrariava ou não as ordens policiais. *O lugar da investigação desinteressada foi ocupado pelos espadachins a soldo, e a má consciência e as más intenções da apologética substituíram a investigação científica imparcial*³⁹ (MARX, 2013, p. 86) (itálicos nossos).

³⁹ No texto anterior (*Marxismo - paixão revolucionária e objetividade científica*), vimos que, mesmo assumindo a função de organizador do movimento da classe trabalhadora e a de formulador da teoria social que há de fundamentar a revolução proletária, Marx zela pela objetividade. Fazemos essa observação com intuito de deixar claro que, para Marx, não há, necessariamente, incompatibilidade em tomar posição diante dos conflitos e fazer ciência “imparcial” e “desinteressada”. O problema - objeto de sua crítica na passagem aqui em apreço - é quando isso desemboca na simples “apologética”, em detrimento do rigor científico. Lukács reconhece que “Hobbes, Locke, Helvécio e Holbach foram representantes corajosos e brilhantes da filosofia burguesa do progresso. Esses autores haviam sistematizado filosoficamente as ilusões referentes ao progresso; contudo, dado que estas foram necessárias em termos da história universal, sua articulação filosófica pôde e teve de levar à revelação de momentos importantes do desenvolvimento histórico real de uma forma profunda e espirituosa. No caso deles e, ao mesmo tempo, no de suas escolas, a defesa do progresso histórico-universal promovido pelo capitalismo constitui, de modo inseparável dela, um desmascaramento intrépido de todas as contradições e atrocidades da sociedade burguesa” (LUKÁCS, 2016, p. 108-109). Dessa forma, mesmo que a obra desses autores expressasse os interesses da burguesia, ela tem inegável caráter científico. O espírito revolucionário da burguesia de então fazia com que não recuassem em face da verdade. Ao contrário, encorajava-os a ser o mais crítico e objetivo possível. Entretanto, como dissemos, as coisas mudam quando a burguesia se sente ameaçada. A respeito desse outro momento, dirá Lukács: “O fato de a decadência ideológica não levantar problemas fundamentalmente novos advém de uma necessidade social. Suas questões sociais, assim como as do período clássico da ideologia burguesa, são respostas aos desafios postos pelo desenvolvimento social do capitalismo. A diferença consiste ‘meramente’ em que os ideólogos mais antigos deram uma resposta honesta e científica, ainda que incompleta e contraditória, ao passo que a decadência escapa covardemente de articular em voz alta o que existe e mascara essa fuga como ‘cientificidade objetiva’ ou como matéria interessante de cunho romântico. Em ambos os casos, ela é, em essência, acrítica, atendo-se à superfície dos fenômenos, à imediatividade,

Tratando especificamente da passagem acima e percebendo sua alargada dimensão, Lukács defende que, “em Marx, há uma crítica abrangente e sistemática da grande virada político-ideológica para a apologia, para a decadência do pensamento burguês como um todo” (LUKÁCS, 2016, p. 100). Essa virada que Marx apontou na economia política burguesa é demasiado ampla, cobrindo amplas esferas do pensamento. Da arte à ciência.

Registre-se que a questão não é que os autores burgueses tivessem ideologia em suas obras. Já havia ideologia antes desse momento e continuou havendo depois. O que muda é que a nova postura é refratária à busca consequente da verdade, da objetividade. É por isso que Lukács, ancorado em Marx, em vez de simplesmente denunciar a presença de ideologia nas obras, fala em “decadência ideológica”.

Dessa forma, o autor ressalta que a ideologia anterior era compatível com certo grau de objetividade, porque progressista. Não temia contradições ou luta. Nessa quadra, a necessidade de fazer a crítica social impulsionava a ciência para frente. Contudo, a ideologia que passou a vigorar a partir do período assinalado por Marx revelou-se conservadora ou mesmo reacionária. A partir daí, as visões críticas passaram a ser problemáticas para a burguesia, pois que também a ameaçavam.

A defesa da ordem capitalista passa a ser o primeiro ou mesmo o único objetivo, fazendo com que a ciência degenere ou se submeta à mais desabrida apologética. Entre os autores burgueses, afirma-se a tendência a ignorar e, quando tal não é possível, transfigurar os conflitos e as mazelas sociais do novo sistema.

e interliga de forma eclética fragmentos de ideias contraditórias” (LUKÁCS, 2016, p. 110-111). Neste segundo momento, importa muito menos *a verdade efetiva das coisas* do que a defesa intransigente da ordem social.

O positivismo pós(anti)iluminista: Comte

Löwy lembra que ao tratar Condorcet como seu “‘eminente precursor’, Auguste Comte proclama que a descoberta das leis sociológicas lhe era interdita pelos seus ‘preconceitos revolucionários’” (LÖWY, 2003, p. 23). De acordo com a leitura comtiana, a perspectiva revolucionária seria um obstáculo à razão e à ciência.

No correr da pena de Comte, dá-se “a mudança brusca de função do conceito de ‘preconceito’, que ocupava um espaço central no dispositivo crítico da Enciclopédia e do positivismo utópico” (LÖWY, 2003, p. 23). Agora, “ele não serve mais para designar as doutrinas estagnadas do Antigo Regime, mas sim o próprio pensamento utópico-crítico do Iluminismo” (LÖWY, 2003, p. 23).

É correto afirmar que, a exemplo do que fora feito antes pelos positivistas iluministas, a noção de “neutralidade” continua desempenhando a função de instrumento na luta ideológica dos positivistas pós-iluministas. Com a diferença de que, a partir de Comte, ela assume uma função conservadora de defesa da ordem, e não mais de crítica social, progressista ou revolucionária. Ou seja, ela continua sendo igualmente ideológica, servindo como “meio de luta social”, mas doravante com o sinal político oposto.

Como a não querer deixar que pairassem dúvidas sobre sua postura conservadora, em uma carta a Audiffrent em 21 de outubro de 1853, Comte apresenta toda a sua vida como tendo sido “consagrada ética e praticamente à defesa sistemática da ordem” (LÖWY, 2003, p. 23). Em consonância, refletindo sobre sua trajetória:

Trinta anos há que dura minha carreira filosófica e social e sempre senti um *profundo desprezo* pelo que se tem chamado, sob nossos diversos regimes, de *oposição*, e uma secreta *afinidade pelos construtores quaisquer*. *Aqueles mesmos que queriam construir com materiais evidentemente gastos pareceram-me sempre preferíveis aos meros demolidores*, num século em que a reconstrução geral se torna por toda parte a principal necessidade. Apesar do atraso de *nossos conservadores* oficiais, nossos puros revolucionários se me afiguram ainda mais afastados do verdadeiro espírito de nosso tempo (COMTE, 2005, p. 97) (itálicos nossos).

Vê-se quão questionável é a defesa de uma “neutralidade”, pois que, nesse positivismo, esta se confunde com a defesa *ética e prática* da ordem. Explicitamente, ele manifesta seu “desprezo” pela “oposição” e sua “afinidade” com os representantes do Antigo Regime, que ele, com certa dose de intimidade, chama “nossos conservadores”. É a esses sujeitos que ele se refere quando fala dos que “queriam construir com materiais evidentemente gastos”. É um passo para trás em relação ao Iluminismo

No mesmo passo, Comte põe em destaque o que seria a meta de sua vida e de sua obra: a “reconstrução geral” ou “regeneração”. Acrescentava que, perseguindo essa meta, seu positivismo (“nova doutrina”) deveria “dissipar radicalmente as utopias anárquicas, que, cada vez mais, ameaçam toda existência doméstica e social” (COMTE, 2005, p. 73). Essas ponderações mostram, sobejamente, que o “método positivo” era um instrumento de intervenção política cujo objetivo seria “afastar a ameaça que representam as ideias *negativas*, críticas, anárquicas, dissolventes e subversivas da filosofia do Iluminismo e do socialismo utópico” (LÖWY, 2003, p. 23).

Ora, se formos tomar “neutralidade” no sentido de “isenção de paixão” ou como “apartidarismo”, podemos concluir que isso não consta no positivismo comtiano. Não por fraqueza ou contradição de seu autor, mas porque ele definitivamente não almejava isso. Por tudo o que o próprio Comte diz de sua filosofia, podemos defini-la como uma filosofia contrarrevolucionária, como uma filosofia da “reação” no duplo sentido que Lukács (2020, p. 93) atribui ao termo: “secundáriae retrógrada”.

Desse modo, escancara-se o fato de que a corrente filosófica que repreende seus adversários por não serem “neutros” não se percebe em contradição com esse postulado ao assumir partido. Na verdade, isso é algo que já fica claro na caracterização que Comte faz do positivismo:

O positivismo se compõe essencialmente de uma filosofia e uma política, necessariamente inseparáveis, uma constituindo a base, a outra a meta de um mesmo sistema universal, onde inteligência e sociabilidade se encontram intimamente combinadas (COMTE, 2005, p. 71) (itálicos nossos).

E reafirma em outra oportunidade: Tal é, pois, a missão fundamental do positivismo: generalizar a ciência real e sistematizar a arte social (COMTE, 2005, P. 72). Ao colocar a “arte social” na missão do positivismo, Comte reconhece que sua filosofia é voltada para a intervenção na realidade. Mais precisamente, para uma intervenção contrarrevolucionária. Para não deixar sombra de dúvida:

[...] por uma coincidência de nenhum modo fortuita, sua fundação teórica [do positivismo]

encontra logo imenso *destino prático*, a fim de presidir hoje toda a *regeneração da Europa Ocidental*. De outra parte, na medida em que o curso natural dos acontecimentos caracteriza a grande *crise moderna*, a *reorganização política se apresenta cada vez mais como necessariamente impossível, sem a reconstrução prévia das opiniões e dos costumes*. Uma *sistematização real de todos os pensamentos humanos constitui pois nossa primeira necessidade social, igualmente quanto à ordem e ao progresso* (COMTE, 2005, p. 71) (itálicos nossos).

Em face da persistente luta dos setores populares e revolucionários em suas reivindicações, Comte reivindica para sua filosofia uma “autoridade moral”, pretendendo-a responsável por uma “educação geral” que fosse capaz de reconstruir “opiniões e costumes”, generalizando-os e cimentando-os. Curiosamente, mas não casualmente, compara a função que o positivismo deveria exercer na modernidade com aquela que o catolicismo exerceu na Idade Média:

A realização gradual desta ampla elaboração filosófica fará espontaneamente surgir, em todo o Ocidente, uma *nova autoridade moral*, cuja inevitável ascendência colocará a base direta da reorganização final, ligando as diversas populações avançadas através da mesma *educação geral*, que fornecerá para toda parte, *para a vida pública como para a vida privada, princípios fixos de julgamento e de conduta*. Desse modo, os movimentos intelectual e de comoção social, cada vez mais solidários, conduzem de agora em diante a elite da humanidade ao advento decisivo de *um verdadeiro poder espiritual*, ao mesmo tempo mais consistente e mais progressivo do que aquele esboçado prematuramente, numa tentativa administrável,

pela Idade Média (COMTE, 2005, p. 72) (itálicos nossos).

Para cumprir sua função de defesa da ordem, Comte não hesita em dotar sua filosofia de traços não apenas conservadores mas até mesmo reacionários. É isso que o leva a revestir sua filosofia com trajes religiosos: Sem nunca repetir o século XVIII, deve o século XIX continuá-lo sempre, realizando enfim o nobre voto de uma religião demonstrada dirigindo uma atividade pacífica (COMTE, 2005, p. 99).

É sintomático dessa inclinação que seus “cursos de filosofia positiva” tenham cedido espaço para o “catecismo positivista”: É, pois, sem nenhum esforço, que vou aplicar neste catecismo os qualitativos pessoais impostos habitualmente pela instrução religiosa (COMTE, 2005, p. 105). Como não há, todavia, perspectiva transcendente genuína em sua filosofia, não se trata de mística, e sim de mistificação. Outro passo para trás em relação ao Iluminismo.

Ora, esses traços mostram que não é de todo correto tratar Comte apenas como um “positivista pós-iluminista”. Tal definição - assentada apenas num critério temporal, apesar de tudo verdadeiro - não é suficiente, pois passa ao largo de seu perfil epistêmico-político. Acreditamos que o mais acertado é defini-lo como um positivista anti-iluminista. Particularmente interessante quanto a isso é a centralidade que os proletários, mas, sobretudo, as mulheres ocupam em sua teorização e projeto social:

Posto que eu creia que este opúsculo decisivo há de ter em breve um grande acolhimento entre os dignos proletários, ele *convém mais às mulheres, principalmente às mulheres iletradas [...] É só no santuário da alma feminina que se pode hoje encontrar a digna submissão de espírito exigida*

por uma regeneração sistemática. Nestes últimos quatro anos, um deplorável exercício do sufrágio universal tem viciado profundamente a razão popular, até então preservada dos sofismas constitucionais e dos conluios parlamentares, concentrados nos ricos e nos letrados. Dando largas a um obcecado orgulho, nossos proletários acreditam-se, assim, dispensados de todo estudo sério para decidir as mais elevadas questões sociais. [...] Por toda parte vejo que só as mulheres podem oferecer-me, em virtude de sua salutar exclusão política, um ponto de apoio capaz de fazer prevalecer livremente os princípios que hão de habilitar, enfim, os proletários a colocar bem sua confiança teórica e prática (COMTE, 2005, p. 108) (itálicos nossos).

Ao se dirigir aos proletários, Comte expressa o temor que os movimentos dos trabalhadores lhe inspiram. Sua obra não faz tábula rasa desses movimentos. Ao contrário, em razão da força que demonstram naquele período, sua filosofia se coloca como instrumento de luta na batalha das ideias, procurando disputá-los através de apelos moralistas.

Dessa maneira, tomando parte nos conflitos de seu tempo, Comte (2005, p. 72) defenderá uma “coalizão fundamental entre os filósofos e os proletários”, assim como Marx e Engels fizeram, mas no sentido exatamente inverso ao que estes autores pretendiam. O autor positivista almejava “que, aplicando-se a retificar e a desenvolver as tendências populares, o positivismo aperfeiçoará e consolidará demuito sua própria natureza, ela mesmo intelectual” (idem).

Se se quiser expurgar o marxismo das universidades sob a alegação de que ele é partidário - o que anularia sua dimensão científica -, deve-se fazer o mesmo com o positivismo, para manter algum grau

de coerência. Na linguagem comtiana, “retificar” e “desenvolver as tendências populares” significa castrar qualquer traço contestador e subversivo existente no seio dos movimentos proletários, inspirando-os posturas passivas. Por seu turno, para Marx e Engels, a coalizão entre filósofos e trabalhadores poderia ser sintetizada nas frases conclusivas do Manifesto Comunista:

Que as classes dominantes tremam diante da ideia da revolução comunista! Os proletários nada têm a perder com ela, a não ser suas cadeias. E têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, univos! (MARX e ENGELS, 2006, p. 120).

Além de deixar patente seu horror para com a democracia popular e de seu machismo, mais uma vez, Comte pretere a razão. Como se vê, a centralidade da mulher em seu projeto se deve ao fato de ele a definir como um “sexo afetivo” inclinado naturalmente para a submissão, desprovido de gosto pela participação política. Central em sua filosofia porque, segundo sua antropologia um tanto peculiar, marginal na esfera pública/política. Assim, a mulher em cujos “sentimentos” e “submissão” ele enxerga um antídoto à “anarquia das inteligências”:

A profunda anarquia das inteligências motiva, por outro lado, este apelo especial da religião positiva ao sexo afetivo, pois que essa anarquia torna mais necessário do que nunca o predomínio do sentimento que atualmente é o único representativo da sociedade ocidental contra uma completa e irremediável dissolução. Desde o fim da Idade Média, é só a intervenção feminina que secretamente refreia os estragos morais peculiares à alienação mental para a qual tem tendido cada

vez mais o Ocidente, e sobretudo seu centro francês. *Este delírio crônico tendo chegado ao seu auge, visto que nenhuma máxima social consegue superar uma discussão corrosiva, só os sentimentos é que sustentam a ordem ocidental* (COMTE, 2005, p. 108) (itálicos nossos).

A exemplo de outras tantas, a passagem acima mostra o caráter reacionário, antidemocrático e machista do positivismo comtiano. Eis como ele mesmo resume seu projeto:

O melhor resumo prático de todo o programa moderno breve consistirá neste princípio incontestável: *O homem deve sustentar a mulher, a fim de que ela possa preencher convenientemente seu santo destino social.* Espero que este catecismo faça apreciar a íntima conexão que existe entre esta condição e o conjunto da grande renovação considerada sob todos os aspectos: moral, mental e mesmo material. *Sob a santa reação da revolução feminina, a revolução proletária purificar-se-á espontaneamente das disposições subversivas que até aqui a têm neutralizado. O sexo afetivo, tendendo a fazer justamente prevalecer por toda parte a influência moral, reprova especialmente as brutalidades coletivas, e ainda suporta menos o jogo do número⁴⁰ que o da riqueza* (COMTE, 2005, p. 111) (itálicos nossos).

Ante a revolução proletária, ele se dirige à mulher, procurando fazer dela ponta de lança de seu projeto contrarrevolucionário.

⁴⁰ Essa foi a maneira que Comte encontrou para alegar que, para a mulher, é mais suportável a desigualdade econômico-social com tudo o que ela implica do que um regime democrático em que os trabalhadores (maioria da população: “jogo do número” = “jogo da maioria”) pudessem tomar parte ativamente.

Baseados no que vimos, podemos dizer que a centralidade que a mulher ocupa em seu projeto se deve à marginalização política que ela ainda experimentava naqueles dias. Em seus próprios termos:

Nossa filosofia torna-se plenamente conforme ao espírito feminino, rematando a escala enciclopédica com a moral, que, como ciência e como arte, constitui necessariamente o estudo mais importante e mais difícil, resumindo e dominando todos os outros [...] Sistematizando a família, como base sociedade, o regime correspondente faz dignamente prevalecer naquela a influência feminina, transformando, enfim, em supremo árbitro privado da educação universal (COMTE, 2005, p. 110) (itálicos nossos).

Circunscrita ao ambiente doméstico, onde permanecera imune à “anarquia da inteligência” e às “disposições subversivas”, a mulher poderia reproduzir nesse ambiente os valores dos “afetos” e da “digna submissão”, educando as novas gerações no espírito da “ordem e do progresso”. Em sua obra destinada a tratar das etapas do pensamento sociológico, na parte que cabe a Comte, Aron parece vir em socorro de seu conterrâneo. Para Aron, Comte

inclina-se a aceitar a concentração da riqueza e a autoridade dos industriais, porque a existência dos indivíduos não se define exclusivamente pelo lugar que ocupam na hierarquia econômica e social. Além da ordem temporal, que comanda o poder, há uma ordem espiritual, que é a dos méritos morais. O operário que se encontra embaixo na hierarquia temporal pode ocupar uma posição superior na hierarquia espiritual, se seu merecimento pessoal e devotamento à coletividade forem maiores do que

o de seus superiores hierárquicos. Essa ordem espiritual não é transcendente, como a religião cristã a conceberia. Não é a ordem da vida eterna. É uma ordem daqui deste mundo, mas que substitui a hierarquia temporal do poder e da riqueza por uma ordem espiritual dos méritos morais (ARON, 2008, p. 102).

No que toca à mulher, mas em sentido complementar ao que foi dito do operário, Aron explica:

Segundo Auguste Comte, com efeito, é evidente que o homem deve comandar. Ativo e inteligente, deve ser obedecido pela mulher, que é essencialmente sensibilidade. Contudo, sua supremacia, baseada de certo modo na força, é, de outro ponto de vista, uma inferioridade. Na família, o poder espiritual, isto é, o mais nobre, pertence à mulher. Auguste Comte tinha o sentido de igualdade dos seres, mas para ele essa igualdade se baseava numa diferenciação radical das funções e disposições. Ao dizer que a mulher é intelectualmente inferior ao homem, estava perto de ver nisso uma situação de superioridade; ao mesmo tempo, a mulher tem, para ele, o poder espiritual, o poder do amor, que é mais importante do que a vã superioridade da inteligência (ARON, 2008, p. 132-133).

Malabarismo verbal digno de nota, o de Aron. De toda sorte, sem intenção nenhuma de crítica, suas palavras expressam o fundamental da obra de Comte: justificar, com expressões grandiloquentes, a submissão de operários e mulheres na *ordem temporal* (ordem substantiva), enquanto os coloca numa condição superior na *ordem espiritual* (ordem abstrata, moral). Os que

prevalecem na ordem temporal não podem senão - talvez, fingindo-se contrariados, para corroborar a farsa - sufragar esse lenitivo ideológico que o positivismo comtiano oferece àqueles e àquelas que estão sob seu talante.

Não menos importante no pensamento de Comte é seu autoritarismo, confessado abertamente em ocasiões diversas. Certa feita, disse a respeito dos líderes revolucionários ou simplesmente democráticos:

Apesar de seu pequeno número, estes homens verdadeiramente indisciplináveis exercem uma vasta influência, que predispõe à *fermentação subversiva* todos os cérebros desprovidos de convicções inabaláveis. Contra esta *peste ocidental* não pode existir agora outro recurso habitual senão o desprezo das populações ou a *severidade dos governos* (COMTE, 2005, p. 109) (itálicos nossos).

Condescendente, Aron (2008, p. 141) trata Comte como um autor “avesso à violência”. Entretanto, bem pesadas as coisas, concluímos que foi com coerência que ele apoiou o golpe de Estado dado por Louis-Napoléon Bonaparte, saudando-o nos seguintes termos:

Devido à maturidade inesperada de minhas concepções principais, esta resolução foi muito fortalecida pela crise feliz que acaba de abolir o regime parlamentar e instituir a república ditatorial, duplo preâmbulo de toda verdadeira regeneração. Sem dúvida, esta ditadura nãooferece ainda o caráter essencial explicado em meucurso positivista de 1847 [...] a situação ditatorial permite já a propagação direta das meditações

regeneradoras. A liberdade de exposição que ela proporciona espontaneamente a todos os verdadeiros construtores, quebrando, enfim, o vão domínio dos palradores, devia especialmente convidar-me a dirigir imediatamente os pensamentos femininos e proletários para a renovação fundamental (COMTE, 2005, p. 102) (itálicos nossos).

Em resumo, por medo da revolução ou da democracia, Comte recua em sua defesa da razão, nuançando-a e propugnando que ela, para o bem da ordem e dos que nela prevalecem, seja submetida aos sentimentos. Com isso, mostra quão artificiosa é a defesa que faz da ciência.

Em sua pena, a defesa da ciência degenera num moralismo de cariz religioso e reacionário, apologeta de ditadura. Ele mesmo faz referência à religião medieval, ao catolicismo, apresentando o positivismo como um substituto dele. O problema assim não seria a função moralista do catolicismo, mas sim sua incapacidade de cumprir bem a função de mantenedor moral do capitalismo.

O positivismo de Durkheim

Embora mantenha algumas reservas críticas em relação ao pensamento de Comte, Durkheim se filia à corrente por ele representada, assumindo muitos dos traços de sua teoria e dando continuidade a ela. Entre os traços assumidos, consta obviamente o posicionamento político. Porém, em contraste com seu predecessor, nas obras de Durkheim, esse posicionamento será expresso maiormente de modo mais sutil, mas nem por isso reticente.

Para Durkheim, “a partir do momento em que a tempestade revolucionária passou, constitui-se, como que por encanto, a noção de ciência social” (DURKHEIM, 1975, p. 106). Interessante notar como, nessa passagem, parecem ecoar as palavras de Comte a respeito de Condorcet: “a descoberta das leis sociológicas lhe era interdita pelos seus ‘preconceitos revolucionários’”.

Claro fica que, também para Durkheim, o espírito revolucionário seria antitético em relação ao espírito científico. Em passagem outra, o autor corrobora essa visão: “a ciência só aparece quando o espírito, abstraindo toda preocupação prática, aborda as coisas com o único fim de ter representações delas” (DURKHEIM, 1975, p. 104). E ainda: “o pensamento só pode se desenvolver ao se desprender do movimento, recolhendo-se em si mesmo e desviando o sujeito da ação exterior para que ele mergulhe por completo em sua própria mente” (DURKHEIM, 2011, p. 44).

Seguindo essa linha, a verdadeira reflexão científica não deveria estar voltada para a transformação social, para a satisfação de “necessidades vitais”. A esse tipo de reflexão, ele tratará por “arte”, contrapondo-a à reflexão científica. Segundo entende, esta deveria estar voltada tão somente para oferecer “explicações” ou “representações” das coisas. Em suas próprias palavras:

A reflexão é, assim, obrigada a apartar-se do próprio objeto da ciência, a saber, o presente e o passado, para se lançar, de um salto, no futuro. Em vez de procurar compreender os fatos adquiridos e realizados, empreende imediatamente a realização de outros, mais conformes aos fins pretendidos pelos homens [...] Esta invasão da ciência pela arte, que impede aquela de se desenvolver, é, aliás, facilitada pelas próprias circunstâncias: que determinam o despertar da reflexão científica. Pois,

como só nasce para satisfazer as necessidades vitais, acha-se naturalmente orientada para a prática. As carências que é chamada a aliviar são sempre prementes e, por conseguinte, incitam-na a concluir; reclamam remédios, não explicações (DURKHEIM, 2003, p. 43).

De acordo com o autor, uma vez que que é impossível ao “homem viver no meio das coisas sem fazer delas ideias segundo as quais o seu comportamento é regulado”, a “reflexão” é “anterior à ciência” (DURKHEIM, 2003, p. 42). Deriva daí a facilidade com que a análise científica é invadida pelo que ele chama de “prenoções”, “prejuízos” ou mesmo “preconceitos”. Esses representam, na pena de Durkheim, os valores e crenças morais e políticas dos sujeitos. Numa palavra: seriam “ideologia”.

Nisso reside a razão para que postule o “dever” de “afastar sistematicamente todas as prenoções” como “base de qualquer método científico” (DURKHEIM, 2003, p. 54). Todavia, não é nada casual que nele, como em Comte, o novo papel ideológico do termo “preconceito” (ou “prejuízo” ou “prenoção”, como dissemos há pouco) designar quase sempre os pontos de vista críticos ou revolucionários (LÖWY, 2003, p. 28). Tudo se passa como se apenas os pontos de vista críticos carregassem ideologia; nunca os pontos de vista conservadores ou reacionários.

É no mínimo curioso, porém, que aquele que exige o afastamento sistemático das prenoções tenha acolhido a visão social dos economistas liberais no coração de seu arcabouço teórico. É o que podemos verificar na seguinte afirmação:

É aos economistas que cabe o mérito de terem sido os primeiros a assinalar o *caráter espontâneo da*

vida social, de terem mostrado que a coação necessariamente a desvia de sua *direção natural* e que, normalmente, ela resulta não de arranjos externos e impostos, mas de uma *livre elaboração interna* (DURKHEIM, 2019, p. 405) (itálicos nossos).

E na mesma linha:

Os economistas foram os primeiros a proclamar que as leis sociais são tão necessárias como as leis físicas. Segundo eles, é tão impossível a concorrência não nivelar pouco a pouco os preços... como os corpos não caírem de forma vertical... Estenda este princípio a todos os fatos sociais e a sociologia estará fundada (DURKHEIM *apud* LÖWY, 2003, p. 24).

Veja-se que ele assume, de um modo não apenas acrítico, mas até com certa dose de entusiasmo, o dogma liberal de que a sociedade capitalista - pois, no fundo, é dela que se trata - é natural, espontânea e harmoniosa. Embevecido por esse dogma, parecia não ocorrer a Durkheim que, longe de natural e espontâneo, “o liberalismo é um programa político, destinado a modificar, quando triunfa, os dirigentes de um Estado e o programa econômico do próprio Estado, isto é, a modificar a distribuição da renda nacional” (GRAMSCI, 2007, p. 47). Para usar duas palavras que lhe são caras, parecia não lhe ocorrer que o liberalismo é “paixão” e “arte” ao mesmo tempo.

A absorção dessa perspectiva em sua teoria sociológica teria muitas implicações. Particularmente sensível a esse ponto, Löwy (2003, p. 27) destaca: “Entre as leis naturais da sociedade que seria vão,

utópico, ilusório - em uma palavra: anticientífico - querer interromper ou transformar, Durkheim situa com destaque a desigualdade social”.

Ao abraçar assim, acriticamente, as prenoções dos economistas liberais, Durkheim finda por estar sujeito também a reproduzir seus equívocos. A crítica que Marx dirigia aos economistas cabe perfeitamente a Durkheim também:

Os economistas têm uma maneira singular de proceder. Para eles, só existem duas espécies de instituições: as da arte e as da natureza. As instituições feudais são artificiais, as da burguesia são naturais. Nisso, eles se parecem com os teólogos, que também estabelecem dois tipos de religião: toda religião que não é a deles é uma invenção dos homens, ao passo que a deles é uma emanção de Deus. Dizendo que as relações atuais - as relações de produção burguesa - são naturais, os economistas dão a entender que é nessas relações que se cria a riqueza e se desenvolvem as forças produtivas segundo as leis da natureza. Portanto, essas relações são leis naturais independentes do tempo. São leis eternas que devem sempre reger a sociedade. Assim, houve história, mas não há mais. Houve história porque existiram instituições de feudalidade e porque nelasse encontram relações de produção inteiramente diferentes das da sociedade burguesa, que os economistas querem fazer passar por naturais, logoeternas (MARX, 2017, p. 110).

Vimos há pouco que Durkheim costuma contrapor a ciência à “arte”, com base no critério de que uma (a primeira) estaria voltada para dar explicações sobre as coisas e a outra (a segunda), para intervir na realidade. No entanto, despreocupando-se com contradições, ele chega também a atribuir tarefas práticas a sua sociologia:

A sociologia assim entendida não será nem individualista, nem comunista, nem socialista, no sentido em que vulgarmente se empregam estas palavras. Por princípio, ignorará tais teorias, às quais não pode reconhecer valor científico por tenderem diretamente, não a exprimir os fatos, mas a reformá-los. [...] Isto não quer dizer, todavia, que [a sociologia] deva desinteressar-se das questões práticas. Vimos, pelo contrário, que nossa preocupação constante era orientá-la de modo a que desse resultados práticos (DURKHEIM, 2003, p. 148-149).

Noutra obra, o autor deixa isso mais explícito:

Estudar a sociedade não resulta que renunciemos a melhorá-la. [...] Se separamos com cuidado os problemas teóricos dos problemas práticos, não é por desprezar estes últimos; ao contrário, é para colocarmos em condições de melhor resolvê-los (DURKEIM, 2019, p. XLV).

É com base nesse elemento que Sanson (2021, p. 106) argumenta que “o autor vê a sociologia como uma ciência de caráter profilático, ou seja, ela tem a função de contribuir para o bom funcionamento da sociedade”. Ora, exatamente nesse ponto a sociologia de Durkheim se entrecruza com o moralismo - tal como ocorre também com Comte - e seu posicionamento pró-capitalismo fica muito mais evidente.

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de estarmos em face de um ponto muito central de sua sociologia. O entrecruzamento desta com a moral não é eventual nem fortuito. Trata-se, isto sim, de um elemento medular de toda sua obra. É ele mesmo quem reconhece

na sua obra de doutoramento (*Da divisão do trabalho social*): “Não queremos tirar a moral da ciência, mas fazer a ciência da moral, o que é muito diferente” (DURKHEIM, 2019, p. XLIII). E ainda mais abertamente, colocando a moral como um “dever” seu e de sua obra:

Em suma, nosso primeiro dever atualmente é criar uma moral. Tal obra não poderia ser improvisada no silêncio de um gabinete; ela só se pode erguer por si mesma, pouco a pouco, sob a pressão das causas internas que a tornam necessária. Mas a reflexão pode e deve servir para assinalar o objetivo que se deve alcançar. Foi o que procuramos fazer (DURKHEIM, 1999, p. 432) (itálicos nossos).

Tendo estabelecido a centralidade que a moral tem em seus trabalhos, é oportuno identificar alguns dos significados que aí ela assume. Um significado primeiro é o de “solidariedade”:

É moral, pode-se dizer, tudo o que é fonte de solidariedade, tudo o que força o homem a contar com outrem, a reger seus movimentos com base em outra coisa que não os impulsos de seu egoísmo, e a moralidade é tanto mais sólida quanto mais numerosos e mais fortes são esses vínculos (DURKHEIM, 2019, p. 420) (itálicos nossos).

Em outra passagem, assumirá o sentido de “consenso espontâneo”, como vemos a seguir:

No entanto, o que constitui a unidade das sociedades organizadas, como de todo organismo, é o consenso espontâneo das partes, é essa solidariedade interna que não só é tão

indispensável quanto a ação reguladora dos centros superiores, mas que é até sua condição necessária, pois nada mais fazem que traduzi-la em outra linguagem e, por assim dizer, consagrá-la (DURKHEIM, 2019, p. 375-376) (itálicos nossos).

Atente-se para a proximidade que esses significados guardam entre si, podendo muito bem um ser tomado pelo outro. Em ambos os casos - e em outros tantos -, eles expressam a preocupação de Durkheim com os conflitos sociais. Mais precisamente, eles expressam os temores do autor para com as lutas de classes, como se estas fossem coisa de escolha ou uma disfunção casual do capitalismo, e não um fenômeno incontornável e estrutural dele. Talvez, o autor acreditasse que se conseguisse mostrar para as classes em disputa, através de sua obra, a necessidade ou a importância da “solidariedade”, os conflitos se dissipariam, como se fossem fruto de simples mal-entendido e ignorância.

Tal mostra que não é por caso que a noção de solidariedade foi mais desenvolvida justamente na obra que Durkheim dedica ao tratamento da divisão do trabalho, na qual argumenta:

A vida social deriva de uma dupla fonte: a similitude da consciência e a divisão social do trabalho. O indivíduo é socializado no primeiro caso, porque, não tendo individualidade própria, confunde-se, como seus semelhantes, no seio de um pequeno coletivo; no segundo [próprio do capitalismo], porque, tendo uma fisionomia e uma atividade pessoais que o distinguem dos outros, depende deles na mesma medida em que se distinguem e, por conseguinte, da sociedade que resulta de sua união (DURKHEIM, 2019, p. 216).

Entretanto, há um problema de grande monta. Como bem coloca Sanson,

A base moral que constitui a vida social pela divisão do trabalho social pode incorrer, entretanto, em desagregação. Ou seja, a mesma divisão do trabalho que produz solidariedade pode produzir anomia. Esse conceito assume, na elaboração teórica de Durkheim, a mesma relevância que a solidariedade. No caso, a anomia é a antinomia da solidariedade (SANSON, 2021, p. 127).

Os conflitos sociais poderiam, assim, desembocar na “anomia” ou, como ele diz em outras ocasiões, na anarquia: “A anarquia é dolorosa [...] Não é bom para o homem viver assim em pé de guerra em meio a seus companheiros imediatos” (DURKHEIM, 2019, p. XXII). Para melhor desenvolver sua visão acerca da solidariedade que emana da divisão social do trabalho, Durkheim chega inclusive a criticar os economistas. Para ele,

Vê-se o quanto a divisão do trabalho nos parece sob um aspecto diferente do que se mostra aos economistas. Para eles, ela consiste essencialmente em produzir mais. Para nós, essa maior produtividade é uma consequência necessária, um reflexo do fenômeno. Se nos especializamos, não é para produzir mais, e sim para podermos viver nas novas condições de existência que nos são criadas (DURKHEIM, 2019, p. 274).

E mais:

[...] os serviços econômicos que ela [a divisão do trabalho] pode prestar são pouca coisa em comparação com o efeito moral que ela produz, e sua verdadeira função é criar entre duas ou várias pessoas um sentimento de solidariedade (DURKHEIM, 2019, p. 21).

Curiosamente, o autor se afasta dos economistas precisamente num tema em que teria muito a aprender, pelo menos, com alguns deles. Poderia ter colhido de alguns economistas boas reflexões sobre os problemas que a divisão do trabalho no capitalismo engendra.

É óbvio que a divisão do trabalho pressupõe e redundante em algum tipo de solidariedade entre os envolvidos. A questão é que Durkheim quer fazer parecer que a *convergência das atividades de alguns trabalhadores*, para o fabrico de certos produtos, equivale à *convergência dos interesses entre todos os trabalhadores e, principalmente, entre as classes*. Ele postula, portanto, uma leitura harmoniosa e horizontal das relações de trabalho no capitalismo e faz menoscabo dos conflitos classistas e das relações hierárquicas prevalentes.

Como deixa claro em suas críticas aos economistas, essa interpretação sua diz respeito não só à indústria, mas à sociedade em geral, concebida como um organismo composto por diversas partes, cada uma executando uma atividade em benefício do todo. Nessa leitura um tanto idealizada, fruto do acolhimento acrítico da visão liberal, todos seriam beneficiados.

Há que se reter que a divisão do trabalho no capitalismo não é apenas técnica, dimensão hipostasiada por Durkheim. É, sobretudo, política e econômica. Por isso, ela pressupõe e reproduz desigualdades as mais diversas entre as classes, expressando a completa

incompatibilidade entre seus interesses. Em perspectiva dialética, Marx versa do seguinte modo sobre o assunto:

Mas antes de ser distribuição de produtos, a distribuição é: 1) distribuição dos instrumentos de produção, e 2) distribuição dos membros da sociedade nos diferentes tipos de produção, o que constitui uma determinação ulterior da mesma relação. (Subsunção dos indivíduos sob relações de produção determinadas.) A distribuição dos produtos é manifestamente apenas resultado dessa distribuição que está incluída no próprio processo de produção e determina a articulação da produção. Considerar a produção abstraindo dessa distribuição nela contida é manifestamente uma abstração vazia, enquanto, inversamente, a distribuição dos produtos é dada por si mesma com essa distribuição, que é originalmente um momento constitutivo da produção (MARX, 2011, p. 51).

Uma vez estabelecido o lugar do indivíduo trabalhador na produção, à revelia de sua vontade, sua posição na produção passa a determinar seu horizonte de mobilidade social, quase nulo no capitalismo. Nas palavras de Marx:

a distribuição aparece ao indivíduo singular como uma lei social que condiciona sua posição no interior da produção, na qual ele produz e que, portanto, precede a produção. Originalmente, o indivíduo não tem nenhum capital, nenhuma propriedade fundiária. Desde o nascimento, está destinado pela distribuição social ao trabalho assalariado (MARX, 2011, p. 50).

A análise marxiana tem o valor de demonstrar que não se tratam apenas de “posições diferentes” no seio da produção capitalista, e sim de “posições antagônicas”. Os detentores dos meios de produção compõem a classe dominante e exploradora e os trabalhadores, aqueles que detém apenas a força de trabalho e que são obrigados por força das coisas a vendê-la para sobreviver, compõem a classe dominada e explorada. No ordenamento capitalista, não há concertação técnica capaz de fazer os interesses de ambas as classes convergirem.

Por isso, os conflitos assim engendrados tendem a ser radicalizar, levando àquilo que Durkheim, temeroso, chama ora de anarquia e ora de anomia. Numa das muitas páginas em que mostra que a “anarquia” está não na crítica que dele se faz, mas no próprio ordenamento do capitalismo, como necessidade inerente a ele - e em que desnuda a verdadeira “solidariedade” em que se fundamenta a divisão do trabalho nesse sistema -, Marx afirma, com vigoroso realismo:

Ao sistema fixado *a priori*, metodicamente seguido na divisão do trabalho dentro da oficina, corresponde um sistema que atua *a posteriori* na divisão do trabalho na sociedade, como necessidade natural, interna, muda, perceptível nas flutuações barométricas dos preços do mercado, dominando o arbítrio desmedido dos produtores de mercadoria. A divisão manufatureira do trabalho pressupõe a autoridade incondicional do capitalista sobre seres humanos transformados em simples membros de um mecanismo que a ele pertence. A divisão social do trabalho faz confrontarem-se produtores independentes de mercadorias, os quais não reconhecem outra autoridade além da concorrência, além da coação exercida sobre eles pela pressão dos recíprocos interesses, do mesmo modo que no reino animal a guerra de todos contra

todos, *o bellum omnium contra omnes*, conserva mais ou menos as condições de existência de todas as espécies [...]. Na sociedade em que rege o modo capitalista de produção, condicionam-se reciprocamente a anarquia da divisão social do trabalho e o despotismo da divisão manufatureira do trabalho (MARX, 2006, p. 411).

Vista desse ângulo, podemos dizer que toda a obra de Durkheim é forjada para intervir na luta de classes, como um mecanismo ideopolítico. Essa é a razão para que ele assuma a “criação de uma moral” como seu “primeiro dever”. Ao mesmo passo que assume a moral, assume também seu lado nessas lutas, fazendo de sua sociologia um instrumento de luta, tal como Comte fizera com sua filosofia.

Essa perspectiva ficará mais evidente quando consideramos outros significados que a moral assume nas páginas de suas obras. Um desses significados é a “obediência”:

Conduzir-se moralmente é agir em conformidade com uma norma, que determina a conduta a ser seguida antes mesmo que tomemos partido acerca do que devemos fazer. O domínio da moral é o domínio do dever e o dever é uma ação prescrita [...] Existe sempre uma margem para sua iniciativa; mas essa margem é bastante restrita. O essencial da conduta já está determinado pela regra [...] podemos, portanto, afirmar que a moral é um sistema de regras que determinam a conduta. Elas dizem como devemos agir em cada situação; e agir bem é obedecer bem (DURKHEIM, 2008, p. 39) (itálicos nossos).

Outro significado é o de “submissão”. Vimos há pouco que cabe à divisão do trabalho gerar solidariedade nos indivíduos; o que

equivale, entre outras coisas, a desempenhar também o papel de socialização. Nesse ponto em especial, a divisão do trabalho cumpre função em comum com a educação. Tratando desta última, o autor defende:

Enquanto mostrávamos a sociedade moldando os indivíduos de acordo com as suas necessidades, podia parecer que eles sofriam assim uma insuportável tirania. Porém, na realidade, eles próprios têm interesse nesta *submissão* (itálico nosso), pois o novo ser que a ação coletiva edifica em cada um de nós através da educação representa o que há de melhor em nós, ou seja, o que há de propriamente humano em nós. De fato, o homem só é homem porque vive em sociedade (DURKHEIM, 2011, p. 58).

Sanson tem razão ao dizer:

Em contrapartida, essa divisão do trabalho, que é o todo social em seu pleno funcionamento, demanda que cada um aceite o seu lugar, a sua atividade no sistema mais geral (itálicos nossos). Trata-se da especialização que dá uma função a cada um na colaboração do funcionamento do todo. Deriva dessa concepção que se atribui a Durkheim o *método funcionalista* de compreensão social (SANSON, 2021, p. 144).

Nas passagens acima e na que vem a seguir, é possível notar que para Durkheim educação, divisão do trabalho e desigualdade entre as classes se unem e fortalecem mutuamente:

Não podemos nem devemos todos nos devotar ao mesmo gênero de vida; dependendo das nossas aptidões, temos funções diferentes a desempenhar, e é preciso estar em harmonia com aquela que nos incube. *Nem todos nós fomos feitos para refletir; são precisos homens de sensação e ação. Ao contrário, são precisos outros cujo trabalho seja pensar* (DURKHEIM, 2011, p. 44) (itálicos nossos).

Mais uma vez, apesar dos pesares, manifesta a tendência a conceber a divisão do trabalho como natural e virtuosa. De acordo com sua visão, a educação teria como função reproduzir esse sistema de desigualdades, mas, através da socialização e da solidariedade, amortecendo os conflitos que poderiam surgir daí. Observada por esse prisma, sua educação seria uma espécie de “doutrinação moralista” em benefício da ordem e dos que nela prevalecem.

É mesmo possível encontrar esse moralismo conservador na própria definição que Durkheim dá ao objeto de sua sociologia (o “fato social”) e a seu método. Ele define assim o fato social, buscando realçar sua “objetividade”:

Fato social é toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então, que é geral no âmbito de uma dada sociedade tendo, ao mesmo tempo, uma existência própria, independente das suas manifestações individuais (DURKHEIM, 2003, p. 40).

E complementa em página outra:

Com efeito, reconhece-se principalmente este sinal característico [da natureza objetiva dos fatos sociais]: não pode ser modificada por uma simples decisão da vontade. Não é que seja refratária a qualquer modificação; mas para que haja uma mudança, não basta querer, é preciso ainda um esforço mais ou menos laborioso, devido à resistência que nos opõe e que, aliás, nem sempre pode ser vencida (DURKHEIM, 2003, p. 43).

Para manter algum nível de coerência e honestidade intelectual, era forçoso reconhecer que seu método não guarda “nada de revolucionário”; que, ao contrário, é até “conservador, pois considera os fatos sociais como coisas em que a natureza, por mais flexível e maleável que seja, não se modifica à vontade” (DURKHEIM, 2003, p. 12). Atento às implicações de sua visão de mundo, Durkheim desdobrará suas preocupações, de modo a incorporá-las na educação. Diz ele sobre o assunto:

Portanto, só a ela [a sociedade] que cabe constantemente lembrar ao professor que ideias e sentimentos ele deve arraigar na criança para que a mesma entre em harmonia com o seu meio social. Se ela não estivesse sempre presente e vigilante para obrigar a ação pedagógica a se exercer em um sentido social, esta última se colocaria necessariamente a serviço de crenças particulares, e a grande alma da pátria se dividiria e se dissolveria em uma pluralidade incoerente de pequenas almas fragmentárias em conflito umas com as outras. Nada é mais contrário ao objetivo fundamental de toda educação do que isso. É preciso escolher: se quisermos valorizar a existência da sociedade [...], é preciso que a educação estabeleça uma comunhão de ideias e

sentimentos suficiente entre os cidadãos,comunhão sem a qual qualquer sociedade é impossível; e, para que possa produzir este resultado, a educação não pode ficar totalmente à mercê das arbitrárias vontades individuais (DURKHEIM, 2011, p. 62-63).

E, com palavras que parecem ter sido escritas no Brasil de hoje, o autor continua:

A escola não deve ser a coisa de um partido, e o professor faltará ao seu dever se usar a autoridade da qual dispõe para embarcar os seus alunos abordo de suas parciais visões pessoais, por mais bem fundadas que elas lhe possam parecer (DURKHEIM, 2011, p. 64) (itálicos nossos).

Como não podia deixar de ser, algo que também nos lembra o Brasil de hoje, Durkheim rejeita as visões críticas, mas defende veementemente as visões conservadoras na escola, como se fossem as únicas que poderiam ser legitimamente lecionadas. Com suas palavras:

*É ainda ao professor de filosofia que cabe despertar nos espíritos que lhe são confiados a ideia do que é uma lei; de lhes fazer compreender que os fenômenos físicos e sociais são fatos como os outros, submetidos a leis que a vontade humana não pode interromper a sua vontade, e que, por consequência, as revoluções no sentido próprio do termo são coisas tão impossíveis quanto os milagres (DURKHEIM *apud* LÖWY, 2003, p. 27) (itálicos nossos).*

Eis um caso cristalino em que a apologética embota o gume da análise científica. A história do Século XX desmentiu à larga as palavras de Durkheim, sendo o cenário de revoluções como a russa, a chinesa e a cubana, para citar apenas em algumas. Como ele só se preocupava com “o que é”, podemos “perdoar” as falhas de sua previsão.

Contudo, devemos perguntar: o que levaria um autor francês, versado na história como Durkheim, a ignorar a Revolução Francesa, uma das revoluções mais impactantes da história e que ocorreu justamente em seu país?

A verdade é que a objetividade da sociologia de Durkheim foi aprisionada por sua ideologia, voltada primordialmente para a defesa da ordem. Dando primazia a suas “prenoções”, ele, ardoroso defensor da objetividade, negou objetividade a fatos, de outra forma, inegáveis, virando ao avesso muito do que recomendava como regras do correto fazer científico. O anti-iluminismo parece ter sido tão pertinaz em seu positivismo quanto foi no de Comte.

Considerações finais

A visão sociológica de Durkheim parece tecida pelo entrelaçamento de duas linhas, complementares. Uma delas poderíamos definir como “acrítica”, pois que assume, à saída, a visão idealizada da sociedade capitalista colhida da lavra de economistas liberais

Definimos a outra linha como “realista”. Esta, impõe-se dizer, expressa um “realismo” superficial e indisfarçavelmente conservador,

pois que, após acolher acriticamente a visão idealizada do capitalismo, trata *o que é* (o capitalismo) como *a única coisa que pode ser* e em sua defesa investe todas as suas energias. Foi referindo-se a esse tipo de visão que Marx afirmou: “Assim, houve história, mas não há mais”.

Trata-se, como se vê, de perspectiva que, convenientemente, dá a seu fetichismo o nome de objetividade. Cabe destacar que sua definição de “fato social” está em perfeita consonância com esse realismo, expressando-o sem rodeio. Não é fortuito, aliás, que seja o “fato social” o objeto de sua sociologia.

Quer isso dizer, entre outras coisas, que o realismo conservador é a alma - ou o coração - de sua sociologia. Embora não tenha escrito um “catecismo positivista”, como Comte o fizera, é lícito dizer que toda sua obra é eivada dos mesmos objetivos: pregar uma moral de submissão aos trabalhadores. Ao fim e ao cabo, sua sociologia figura como um meio cujo fim é uma moral, mais precisamente, um moralismo conservador. Eis, desnuda, a dimensão político-ideológica da “neutralidade” em seu positivismo.

Lembremos, de resto, que Durkheim afirmara que não pretendia tirar a moral da ciência, e sim fazer a ciência da moral. Como vimos, entre outros significados, a moral é tratada por ele como sinônimo de “obediência” e submissão”. À luz disso, cabe concluir que o autor pretendia fazer uma sociologia da submissão e da obediência. Dito de outro modo, uma “sociologia da ordem”.

Tendo tudo isso sob nossos olhos, é difícil discordar de Marx: “Auguste Comte e sua escola poderiam ter provado a necessidade eterna dos senhores feudais do mesmo modo como o fizeram com relação aos senhores do capital” (MARX, 2013, p. 408).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CARLI, Ranieri. **György Lukács e as raízes históricas da sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.
- CARLI, Ranieri. **Ética, moral e ordem: a crítica de Nietzsche e Durkheim ao sujeito ético**. Capinas: Papel Social, 2017.
- COMTE, Auguste. **Comte**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2005.
- CUIN Charles-Henry e GRESLE, François. **História da sociologia I: antes de 1918**. Petrópolis, RJ: Editio Vozes, 2017.
- DURKHEIM, Émile. **A ciência social e a ação**. São Paulo: Difel, 1975.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- DURKHEIM, Émile. **A educação moral**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere**, Vol. 3. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Global, 2006.
- MARX, Karl. **O 18 brumário e cartas a Kugelmann**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

- MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **Miséria da filosofia**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**, Vol. II. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LUKÁCS, György. **Marx e Engels como historiadores da literatura**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LUKÁCS, Georg. **A destruição da razão**. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.
- SANSON, Cesar. **O trabalho nos clássicos da sociologia**: Marx, Durkheim e Weber. São Paulo: Expressão Popular: EDUFRN, 2021.



PARTE II

**MATRIZES IDEOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO
NO GOVERNO BOLSONARO**

4

MATRIZES IDEOLÓGICAS DA POLÍTICA EDUCACIONAL DO GOVERNO BOLSONARO: olavismo e cristianismo neoconservador

Introdução

Já antes de conquistar a presidência do país, Bolsonaro mostrava-se crítico feroz da educação brasileira.

Protestava, sobretudo, contra o que ele chamava de “doutrinação” que, imperando nas escolas como nas universidades, teria efeitos diretos e negativos sobre a qualidade do ensino⁴¹.

Rocha ressalta que “doutrinação”

é o eixo articulador da mentalidade bélica bolsonarista, que legitima para seus seguidores a sistemática destruição das instituições públicas de ensino e de pesquisa, pois, em tese, todas teriam sido aparelhadas precisamente para levar adiante a doutrinação [...] (ROCHA, 2021, p. 60-61).

⁴¹ <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/bolsonaro-divulga-video-de-suposta-doutrinacao-ideologica-em-cursinho/> Acesso em: 27 nov. 2019.

De fato, para Bolsonaro e seus apoiadores, a simples presença de temas mais diretamente econômicos e políticos em sala de aula, se tratados de maneira crítica, é já sinal de “politização”. Esta, por sua vez, é tomada como sinônimo de “doutrinação”, “ideologia”, “partidarização”, “esquerdização” e outros tantos termos que, em seu léxico, são equivalentes ou associados. Trata-se de uma atitude carregada de desconfiança e, não raro, de crítica irascível às instituições de ensino, a docentes, a pesquisadores e à própria ciência.

Com tal alegação, mais de uma vez, acusou os professores de aliciarem politicamente os estudantes e sinalizou que iria promover, como presidente, uma espécie de “despolitização” da educação, combatendo todo tipo de ideologia nela presente. Na posse de Weintraub (seu segundo ministro da educação), declarou querer uma “garotada que comece a não se interessar por política”.

Como ressaltamos alhures (SOUZA, 2021 e 2021a), porém, toda forma de despolitização não é senão uma forma de politização, que se vale do recurso ideodiscursivo da “neutralidade política” com o fito de encobrir seu caráter político. A questão incontornável é essa: por mais que se diga o contrário, não se pode fazer combate ideológico sem ideologia, da mesma forma e pela mesma razão que não se pode fazer política sem política. Uma proposição dessas ou é equívoco ou é embuste (o que nos parece mais provável).

Entre tantos outros, prova-o sobejamente o fato de Bolsonaro convidar Ricardo Vélez Rodríguez para ser ministro da educação (o primeiro de seu governo) perguntando-lhe se tem “faca nos dentes para combater a esquerda radical no Ministério?”. A isso Rodríguez

respondeu: “Presidente, claro que sim. É o que faço nas universidades há 30 anos. Agora, se tiver a caneta na mão, completo o serviço”⁴².

Tanto a pergunta quanto a resposta são eminentemente político-partidárias. O então mandatário queria saber se o pretendente ao cargo teria disposição para um combate político - disposição que figuraria como pré-requisito para a condução da pasta da educação. O pretendeu respondeu afirmativamente, deixando claro que, como professor, sempre fez esse combate e que, uma vez tendo “a caneta na mão”, levaria o combate a bom termo.

É explícita, de um e de outro, a intenção de colocar a estrutura estatal à disposição de interesses políticos. Nada há nesse curto, mas significativo diálogo que remeta, nem de longe, à preocupação administrativa e pedagógica que a política educacional requer para salutar encaminhamento. Por essa razão, é mais que lícito problematizarmos a alegação de que o governo Bolsonaro estivesse, de fato, empenhado em livrar a educação da política e da ideologia.

Sem pretensão de esgotar o assunto, nosso objetivo é precisamente realizar uma análise das matrizes ideológicas que inspiraram e orientaram sua política educacional. Partimos das seguintes indagações: Estando claro que, ao contrário de suas alegações, o governo não conduziu a política educacional sem ideologia, quais ideologias impulsionaram suas ações? Como ou em que podemos ver as marcas de tais ideologias na condução da educação e quais suas implicações?

⁴² <https://amazonasatual.com.br/bolsonaro-pediu-faca-nos-dentes-contra-a-esquerda-diz-ricardo-velez-em-livro/> Acesso em: 8 ago. 2020.

Observações metodológicas

À saída, recorreremos às preciosas observações metodológicas de Marx em *O capital*, sobre *exposição e investigação*. Diz o autor:

Sem dúvida, deve-se distinguir o *modo de exposição*, segundo sua forma, do *modo de investigação*. A investigação tem de se apropriar da matéria [*Stoff*] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexó interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Se isso é realizado com sucesso, e se a vida da matéria é agora refletida idealmente, o observador pode ter a impressão de se encontrar diante de uma construção *a priori* (MARX, 2013, p. 90) (itálicos do autor).

A citação supra serve para advertirmos o leitor - como numa espécie de confissão - que a ordem em que colocamos as perguntas de que partimos pode gerar certa confusão. Isso porque pode dar a impressão de que primeiro identificamos as matrizes ideológicas e, só depois, passamos a analisar suas influências sobre a educação. É patente o absurdo de tal procedimento apriorístico em que se faz a investigação (e seu conseqüente resultado) derivar da exposição, invertendo completamente a ordem da boa pesquisa.

Com efeito, a identificação de tais matrizes é fruto de pesquisas/investigações anteriores (SOUZA 2021 e 2021a). Nestas, cuidamos do governo Bolsonaro de maneira mais ampla, refletindo sobre sua formação, composição, práticas, ideais, valores etc. Foi nessas investigações pretéritas que identificamos as matrizes

ideológicas que mais amplamente orientaram a atuação do governo em sua totalidade.

Posteriormente, debruçando-nos mais especificamente sobre a orientação de sua política educacional, pudemos verificar quais delas mais incidiram sobre os rumos da educação e em que ou de que forma o fizeram. Assim, é oportuno destacar que, mais que a ordem das perguntas que formulamos acima, é necessário considerar sua íntima conexão e mútua determinação.

Identificamos 5 matrizes ideológicas orientando, mais incisivamente, a educação no governo Bolsonaro. São elas: 1) o “olavismo” (as ideias de Olavo de Carvalho); 2) o cristianismo neoconservador (visão religiosa de grupos católicos e evangélicos neoconservadores); 3) o militarismo (visão político-moral dos militares brasileiros, a partir da qual eles, que exerceram grande influência no governo, leem nossa história e realidade); 4) a guerra ao “marxismo cultural” e 5) o neoliberalismo.

Isoladamente, cada uma das referidas matrizes constitui um rico complexo ideopolítico, digno de um trabalho à parte, exclusivo. Esse dado torna imperativo esclarecer que não temos intenção de analisá-las em sua inteireza nem rastrear suas origens, processo de formação ou coisa assim. Para isso, precisaríamos de um trabalho de muito maior escopo. A tarefa que nos propomos é outra, mais simples: destacar, de cada uma delas, alguns traços que ajuizamos como relevantes e que mais diretamente têm implicações para a educação.

A ordem da enumeração supra não obedece a uma cronologia. Também não quer, em rígido sentido, representar uma hierarquização entre essas matrizes ideológicas. Em verdade, movidas por “afinidades eletivas”⁴³, elas se confundem, fazendo da política educacional do

⁴³ Tomando-o emprestado de Goethe, Max Weber lançará mão desse conceito (fazendo suas adequações metodológicas) em seu clássico *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. O uso que dele fazemos, além de em Weber, está baseado

governo Bolsonaro algo como um amálgama de todas elas. Tanto é assim que elas têm amplos campos de intersecção, como o anticomunismo⁴⁴ e a recusa ao pensamento crítico, entre outros.

Todavia, como é de se supor, as afinidades eletivas que ajudaram a soldar esse amálgama ideopolítico não apagaram as diferenças nem tampouco as tensões ou contradições. Daí que, num momento ou noutro, num tema ou numa política específica (programa, projeto etc.), uma matriz se sobrepusesse às outras.

Exemplificando: é evidente que o olavismo teve mais força na condução da política educacional quando os ministros da pasta foram, cada um a seu tempo, Ricardo Vélez e Abraham Weintraub. Ambos são discípulos assumidos de Olavo de Carvalho. Foram indicados ao cargo por ele, inclusive. Depois de muita confusão e desgaste gerados por suas atabalhoadas gestões, o Pr. Milton Ribeiro assumiu a pasta. Este tem perfil menos espalhafatoso, menos estridente e, com ele, a matriz religiosa cristã neoconservadora ganhou força em face das outras.

Aludindo às intersecções que anelam essas matrizes todas, entretanto, há que se ressaltar: o próprio olavismo tem na visão religiosa (católica) neoconservadora um dos principais componentes de sua tessitura. Por essa razão, quando falamos de proeminência de uma dessas matrizes sobre as outras, entenda-se que não estamos falando de exclusão das demais matrizes, as subordinadas. Indicamos, apenas, que em dado momento, pela conveniência e/ou pelo estado da

na interpretação que Michael Löwy oferece. Assim sendo, dizemos que as matrizes ideológicas aqui em tela “entram, a partir de certas analogias significativas, parentescos íntimos ou afinidades de sentido, numa relação de atração e influência recíprocas, de escolha ativa, de convergência e reforço mútuo” (LÖWY, 2014, p. 72) - sem nunca apagar diferenças e tensões, acrescentamos.

⁴⁴ Paranoico como sempre e, agora, atualizado e acrescido com os antibolivarianismo, antiesquerdismo e antipetismo.

correlação de forças, uma delas assumiu maior protagonismo, mas sempre trazendo consigo as outras, sustentando-as e sendo sustentada por elas.

A nosso ver, essas matrizes representam o grosso do “bolsonarismo raiz”, seu núcleo ideológico mais atuante e radical, configurando um “bloco social menor” dentro do “bloco social maior”, que foi o próprio governo. Fortemente ativos nas redes sociais e fora delas, seus adeptos estiveram na linha de frente da “guerra cultural” bolsonarista e por essa razão tanto se esforçaram para influenciar os rumos da educação, querendo deixar impressas nela suas marcas. De nicho esquerdista, como a enxergavam, queriam transformá-la em nicho direitista extremista, talhando-a à sua imagem e semelhança.

Adicionalmente, cabe registrar que, diferentemente do olavismo, do cristianismo neoconservador e do militarismo, as matrizes do neoliberalismo e do combate ao marxismo cultural não dispunham de grupos específicos que as empunhassem. Com efeito, foram os outros grupos que as tomaram para si e as defenderam, misturando-as a suas próprias matrizes.

Isso torna sua incidência sobre a educação algo mais complexo de identificar e analisar. Por esse motivo e pela necessidade de economia de espaço, nesse momento, trataremos apenas das duas matrizes cujos representantes estiveram no comando do MEC: o olavismo e o cristianismo neoconservador. As outras três serão tratadas em outro momento e local.

No que segue, como cumpre fazer, antes de passar propriamente ao tratamento das matrizes ideológicas que nos ocuparão essas páginas, nosso primeiro passo será definir, *en passant*, ideologias e problematizar sua relação com a ciência, a educação e a política.

Ideologia

A ideologia é um fenômeno amplo, poderoso e complexo. Amplo porque, como Mészáros (2004, p. 57) dizia, “em nossas sociedades tudo está ‘impregnado de ideologia’ (as aspas são do original), quer a percebamos, quer não”. Poderoso porque, como diz o mesmo Mészáros em oportunidade outra: [...] a reprodução bem-sucedida das condições de dominação não pode ocorrer sem a intervenção ativa de fatores ideológicos poderosos (MÉSZÁROS, 2008, p. 7).

Explicitando sua complexidade, Lukács (2013, p. 465) define ideologia como “um meio de luta social” que pode estar voltado tanto para a manutenção (conservadora) quanto para a transformação (reacionária, reformista ou revolucionária) da sociedade (LUKÁCS, 2013, p. 520; p. 466). De um extremo a outro, a ideologia recobre todos os espectros políticos. Igualmente diversas são as formas que assume: “interpretação de tradições, de convicções religiosas, de teorias e métodos científicos etc., que, no entanto, constituem, sempre e antes de tudo, meios de luta” (LUKÁCS, 2013, p. 465-466).

Ainda para Lukács,

verdade ou falsidade ainda não fazem de um ponto de vista uma ideologia. Nem um ponto de vista individualmente verdadeiro ou falso, nem uma hipótese, teoria etc., científica verdadeira ou falsa constituem em si e por si uma ideologia [...]. Eles podem se converter em ideologia só depois que tiverem se transformado em veículo teórico ou prático para enfrentar e resolver conflitos sociais, sejam estes de maior ou menor amplitude (LUKÁCS, 2013, p. 467).

Podendo envolver tanto a verdade quanto a falsidade,

A relação entre ideologia e ciência de modo algum pode ser descrita, nem mesmo em termos aproximativos, mediante a proclamação de uma suposta isenção valorativa, do abster-se de fazer valorações e etc. Essa tendência, que geralmente entra em cena como autodefesa de uma “cientificidade” professoral tantas vezes infrutífera, na maioria dos casos se revela como pura ideologia, quando as valorações da classe ora dominante são tratadas como “fatos constatados isentos de valorações”, quando não se considera que a mais elementar escolha da temática, seleção dos fatos, por exemplo, na ciência da história, nem mesmo pode ser efetuada de modo totalmente independente de qualquer aspecto ideológico (LUKÁCS, 2013, p. 565) (as aspas são do autor).

A bem da verdade, num contexto em que os conflitos sociais, acirrados, envolvem a ciência, tragando-a para seu cerne, a “desideologização” não passa de uma ideologia que visa a legitimar o posicionamento dos que a reivindicam (que se apresentam como “não ideológicos”, “neutros”, “isentos”, “portadores de virtudes” etc.) e a deslegitimar o posicionamento de seus adversários (tratados como “ideológicos”, “parciais”, “partidários”, “portadores de vícios” etc.). Em poucas palavras, a “desideologização” é nada mais nada menos que um recurso ideológico que procuram ocultar sob o manto da “neutralidade”, querendo fazer dela insuspeito veículo de luta social.

Bourdieu problematiza esse aspecto da questão com um exemplo extraído da sociologia: “A palavra classe jamais será uma palavra neutra, enquanto houver classes: a questão da existência ou da não-existência das classes é uma questão de luta entre as classes”

(BOURDIEU, 1980, p. 31). Em face desse conflito que é dos mais centrais em nossa sociedade, o simples uso da palavra “classe”⁴⁵ pode representar um problema para os dominantes, pois que, ao expor essa condição sua (de dominantes), também re-vela aos dominados sua condição de subordinados e explorados. E, como diz o mesmo autor, “uma das formas de se livrar de verdades perturbadoras é dizer que elas não são científicas, o que equivale a dizer que elas são ‘políticas’” (BOURDIEU, 1980, p. 17). Acrescentamos, sem prejuízo para o pensamento do sociólogo francês, que são ideológicas.

Nesse caso, acusar motivações políticas e ideológicas nos adversários é, concomitante, uma forma de dissimular suas próprias motivações políticas e ideológicas. Trata-se de um movimento que é, ao mesmo tempo, ataque e defesa. Por esse prisma, mesmo no âmbito da ciência - e, conseqüentemente, da educação -, a “desideologização” é uma “contradição social em si mesma”, um “mote da manipulação neopositivista”.

No melhor dos casos, ela seria uma autoilusão (LUKÁCS, 2013, p. 568). No pior dos casos, como o apresentado acima por Bourdieu, a ideologia da desideologização seria uma espécie de “cavalo de Tróia” em cujo ventre, insuspeitos, esconder-se-iam numerosos perigos. Para dizer mais diretamente: a desideologização é um embuste.

Por outro lado, que tudo esteja impregnado de ideologia não quer dizer que tudo seja ideologia e que a ciência deixe de ser o que é e passe a ser equivalente à mera opinião ou mesmo à mentira. O fato

⁴⁵ O mesmo vale para palavras como imperialismo, mais-valor, machismo, racismo, homofobia etc. De resto, esse é um problema bem presente em nosso cotidiano. Não é por pura questão de semântica que o trabalhador ou empregado é chamado de “colaborador” e o desmonte de direitos, de “flexibilidade” ou “modernização” da legislação trabalhista.

de a ciência poder assumir a função de ideologia, operando como meio de luta social, não tira dela o mérito de ser uma forma efetiva e eficaz de se acercar dos fatos (naturais e/ou sociais), de analisá-los com método e rigor, cujos resultados são (ou deveriam ser) sempre assumidos como provisórios⁴⁶, sujeitos a críticas e a autocríticas.

“A cientificidade está fundada na aspiração por conhecer a realidade objetiva, como ela é em si” (LUKÁCS, 2013, p. 567), mesmo que sempre de modo aproximativo e sempre passível de desvios e equívocos. Isso distingue a ciência, em sentido positivo, de toda forma de conhecimento que distorça a compreensão da realidade para fins econômicos, políticos, morais ou de qualquer outra natureza. Bourdieu assinalava que

o que faz a especificidade do campo científico é aquilo sobre o que os concorrentes [os cientistas] estão de acordo acerca dos princípios de verificação de conformidade ao “real”, acerca dos métodos comuns de validação de métodos e hipóteses, logo sobre o contrato tácito, inseparavelmente político e cognitivo, que funda e rege o *trabalho de objetivação* (BOURDIEU, 2004, p. 33) (destaques do original).

Por certo, é preciso nunca esquecer que “a teoria do conhecimento e a teoria política são inseparáveis” (BOURDIEU, 1980,

⁴⁶ N’alguma medida, o que Lenin dizia do materialismo histórico vale para a ciência em geral: “A dialética materialista de Marx e Engels contém certamente o relativismo, mas não se resume a ele: reconhece a relatividade de todos os nossos conhecimentos, não no sentido da negação da verdade objetiva, mas no sentido da condicionalidade histórica dos limites da aproximação dos nossos conhecimentos em relação a essa verdade” (LENIN *apud* PAULO NETTO, 2020, p. 20-21).

p. 68), que “não existe visão de mundo” ou “filosofia inocente” (LUKÁCS, 2020, p. 10; p. 82). Não obstante,

Tudo iria bem no melhor dos mundos científicos possíveis se a lógica da concorrência puramente científica fundada apenas sobre a força de razões e de argumentos não fosse contrariada e até mesmo, em certos casos, anulada por forças e pressões externas (BOURDIEU, 2004, p. 34).

Isto porque,

Quanto mais um campo é heterônomo [submetido], mais a concorrência é imperfeita e é mais lícito para os agentes fazer intervir forças não científicas nas lutas científicas. Ao contrário, quanto mais um campo é autônomo e próximo de uma concorrência pura e perfeita, mais a censura é puramente científica e exclui a intervenção de forças puramente sociais (argumento de autoridade, sanções de carreira etc.) e as pressões sociais assumem a forma de pressões lógicas, e reciprocamente: para se fazer valer aí, é preciso fazer valer razões; para aí triunfar, é preciso fazer triunfar argumentos, demonstrações e refutações (BOURDIEU, 2004, p. 32).

Se é certo que a “consciência já é um produto social e que continuará a ser enquanto existirem homens” (MARX e ENGELS, 2007, p. 35), deitando por terra qualquer vã pretensão de um conhecimento “puro” e “isento”, também é certo que quanto mais

estruturado e autônomo o campo científico, mais poderemos buscar na ciência o remédio para os males e desvios da própria ciência⁴⁷.

Por isso, é importante que a educação (formal) esteja assentada *na* ciência e voltada *para* a ciência, com condições adequadas e o máximo de liberdade possível. Sem descuidar das ambivalências da educação, não há como negar que essa é uma das conquistas da modernidade. Ora, uma vez determinado - de modo consciente ou inconsciente - o favorecimento a um grupo e/ou classe como meta principal, tal objetivo tende inevitavelmente a prejudicar a ciência. Em circunstâncias assim, esta é anulada ou aviltada e a ideologia passa a ter prevalência no comando do processo.

Isso posto, passemos, pois, à análise das matrizes ideológicas.

Olavismo

A importância do olavismo para o governo Bolsonaro é fora de qualquer dúvida. Ressaltando esse ponto, Lacerda (2019, p. 195) define Olavo de Carvalho como o “parteiro da nova direita”, da qual o governo Bolsonaro foi a mais forte e fiel expressão. Eduardo Bolsonaro reconheceu que ele foi “uma inspiração, e sem ele, Jair Bolsonaro jamais existiria”. Em 1º de maio de 2019, Bolsonaro, já na condição de presidente, agraciou-o com a mais alta honraria diplomática brasileira, a Ordem de Rio Branco.

⁴⁷ Por tudo o que discutimos, supomos estar claro que esse cenário - que podemos chamar “ideal” ou “desejável” - não será, nunca, uma construção só da ciência, pois que, para o bem e para o mal, ela está indissolúvelmente atada a outros campos e a outras práxis. Mesmo que verdadeira, uma perspectiva só pode afirmar-se como tal se contar com o apoio de poderosas forças sociais. Faltando-lhe essa sustentação, tende a quedar-se impotente, infirmada.

Tendo percebido muito cedo o potencial político das redes sociais, Olavo tinha forte ativismo digital, fazendo dos espaços virtuais *lócus* privilegiado de sua atuação. Por isso, sem maiores dificuldades, é possível buscar nesses espaços o que ele pensava acerca da educação.

Em sua luta, concebeu e combateu de modo inseparável esquerda/comunismo e intelectuais/instituições de ensino. Era anti-esquerdista e anti-intelectualista, ao mesmo tempo e na mesma medida. Para Rocha, o “anti-intelectualismo é a marca d’água do sistema de crenças de Olavo de Carvalho” (ROCHA, 2021, p. 63).

Todavia, para encobrir suas idiossincrasias e angariar alguma respeitabilidade como pensador, dava a seu pensamento a aparência científica, para com elementos da ciência atacar e negar a própria ciência. Para tanto, “lança[va] mão de farta bibliografia, ainda que composta de títulos exóticos e em geral obscuros na composição alquímica de improváveis teorias conspiratórias” (ROCHA, 2021, p. 63).

Colhamos de sua própria pena a associação entre “comunistas” e sistema de ensino:

Tantos, hoje, dizem querer o Brasil de volta, e em vista disso gritam: “Bolsonaro 2018”. Não quero ser estraga-prazeres, mas os comunistas não começaram a nos tomar o Brasil pela Presidência da República. Tomaram primeiro as universidades, depois a Igreja Católica e várias das protestantes, depois os sindicatos, especialmente os de funcionários públicos, depois a grande mídia, depois o sistema nacional de ensino, depois o sistema judiciário, depois os partidos políticos todos, e por fim, depois de quarenta anos de esforços, a cereja do bolo: a Presidência da República. Vocês acham REALMENTE que

tomando a cereja de volta o bolo inteiro virá junto?
(Facebook, 29 de novembro de 2016).

Olavo era excelente comunicador. Costumeiramente, suas postagens, feitas sob medida para fustigar adversários e acender polêmicas, dispensam maiores observações. Sobre a postagem que acabamos de citar, gostaríamos de chamar a atenção para alguns poucos, mas importantes pontos.

O primeiro deles é que essa interpretação de que a esquerda vem fazendo uma “guerra cultural” e para isso se infiltra em instituições várias vem de certos setores dos militares, tese que Olavo acolhe e dá mais amplitude e sofisticação. Como lembra Rocha, “a ascensão da [nova] direita é incompreensível sem levar em conta sua convicção não apenas na *hegemonia*, mas na *doutrinação de esquerda* - motivo obsessivo do Orvil⁴⁸ e de Olavo de Carvalho” (ROCHA, 2021, p. 55).

O segundo ponto é que a associação mecânica que ele faz entre nosso sistema de ensino e os comunistas, aos ouvidos de seus seguidores, soa como um convite para que travem combate nas e contras as instituições de ensino. Igualmente, cabe destacar como ele - contrariando algo elementar do fazer científico - prescinde de provas. Faz afirmações/acusações extremamente graves e não se dá o mínimo trabalho de prová-las, como nas citações abaixo.

⁴⁸ *Orvil* é a palavra livro escrita de forma invertida. Trata-se de um projeto em forma livro de memória, em que procuram tratar do período da ditadura a partir do ponto de vista dos militares que não se conformaram com o fim do período ditatorial. Para esses militares, a democracia representava, na verdade, uma vitória dos “comunistas” que teriam aderido às “teses gramscianas” de lutar pela revolução através da cultura e das ideias. Para mais sobre o assunto, que representa um delírio perigoso, ver Rocha (2021, p. 195-274).

Desde a II Guerra o “establishment” americano, incluindo um exército inteiro de conservadores, tem como uma de suas principais ocupações acobertar - e portanto ajudar - a penetração comunista nos altos círculos do governo, tornando- a tanto mais poderosa e devastadora quanto mais invisível e imencionável (Facebook, 25 de setembro de 2016).

Comunistas e muçulmanos criaram o fantoche Barack Hussein Obama, para que, colocado na presidência, ele cometesse os crimes mais hediondos que eles precisavam para dar mais credibilidade ao seu discurso antiamericano. *So simple that* (Facebook, 28 de julho de 2016).

O Brasil está sob INTERVENÇÃO CHINESA. Alguém ainda não percebeu? (Twitter, 10 de maio de 2020).

O embaixador da China tem mais autoridade que o presidente, seus ministros e todos os generais somados (Twitter, 12 de maio de 2020).

No país do macarthismo, os comunistas invadindo os altos círculos do governo com a ajuda de conservadores? Comunistas e muçulmanos elegendo Obama para que seu governo fortalecesse o sentimento antiamericano? O Brasil sob intervenção chinesa?

Nenhuma revista científica séria aceitaria um artigo que fizesse afirmações semelhantes, mas não lhes desse a devida sustentação, apontando indícios, fornecendo provas. Nenhum estudante de graduação que apresentasse um TCC com tal quilate seria aprovado por uma banca que zelasse pela cientificidade. Esse é certamente um dos

principais motivos pelos quais Olavo nunca foi e provavelmente nunca será⁴⁹ levado a sério nas universidades brasileiras.

Sem respeitabilidade na academia, restou a ele nutrir visceral ressentimento por ela. Vem daí opiniões como a que segue:

Se eu te mostrasse fotos de universidades brasileiras, você só veria gente nua fazendo sexo. Eles vão para a universidade para fazer sexo e, se você tentar impedi-los, eles se revoltam, começam a chorar, dizem que você é um opressor (TEITELBAUM, 2020, p. 227-228).

Essa é sua opinião sobre as universidades: lugar onde as pessoas vão para “fazer sexo”.

Uma observação um tanto pitoresca, porém, necessária: o autor a quem Olavo concedeu a entrevista, de onde extraímos a citação acima, ressalta que ele parecia “eufórico” ao dizer isso. Ao que tudo indica, atacar as universidades, jogando sua reputação na lama, causava-lhe certa excitação.

A bem da verdade, seu problema não era apenas com as universidades e com as instituições de ensino em geral. Ele tinha problemas com a própria ciência. Associando-o ao Tradicionalismo, Teitelbaum destaca que esse movimento “opõe-se à modernidade e à ciência do Ocidente” (TEITELBAUM, 2020, p. 126-127). Quando perguntado por Teitelbaum sobre a influência de Guénon (um

⁴⁹ Apressamo-nos a esclarecer, a fim de evitar mal-entendidos. Tomada em si, toda a obra de Olavo é essencialmente absurda e insustentável. Embora vasta, *per si*, ela não traz nenhum acréscimo à Filosofia ou à História ou a qualquer outra disciplina pela qual se tenha aventurado. Nesse sentido preciso, Olavo não é tomado a sério na academia. Por outro lado, sua ampla influência impõe que se o tome como objeto de estudo acadêmico. Nesse sentido último, ele pode e deve ser tomado a sério.

destacado Tradicionalista) em suas ideias, Olavo citou unicamente a crítica à ciência (TEITELBAUM, 2020, p. 224).

Devemos dizer que, conforme entendia o “guru” bolsonarista, “crítica à ciência” não quer dizer análise rigorosa da ciência, algo justo e necessário, trabalho a que destacados autores faz tempo vêm se dedicando (MARX e ENGELS, 2007; LANDER, 2005; WALLERSTEIN, 2006; SANTOS, 2001; SANTOS e MENEZES, 2010; LUKÁCS, 2020). Na verdade, no pensamento do astrólogo que virou guru da extrema direita, crítica à ciência quer dizer negação da ciência.

Nem mesmo a verdade se mantém de pé em face de sua crítica cujo critério principal - senão único - é o político. Quando foi descoberto que a deputada federal Carla Zambelli havia publicado um vídeo falso⁵⁰, ele saiu em sua defesa, com a seguinte publicação:

Pouco importa que, em si, o vídeo das Farc seja *fake*. O sentido do que ele expressa é verdade pura. As Farc SÃO o inimigo principal do Bolsonaro, e têm inumeráveis colaboradores no Brasil (Twitter, 26 de outubro de 2019).

Que importância teria Bolsonaro para as Farc?

Não importa se é mentira. É verdade. Lógica desconcertante! Esse *modus operandi* mostra que, para compreender a “filosofia” de Olavo de Carvalho, deve-se olhar não tanto para os aspectos lógico-formais de seu pensamento, tomando-o em si. Antes, é preciso mirar sua função política. Daí que, se para cumprir a função política por ele

⁵⁰ <https://revistaforum.com.br/politica/2021/10/10/farc-narcotrafico-bolsonaristas-importam-fake-news-contra-pt-da-espanha-104529.html> Acesso em: 24 mar. 2022.

requerida, for necessário fazer afirmações graves e absurdas que não podem ser comprovadas ou mesmo recorrer à mentira desabrida, para ele não é problema.

Do mesmo modo, se a verdade dos fatos não corrobora sua posição política, ela deve simplesmente ser desprezada ou distorcida. A sordidez e a periculosidade do inimigo por ele criado justificariam seu modo de proceder.

Ora, o conjunto disso tudo impõe que o pensamento de Olavo seja definido como ideologia (“um meio de luta social”, como definido acima por Lukács) *par excellence*, e não como científico. Sua preocupação não é o conhecimento dos fenômenos, e sim o combate que move contra seus adversários.

As contradições em seu pensamento não lhe parecem um problema. Por isso, em sua rede social, pôde divulgar um vídeo segundo o qual “Bill Gates patenteou o coronavírus e tudo isso tem um objetivo: redução populacional” e, noutra ocasião, afirmar:

Só um perfeito idiota pode imaginar que a disseminação do vírus chinês no mundo foi um acidente. Mas o Ocidente está repleto de perfeitos idiotas, diante dos quais os chineses têm um justificado senso de superioridade⁵¹.

Sem se compungir com suas contradições, o filósofo “parteiro da nova direita” ora nega a existência da pandemia do novo coronavírus⁵², ora coloca-a na conta de Bill Gates e, ainda, ora coloca-

⁵¹ <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/relembre-as-vezes-que-olavo-de-carvalho-minimizou-a-pandemia-e-a-covid/> Acesso em: 22 mar. 2022.

⁵² <https://contraponto.jor.br/olavo-de-carvalho-esta-epidemia-nao-existe/> Acesso em: 22 mar. 2022.

a na conta dos comunistas chineses. Para atingir seus objetivos, não hesitava sequer em fazer colocações algo patéticas, como quando disse: “os Beatles eram semianalfabetos em música. Não sabiam nem tocar violão. Quem compôs as canções foi o Theodor Adorno”⁵³.

Mais uma vez, é possível observar que, para ele, não importa a correspondência entre as ideias e os fatos nem tampouco se têm lógica e coesão, lastro comprobatório de qualquer natureza que seja. Interessa, isto sim, se atendem aos seus propósitos. Como se vê, é a partir do critério político que ele tudo julga: as universidades, as instituições de ensino, a ciência, a verdade etc. Sem novidade, é pelo mesmo critério que aprova seus alunos-seguidores. Eis o que diz deles, sem modéstia:

Meus alunos - e praticamente só eles - já estão criando a nova alta cultura do Brasil, que irá jogar na lata de lixo do esquecimento TODA a subcultura universitária e jornalística das três ou quatro últimas décadas (Twitter, 20 de junho de 2016).

Meus alunos são mais cultos e escrevem melhor do que qualquer jornalista ou professor universitário desses que vivem brilhando na mídia... [...] Descontados uns poucos sobreviventes de gerações anteriores, ELES, e mais ninguém, são a alta cultura brasileira (Facebook, 9 de fevereiro de 2019).

Meus alunos superam, em quantidade e qualidade, a produção cultural de qualquer universidade brasileira. e não custam ao povo um tostão em impostos. segundo a fôia, isso é fascismo (Twitter, 4 de dezembro de 2019).

⁵³ <https://www.poder360.com.br/brasil/segundo-olavo-de-carvalho-quem-compo-s-as-musicas-dos-beatles-foi-theodor-adorno/> Acesso em: 22 mar. 2022.

Mas o que dizem seus alunos? Tomemos para análise aquele que esteve à frente da pasta da educação: Weintraub. Entre muitas outras coisas, o ex-Ministro da educação fez uma surpreendente exegese de *O capital* de Marx:

Aqui a gente tá falando da cultura... do marxismo cultural. E eu tive que ler a obra inteira do Karl Marx na faculdade. Eu fiz economia na USP, eu entrei muito cedo na USP. E lá naquela época eu tive que ler. Então, *O capital*, né?, são vários volumes, um catatau gigantesco. Li inteiro! A obra inteira dele eu li. E ali tá muito claro. Tem dois pilares que ele quer destruir. Um pilar é a família. Fala-se abertamente: “tem que destruir a família”. Tá escrito isso. Não é piada. E esse é o manual de instrução do marxismo cultural (ROCHA, 2021, p. 330).

Tal como seu mestre, o discípulo faz pouco caso da verdade. Decerto, a obra de Marx forma um todo orgânico - o que não significa dizer que não tenha nuances. Mas é impossível que uma disciplina ou mesmo um curso requeira a leitura de sua inteira obra, que é vastíssima⁵⁴ e diversa⁵⁵. E quem consultá-la na esperança de encontrar

⁵⁴ Até aqui, a obra de Marx só foi publicada em parte e essa parte já é bastante vasta, ganhando corpo em dezenas de títulos. O projeto da publicação completa deseus escritos ainda está em andamento. Weintraub jamais poderia tê-la lido toda, como afirmou.

⁵⁵ Dissemos que a obra de Marx forma um todo orgânico. Mas, seja por questão do tempo de duração das disciplinas e dos cursos, seja pelo foco dos cursos e/ou dos docentes - ela é trabalhada de modo um tanto fragmentada. Por exemplo, obras como o *Manifesto comunista*, *A ideologia alemã*, *Sobre a questão judaica*, *Miséria da filosofia*, *O dezoito brumário*, *Guerra civil na França*, *Crítica ao programa de Gotha* e outras similares são mais usadas em cursos como Ciências sociais, Filosofia e História. Já nos cursos de Economia, são mais usadas obras como *Contribuição à*

a orientação de destruir a família vai se frustrar completamente. Ou Weintraub não leu *O capital* e está inventando ou, se leu (coisa de que duvidamos), não entendeu absolutamente nada.

Além dessa erudição oca, dessa falta de honestidade intelectual, chama a atenção a retórica sofrível do discípulo do astrólogo. Não esqueçamos que Olavo disse que seus discípulos “estão criando uma nova cultura” e “são mais cultos e escrevem melhor do que qualquer jornalista ou professor universitário desses que vivem brilhando na mídia”. Vale fazer constar que foi esse mesmo erudito que confundiu cafta (iguaria árabe) com Kafka (o escritor)⁵⁶. Foi também ele quem confundiu 500 mil com 500 milhões, errando um cálculo por abissal diferença⁵⁷.

No mais, deixemos em relevo que, enquanto a maioria dos olavistas e bolsonaristas aponta Gramsci como o criador do marxismo cultural, ele afirma ser Marx mesmo esse criador e que *O capital* “é o manual de instrução do marxismo cultural”. Nas mãos de Weintraub, o monumental projeto de crítica da economia política de Marx se transformou num manual de instrução do marxismo cultural, voltado para a destruição da família.

Ecoando fielmente o ódio de seu mestre pelas universidades, o ex-ministro tratou-as como lugar de balbúrdia⁵⁸ e plantação de

crítica da economia política, O capital e Teorias da mais-valia. Por isso, devemos repetir: Weintraub não poderia ter lido toda sua obra.

⁵⁶ <https://www.cartacapital.com.br/politica/no-senado-ministro-da-educacao-confunde-escriptor-com-prato-arabe/> Acesso em: 21 mar. 2022.

⁵⁷ <https://contraponto.jor.br/diferenca-de-mil-vezes-ministro-confunde-r-500-milhoes-com-r-500-mil/> Acesso em: 21 mar. 2022.

⁵⁸ <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html> Acesso em: 21 mar. 2022.

maconha⁵⁹. Mas o discípulo do astrólogo não parou nos ataques morais à educação. Bem ao gosto dos neoliberais, quando ministro, foi bem austero com os gastos.

Convocado para participar de uma sessão na Câmara dos deputados que trataria do orçamento das universidades federais, Weintraub afirmou que o país “gasta demais com o ensino” e que “O sonho das pessoas é colocar os filhos na educação privada, não na pública”⁶⁰. Orgulhosamente olavista, afirmou que os concursos públicos - do Enem aos concursos para a Abin e a PF - selecionam “esquerdistas”⁶¹. Mais uma vez, a associação entre educação/estudo-esquerda/comunismo.

Não apenas os discípulos, também Olavo trazia em seu pensamento pitadas de neoliberalismo, surpreendida em passagens em que critica o “burocratismo” e o funcionalismo público:

Bolsonaro não é só o presidente escolhido e amado pelo povo. É líder natural e predestinado da REVOLUÇÃO BRASILEIRA. Sua missão é quebrar a espinha do Estamento Burocrático e colocar de uma vez O POVO NO PODER (Twitter, 19 de abril de 2020).

Encaminhando-nos para o fechamento desta seção, queremos destacar outros aspectos do olavismo. Um deles é o elemento religioso.

⁵⁹ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/11/22/ministro-diz-que-ha-planta-coes-de-maconha-em-universidades-reitores-criticam-ataques-e-retorica-agressiva.ghtml> Acesso em: 21 mar. 2022.

⁶⁰ <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/15/na-camara-ministro-da-educacao-diz-que-brasil-gasta-demais-com-ensino> Acesso em: 22 maio 2019.

⁶¹ <https://blogs.correiobraziliense.com.br/servidor/weintraub-diz-que-concursos-selecionam-esquerdistas/> Acesso em: 13 jan. 2020.

Para Ernesto Araújo, discípulo seu e ex-Ministro das Relações Exteriores,

Foi a divina providência que governou o Brasil por todas essas etapas, reunindo as ideias de Olavo de Carvalho com a determinação e o patriotismo de Bolsonaro? Eu acho que sim (ARAÚJO *apud* ROCHA, 2021, p. 149).

É com tons igualmente religiosos que o mesmo sujeito define “globalismo” e marxismo cultural:

Globalismo é a globalização econômica que passou a ser pilotada pelo marxismo cultural. Essencialmente é um sistema anti-humano e anticristão. A fé em Cristo significa, hoje, lutar contra o globalismo, cujo objetivo último é romper a conexão entre Deus e o homem, tornando o homem escravo e Deus irrelevante (ARAÚJO *apud* ROCHA, 2021, p. 148).

De essencial e plenamente anticapitalista, o pensamento de Marx virou marxismo cultural e, agora, pilota a globalização econômica. O maior inimigo do capitalismo virou nada menos que seu tutor e sua principal preocupação seria, agora, separar o homem de Deus! Nunca poderemos subestimar o poder alquímico dos olavistas. Outra característica dessa matriz ideológica é a aversão às minorias e suas lutas, no que confraterniza com a guerra ao marxismo cultural e com o cristianismo neoconservador:

Toda “minorias oprimidas” começa mendigando direitos e termina exigindo e impondo um PODER. Transita da choradeira à prepotência e da

prepotência à brutalidade assassina com o cara mais bisonha do mundo, como se intimidar, agredir e matar fossem coisas tão inocentes como querer um lugar no ônibus (Facebook, 16 de janeiro de 2017).

Por último, mas não menos importante: o autoritarismo. Olavo chegava a ser mais autoritário e inclinado a golpes do que alguns militares, de quem reclama:

Há quarenta anos vejo um povo oprimido, roubado e escravizado clamar em vão pela ajuda militar. Se houvesse um PINGO de patriotismo e amor à democracia nas Forças Armadas, elas teriam reagido à dominação comunista da mídia, do sistema educacional, do funcionalismo público (Twitter, 12 de maio de 2020)⁶².

Esse autoritarismo tinha lugar em sua pedagogia, sobre seus alunos. Referindo-se às aulas e aos cursos do astrólogo, Fonseca esclarece:

⁶² Aproveitamos para mostrar, tal como dizíamos no início desse texto, que, embora convergentes em pontos vários, também há divergências entre essas matrizes e seus sujeitos. Vemos, nesta citação, Olavo dirigir críticas demasiado ácidas aos militares. Em outras ocasiões, isso aflorou com certa força. Em entrevista a Teitelbaum (2020, p. 226), disse Olavo: “Acho que será bom se o Brasil ficasse do lado dos Estados Unidos, mas isso não vai acontecer, porque **todos os militares são pró-chineses** - eles amam a China e odeiam os Estados Unidos. E a maioria dos políticos também. Então o Brasil é um aliado da China. Um instrumento da China” (destaques em negrito são nossos). E mais: “O antagonismo declarado sinalizava o agravamento de uma divisão na política brasileira, com os militares e o vice-presidente, de um lado, e o presidente, Olavo e os ministros amigos de Olavo (Ricardo Vélez Rodríguez e Ernesto Araújo) - todos eles em contato com Steve Bannon -, de outro. Um grupo de generais reunira-se para discutir o ‘problema Olavo’ e, durante uma coletiva pública de imprensa, o vice-presidente Mourão afirmou que o filósofo deveria ficar fora da política e ‘voltar a ser astrólogo’” (TEITELBAUM, 2020, p. 224).

Questionar e discordar são práticas coibidas, ou, na melhor das hipóteses, desestimuladas. Chegou-se ao ridículo de inventar a “virtude” conhecida como “humildade metódica”, segundo a qual o aluno, mesmo quando lhe parecer que Olavo está errado em um ponto particular, tem a obrigação de guardar a impressão para si (FONSECA *apud* ROCHA, 2021, p. 181).

Cristianismo neoconservador

Após a saída de Weintraub - e da passagem meteórica de Decotelli⁶³ -, o pastor presbiteriano Milton Ribeiro assumiu o MEC. A partir daí, a matriz do cristianismo neoconservador passou a ter proeminência na condução da pasta. De imediato, Ribeiro exonerou servidores ligados a seu antecessor⁶⁴, talvez querendo manter certa distância dos problemas criados pelos que o antecederam.

Contudo, como vimos argumentando, essas matrizes - por diferentes e até conflitivas que sejam em alguns pontos - guardam afinidades eletivas. É particularmente notável a convergência entre a visão de Olavo de Carvalho e a de Ribeiro.

Para ambos, o sistema de ensino está voltado para a perversão sexual dos estudantes. Ribeiro disse, em dada ocasião, que “Crianças com 9, 10 anos não sabem ler. Sabem tudo. Com todo respeito às

⁶³ <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-01/ministro-decatelli-cai-por-maquiar-curriculo-e-reforca-pessimismo-sobre-o-futuro-da-educacao-sob-bolsonaro.html> Acesso em: 2 set. 2019.

⁶⁴ <https://www.metropoles.com/brasil/milton-ribeiro-exonera-assessores-da-ala-ideologica-ligados-a-weintraub> Acesso em: 28 jul. 2020.

senhoras aqui presentes, sabem até colocar uma camisinha, mas não sabe que ‘b’ mais ‘a’ é ‘ba’. Está na hora de dar um basta nisso”⁶⁵.

A visão que tem acerca das universidades não é distinta da que tem da escola, denunciando uma continuidade entre a base e o topo de nosso sistema educacional. Já em 2018, afirmou que as universidades ensinam “sexo sem limites”. Não bastasse a acusação, baseada em um preconceito que é moeda corrente entre bolsonaristas, ainda pesa a mão nas ênfases. As universidades não ensinariam apenas sexo. Ensinam “sexo sem limites”. E completa, definindo as universidades como espaços de perversão sexual:

O mundo foi perdendo a referência do que é certo e o que é errado em termos de conduta sexual. [...] Essa é a nossa sociedade, é isso que eles estão ensinando para nossos filhos na universidade. É um valor da nossa sociedade contemporânea. Eu, você, os nossos filhos, sobretudo, estão sofrendo esse tipo de pressão⁶⁶.

Não deixa de despertar curiosidade: em que escolas ensinam crianças de 9 ou 10 anos a “colocar camisinha”? Em que disciplinas e cursos universitários ele acha que ensinam “sexo sem limites”? As perguntas são importantes porque, a seguirmos de forma consequente as implicações das palavras de Ribeiro, terminaríamos por crer que não é só que haja sexo nas dependências das instituições educacionais. É que aí o sexo faria parte do processo de ensino-aprendizagem,

⁶⁵ <https://www.metropoles.com/brasil/ribeiro-diz-que-criancas-nao-sabem-ler-mas-sabem-colocar-camisinha> Acesso em: 29 abr. 2021.

⁶⁶ <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2020/07/12/universidades-ensinam-sexo-sem-limites---afirma-novo-ministro-da-educacao.html> Acesso em: 10 out. 2020.

compondo parte dos componentes curriculares e, portanto, avaliativos. É isso o que ele permite entender ao asseverar que “é isso que eles estão ensinando para nossos filhos na universidade”.

No fundo de manifestações dessa natureza, resta a obsessão pelo que eles chamam “ideologia de gênero”, algo que lhes permite, num único movimento, atacar as instituições de ensino e os que não se encaixam no padrão da hétero-normatividade. Na mesma entrevista em que procurou desmoralizar os professores, o ministro disse:

O adolescente que muitas vezes opta por andar no caminho do homossexualismo (sic) tem um contexto familiar muito próximo. São famílias desajustadas, algumas. Falta atenção do pai, falta atenção da mãe. Vejo menino de 12, 13 anos optando por ser gay. Nunca estive com uma mulher de fato, com um homem de fato e caminhar por aí⁶⁷.

Pode ser que não. De toda forma, não custa indagar: estaria ele sugerindo que um menino de 12 ou 13 anos “ficasse” com uma mulher, para aprender a ser um “homem de fato”?

Talvez o ministro não saiba - nem queira saber -, mas já ficou demonstrado, através de pesquisa, que, no Brasil, “73% dos jovens de 13 a 21 anos identificados como LGBTs foram agredidos verbalmente na escola em 2015 por causa da orientação sexual. É o maior índice entre seis países da América Latina, onde a pesquisa foi feita”⁶⁸. Pior

⁶⁷ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/06/06/pgr-diz-ao-stf-que-denuncia-contra-milton-ribeiro-por-homofobia-deve-seguir-para-justica-federal.ghtml>
Acesso em: 8 jul. 2022.

⁶⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/11/1834166-73-dos-jovens-lgbt-dizem-ter-sido-agredidos-na-escola-mostra-pesquisa.shtml> Acesso em: 15 dez.

ainda: há 13 anos no topo de um macabro *ranking*, o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo⁶⁹. Só de 2020 para 2021, houve um aumento no número de mortes violentas na ordem de 33%⁷⁰. Em 2023, foram 257 mortes e o país continua o mais transfóbico do mundo⁷¹.

Afrontadas por uma realidade tão assustadora e perigosa, as instituições de ensino precisam encarar o desafio de entender o fenômeno da diversidade e da violência contra ela, desdobrando-se para que essa violência não ocorra, quer em suas dependências, quer na sociedade como um todo. Ensinar cidadania, o respeito para com o diverso, não guarda proximidade nenhuma com “perversão sexual”. É uma necessidade da vida civilizada.

Ainda em intersecção com o olavismo, Ribeiro vincula as universidades ao esquerdismo:

Não pode ser esquerdista, lulista. Eu acho que reitor tem que cuidar da educação e ponto-final, e respeitar quem pensa diferente. As universidades federais não podem se tornar comitê político de um partido A, de direita, e muito menos de esquerda⁷².

A falta de isenção ou neutralidade se autodenuncia ao afirmar que as universidades não podem ser de direita, “e muito menos de

⁶⁹ <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo> Acesso em: 25 jan. 2022.

⁷⁰ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/numero-de-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-subiu-333-em-um-ano> Acesso em: 20 jul. 2022.

⁷¹ Brasil registra 257 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ em 2023, uma a mais que 2022, e segue como país mais homotransfóbico do mundo | Bahia | G1 (globo.com) Acesso em: 14 fev. 2024

⁷² <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-seja-para-poucos.ghtml> Acesso em: 12 ago. 2021.

esquerda”. As duas posições não podem. Uma, porém, pode menos que a outra. Na mesma entrevista de onde foi extraída a citação supra, debocha dos professores e da ciência nos seguintes termos:

Infelizmente, alguns maus professores (a grande maioria está querendo voltar e se preocupa com as crianças) fomentam a vacinação deles, que foi conseguida; agora [querem a imunização] das crianças; depois, com todo o respeito, para o cachorro, para o gato. Querem vacinação de todo jeito. O assunto é: querem manter a escola fechada⁷³.

O enfoque que dá à questão é esclarecedor, seja de sua ignorância, seja de sua malícia política. Além das crianças e bem mais do que com elas, os docentes estavam preocupados com os parentes dos estudantes. Podia acontecer de elas se infectarem na escola e depois, em casa, infectarem algum parente (pais, tios, avós etc.), que, pela agressividade do vírus em si ou por algum problema de saúde outro, preexistente, pudesse vir a óbito.

Evocar o “com todo respeito” foi só um pretexto, uma forma de disfarçar ou justificar o desrespeito que se seguiu. E essa não foi a única vez em que Ribeiro ofendeu a categoria dos docentes. Certa feita, afirmou que “Ser professor é ter quase uma declaração de que a pessoa não conseguiu fazer outra coisa”⁷⁴. Analisando a declaração com a força que ela tem, conclui-se que, para o então chefe da pasta da educação, os professores seriam pessoas frustradas, que se refugiam no

⁷³ <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-seja-para-poucos.ghtml> Acesso em: 12 ago. 2021.

⁷⁴ <https://www.ufrgs.br/humanista/2020/10/14/editorial-i-ser-professor-e-uma-declaracao-de-generosidade-ministro/> Acesso em: 14 out. 2020.

magistério por fracassarem na busca de outras profissões. Se frustrados e fracassados, como poderiam não ser “maus professores”?

Não é de estranhar que quem pense assim dos professores considere que toda preocupação deles com a vacinação e com os protocolos de proteção não passava de artimanha para manter as escolas fechadas. Certamente, a exemplo de Bolsonaro, ele também considerava que os professores não voltaram às aulas durante o período forte da pandemia por um misto de preguiça e oposição política ao governo⁷⁵.

Sintomaticamente, ainda, a preocupação com seguir as orientações científicas colocou os docentes sob ataque. Quer dizer, além da frustração e do fracasso, os docentes seriam maus professores por terem optado em seguir as recomendações sanitárias dos especialistas, recebendo, por isso, uma reprovação moral do ministro. Em sua perspectiva, os que queriam voltar estariam preocupados com as crianças e os que resistiam, não.

Vale lembrar, aliás, que foi preciso o STF derrubar o Ato Normativo do MEC que impedia as instituições de ensino federal de cobrarem o comprovante de vacina para que as pessoas pudessem entrar e permanecer em suas dependências⁷⁶. Isso mostra não apenas que o Ministério está descolado do que postula a ciência, como atua contra ela. Outra vez, por parte dos representantes do governo, os problemas que afetam a educação não foram enfrentados nos termos da ciência, mas nos termos da pura ideologia, dos interesses político-partidários.

⁷⁵ <https://www.cpp.org.br/informacao/noticias/item/15869-bolsonaro-pede-aula-presencial-e-diz-que-professor-nao-quer-trabalhar> Acesso em: 22 abr. 2021

⁷⁶ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/02/4986416-stf-forma-ma-ioria-para-que-universidades-exijam-passaporte-de-vacina.html> Acesso em: 2 mar. 2022.

Não ocorreu a Ribeiro tratar da condição dos professores, coisa de suma importância em qualquer projeto de melhoria da educação. De acordo com *The State of Global Education - 18 months into the pandemic*, um levantamento da OCDE,

O piso salarial dos professores e professoras do ensino fundamental no Brasil é o mais baixo entre os 40 países listados em relatório da Organização para a Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE)⁷⁷.

Ainda segundo o mesmo estudo,

professoras e professores brasileiros têm salário inicial de 13,9 mil dólares por ano. O valor é referente a 2018. A média de remuneração entre os países da OCDE para esse nível é 36,1 mil dólares. O estudo se baseia na conversão para comparação das remunerações usando a escala de paridade do poder de compra, que incide no custo de vida dos países⁷⁸.

Infelizmente, os problemas enfrentados pelos docentes não se restringem ao baixo salário. Só no estado de São Paulo, no ano de 2019, 111 professores foram afastados por transtornos mentais e/ou comportamentais diariamente. Ao todo, no ano de 2018, 53 mil

⁷⁷ <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/estudo-da-ocde-aponta-que-brasil-tem-o-pior-piso-salarial-para-educacao-entre-40-paises1> Acesso em: 12 out. 2021.

⁷⁸ <https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/estudo-da-ocde-aponta-que-brasil-tem-o-pior-piso-salarial-para-educacao-entre-40-paises1> Acesso em: 12 out. 2021.

docentes foram afastados, resultado do desgaste com jornadas de trabalho que se arrastavam das 7 da manhã às 11 da noite, de salas de aula lotadas e insalubres, do desrespeito, estresse etc. Até agosto de 2019, já contavam mais de 27 mil afastados⁷⁹.

Em sentido de continuidade ao que seus antecessores pensavam⁸⁰, também o pastor Milton Ribeiro considerava que a “universidade deveria, na verdade, ser para poucos, nesse sentido deser útil à sociedade”. Em sua concepção, apenas se excludente e elitista a universidade seria “útil à sociedade”. Complementarmente, o pastor afirmou que “encheram o país de universidades” e que isso representaria uma “herança ruim” deixada pelos “governos de esquerda”⁸¹ - também aqui surpreendemos a relação esquerda/comunismo-instituições de ensino, já apontada no olavismo.

O avanço na democratização do ensino superior seria, para o ministro, um retrocesso. Foi seguindo a mesma lógica excludente que declarou não querer o “inclusivismo”⁸². Na ocasião, referia-se aos alunos que fazem parte do público-alvo da educação especial, discentes com deficiências, transtornos e altas habilidades/superdotação, dizendo ainda que eles atrapalhavam o aprendizado dos outros estudantes. Negava-lhes, com essa postura capacitista, o direito ao

⁷⁹ <https://www.brasildefato.com.br/especiais/a-cada-dia-mais-de-100-professores-sao-afastados-por-transtornos-mentais-em-sp> Acesso em: 15 out. 2019.

⁸⁰ Em seu tempo, Vélez alegou: “As universidades devem ficar reservadas para uma elite intelectual, que não é a mesma elite econômica [do país]” (<https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/educacao/universidade-nao-e-para-todos-mas-somente-para-algumas-pessoas-diz-ministro-da-educacao/>). Acesso em: 02 fev. 2019.

⁸¹ <https://www.metropoles.com/brasil/educacao-br/ministro-da-educacao-diz-que-encheram-brasil-de-universidades>. Acesso em: 10 out. 2021.

⁸² <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/nao-queremos-inclusivismo-diz-milton-ribeiro-sobre-criancas-com-deficiencia>. Acesso em: 28 ago. 2021.

desenvolvimento biopsicossocial e intelectual, ignorando lutas e conquistas em favor dos direitos humanos⁸³.

Para os representantes do governo, havia muitas coisas que pareciam excessivas na educação. Weintraub disse que gastávamos demais com a educação. Bolsonaro afirmou que tínhamos excesso de professores e isso atrapalhava⁸⁴. Ribeiro disse que encheram o país de universidades e que elas ensinam sexo sem limites.

Todavia, sempre de acordo com a conveniência política, o governo criou exceções a suas próprias regras. Em 2021, sem estudo técnico nenhum que justificasse a proposta e apontasse os benefícios que porventura ela trouxesse, propôs a criação - via desmembramento - de 10 institutos federais e 5 universidades⁸⁵. Embora implicasse aumento nos custos, não haveria aumento de verbas, nem criação de cursos ou vagas.

O governo criaria novas estruturas administrativas (não materiais) e novos cargos, sem o necessário aumento no repasse de verbas. Ademais, a criação desses novos *campi* se daria nos redutos de aliados políticos do governo, permitindo a eles tirar proveito do projeto, valendo-se dele como capital eleitoreiro.

E ainda: com a criação desses novos *campi*, o governo teria o direito de indicar seus primeiros reitores (*tempore*), ganhando força política suficiente para virar em benefício próprio as disputas decididas pelo voto com as instituições federais de ensino. Mais uma vez, fica

⁸³ Agradeço a generosa e esclarecida ajuda da professora Meyrecler Padilha na formulação desse parágrafo.

⁸⁴ <https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2021/09/16/bolsonaro-diz-a-apoiadores-que-excesso-de-professores-atrapalha.htm>. Acesso em: 10 out. 2021.

⁸⁵ <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/10/27/ministro-educacao-divisao-universidades-autorizacao-vagas-cursos.htm> Acesso em: 01 nov. 2021.

clara a motivação política no trato para com as instituições de ensino. Nada de ciência. Nada de pedagogia.

É possível observar o uso político-partidário no MEC em outros casos. Vamos nos referir a dois. O primeiro deles diz respeito à relação entre o Ministério e a atuação de dois pastores: o pastor Gilmar Silva dos Santos (presidente da Convenção Nacional de Igrejas e Ministros das Assembleias de Deus no Brasil) e Arilton Moura (assessor de Assuntos Políticos da referida entidade).

Segundo levantamento do jornal *Estadão*⁸⁶, no período de pouco mais de um ano, os dois religiosos participaram de 22 compromissos oficiais no MEC. Desses compromissos, 19 contaram com a presença do ministro e alguns seriam voltados para “alinhamento político”. Os pastores tinham acesso privilegiado ao Ministro, servindo-se dele para fazer *lobbies*, facilitando liberação de verbas para os governantes locais que aceitassem seus termos.

Num áudio obtido pelo jornal, Ribeiro declarava que “Foi um pedido especial que o Presidente da República fez para mim sobre a questão do [pastor] Gilmar”. Deixando claro o caráter de barganha do esquema, o então ministro acrescentava: “então o apoio que a gente pede não é segredo, isso pode ser [inaudível] é apoio sobre construção das igrejas”⁸⁷.

O elemento assombroso do caso ficou bem demonstrado pela imprensa e por agentes públicos que revelaram que os acordos envolviam até pedido de propina em barras de ouro. Os pastores procuravam prefeitos, cobravam propina e, em troca, ofereciam facilidades na liberação de verbas. Esperamos que os órgãos

⁸⁶ <https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/03/18/gabinete-paralelo-de-pastore-s-controla-agenda-e-verba-do-mec.htm> Acesso em: 18 mar. 2022.

⁸⁷ <https://educacao.uol.com.br/noticias/2022/03/21/ministro-educacao-priorizar-amigos-pedido-bolsonaro.htm> Acesso em: 21 mar. 2022.

fiscalizadores possam apurar a fundo as denúncias. Contudo, para nossos propósitos, mesmo que ninguém seja indiciado ou apenado, interessa destacar como a pasta que se mostrou tão inacessível às entidades representativas da educação (gestores, docentes e estudantes), em contraste, escancarou suas portas à atuação lobista de religiosos.

Ora, que contribuições esses atores poderiam dar à educação e à ciência? Também pela imprensa, veio à tona outro escândalo da mesma natureza. Segundo matéria do *Estadão*, para atender a interesses de seus aliados, o governo autorizou a construção de 2 mil novas escolas, mas 3,5 mil ainda estavam por ser concluídas. E não havia verba suficiente no MEC.

No orçamento de 2022, o fundo [Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação] conta com R\$ 114 milhões. Para realizar as obras das duas mil novas escolas, seriam necessários R\$ 5,9 bilhões. E para finalizar as que já estão com obras paralisadas, mais R\$ 1,7 bilhão.

Até o momento, foram liberados pelo fundo 3,8% do dinheiro previsto para a construção das duas mil novas escolas e creches. Desse total, 560 obras receberam apenas 1% dos valores empenhados, ou seja, do dinheiro que está reservado para a obra⁸⁸.

O FNDE é presidido por Marcelo Lopes da Ponte, ex-assessor de Ciro Nogueira (PP), liderança do “centrão” e que foi ministro da Casa Civil do governo Bolsonaro. Aí reside a explicação para a

⁸⁸ <https://canalmynews.com.br/politica/escolas-fake-governo-federal-autorizou-construcao-de-novas-escolas-sem-ter-finalizado-obras-paradas/> Acesso em: 12 abr. 2022.

liberação seletiva de verbas para os aliados⁸⁹. Os interesses político-partidários foram a mola propulsora da atuação do MEC.

Esses casos mostram o quanto a atuação desse grupo tem implicações nefastas. Talvez, exatamente, por ter promovido uma interferência tão acintosa assim na educação é que Bolsonaro tenha declarado: “Nós queremos uma garotada que comece a não se interessar por política, como é atualmente dentro das escolas”⁹⁰. Ao que parece a meta desse grupo político era manter nossas crianças e juventude em estado de completa ignorância e apatia políticas. De fato, apenas a falta de formação político-cidadã os impediria de ver e reagir a tantos desmandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDES. **Estudo da OCDE aponta que Brasil tem pior piso salarial para a educação entre 40 países.** Disponível *In* <<https://www.andes.org.br/conteudos/noticia/estudo-da-ocde-aponta-que-brasil-tem-o-pior-piso-salarial-para-educacao-entre-40-paises1>> Acesso em: 12 out. 2021.

AUGUSTO, Otávio. **Milton Ribeiro exonera assessores da ala ideológica ligados a Weintraub.** Disponível *In* <<https://www.metropoles.com/brasil/milton-ribeiro-exonera-assessores-da-ala-ideologica-ligados-a-weintraub>> Acesso em: 28 jul. 2020.

⁸⁹ Governo Bolsonaro trava R\$ 434 mi para obras paradas de escolas, mas libera verba a aliados - Jornal de Brasília (jornaldebrasilia.com.br) Acesso em: 25 abr. 2022.

⁹⁰ <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/bolsonaro-queremos-uma-garotada-que-comece-a-nao-se-interessar-por-politica,211a9fa2b6c6bb6c9b397689158ea9b65w335k5h.html> Acesso em: 12 abr. 2019.

BIMBATI, Ana Paula. **Ministro defende divisão de universidades:** “MEC não cria cursos ou vagas”. Disponível *In* <Divisão de universidade: MEC diz não ter autorização para criar cursos (uol.com.br)> Acesso em: 01 nov. 2021.

BOEHM, Camila. **Número de mortes de violentas de pessoas LGBTI+ subiu 33,3% em um ano.** Disponível *In* <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2022-05/numero-de-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-subiu-333-em-um-ano>> Acesso em: 20 jul. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

CARTA CAPITAL. **Kafka ou cafta?** Ministro da educação confunde escritor com prato árabe. Disponível *In* <<https://www.cartacapital.com.br/politica/no-senado-ministro-da-educacao-confunde-escritor-com-prato-arabe/>> Acesso em: 21 mar. 2022.

CONGRESSO EM FOCO. **Universidade não é para todos, mas somente para algumas pessoas, diz ministro da educação.** Disponível *In* <Universidade “não é para todos”, mas “somente para algumas pessoas”, diz ministro da Educação - Congresso em Foco (uol.com.br)> Acesso em: 02 fev. 2019.

CONTRAPONTO. **Olavo de Carvalho:** “Esta epidemia não existe”. Disponível *In* <<https://contraponto.jor.br/olavo-de-carvalho-esta-epidemia-nao-existe/>> Acesso em: Acesso em 22 mar. 2022.

CONTRAPONTO. **Diferença de mil vezes:** ministro confunde R\$ 500 milhões com R\$ 500 mil. Disponível *In* <<https://contraponto.jor.br/diferenca-de-mil-vezes-ministro-confunde-r-500-milhoes-com-r-500-mil/>> Acesso em: 21 mar. 2022.

CORREIO BRAZILIENSE. **Weintraub diz que concurso selecionam “esquerdistas”.** Disponível *In* <<https://blogs.correio braziliense.com.br/servidor/weintraub-diz-que-concursos-selecionam-esquerdistas/>> Acesso em: 13 jan. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. **STF forma maioria para que universidades exijam passaporte de vacinas.** Disponível In <STF forma maioria para que universidades exijam passaporte de vacina (correio braziliense.com.br)> Acesso em: 2 mar. 2022.

COSTA, Mariana. **“Não queremos inclusivismo”, diz Milton Ribeiro sobre criança com deficiência.** Disponível In <“Não queremos inclusivismo”, diz Milton Ribeiro sobre crianças com deficiência | Metrôpoles (metropoles.com)> Acesso em: 28 ago. 2021.

FALCÃO, Márcio e VIVAS, Fernanda. **PGR diz ao STF que denúncia contra Milton Ribeiro por homofobia deve seguir para Justiça Federal.** Disponível In <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/06/06/pgr-diz-ao-stf-que-denuncia-contramilton-ribeiro-por-homofobia-deve-seguir-para-justica-federal.ghtml>> Acesso em: 8 jul. 2022.

GAZETA DO POVO. **Bolsonaro divulga vídeo de suposta doutrinação em cursinho.** Disponível In <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/bolsonaro-divulga-video-de-suposta-doutrinacao-ideologica-em-cursinho/>> Acesso em: 27 nov. 2019.

G1. **Ministro diz que há plantações de maconha em universidades; reitores criticam ataques e retórica agressiva.** Disponível In <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/11/22/ministro-diz-que-ha-plantacoes-de-maconha-em-universidades-reitores-criticam-ataques-e-retorica-agressiva.ghtml>> Acesso em: 21 mar. 2022.

G1. **Brasil registra 257 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ em 2023, uma a mais que 2022, e segue como país mais homotransfóbico do mundo.** Disponível In <Brasil registra 257 mortes violentas de pessoas LGBTQIA+ em 2023, uma a mais que 2022, e segue como país mais homotransfóbico do mundo | Bahia | G1 (globo.com)> Acesso em 14 fev. 2024.

G1. **Ministro da Educação defende que universidade seja “para poucos”.** Disponível In <<https://g1.globo.com/educacao/noticia>

/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-seja-para-poucos.ghml> Acesso em: 12 ago. 2021.

HUMANISTA. **Ser professor é uma declaração de generosidade, ministro.** Disponível In <EDITORIAL I Ser professor é uma declaração de generosidade, ministro — Humanista (ufrgs.br)> Acesso em: 14 out. 2020.

KER, João. **Os ataques de Weintraub às universidades da “balbúrdia”.** Disponível In <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/os-ataques-de-weintraub-as-universidades-da-balburdia,c5f4988ad50a620e0cf0b0915a9272d6gcjhx8ci.html?utm_source=clipboard> Acesso em: 21 mar. 2022.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro.** Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LINDNER, Júlia. **Bolsonaro não quer que “garotada” se interesse por política.** Disponível In <Bolsonaro não quer que "garotada" se interesse por política (terra.com.br)> Acesso em: 12 abr. 2019.

LONGO, Ivan. **Farc e narcotráfico: bolsonaristas importam fake News contra o PT da Espanha.** Disponível In <<https://revistaforum.com.br/politica/2021/10/10/farc-narcotrafico-bolsonaristas-importam-fake-news-contr-pt-da-espanha-104529.html>> Acesso em: 24 mar. 2022.

LÖWY, Michael. **A jaula de ferro: Max Weber e o marxismo weberiano.** São Paulo: Boitempo, 2014.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social, Vol. II.** São Paulo: Boitempo, 2013.

LUKÁCS, György. **A destruição da razão.** São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital.** São Paulo: Boitempo, 2013.

- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MATTOSO, Camila. **Bolsonaro pediu “faca nos dentes” contra a esquerda, diz Ricardo Vélez em livro**. Disponível *In* <<https://amazonasatual.com.br/bolsonaro-pediu-faca-nos-dentes-contra-a-esquerda-diz-ricardo-velez-em-livro/>> Acesso em: 8 ago. 2020.
- MELO, Júlia. **Escolas fake**: governo federal autorizou construção de novas escolas sem ter finalizado obras paradas. Disponível e *In* <Escolas Fake: governo federal autorizou construção de novas escolas sem ter finalizado obras paradas - Canal MyNews – Jornalismo Independente> Acesso em: 12 abr. 2022.
- MÉSZÁROS, István. **Filosofia, ideologia e ciência social**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- OFÉLIA, Laila. **“Só o professor não quer trabalhar na pandemia”, diz parlamentar**. Disponível *In* <'Só o professor não quer trabalhar na pandemia', diz parlamentar - CPP - Centro do Professorado Paulista> Acesso em: 2 maio 2021.
- O POVO. **Universidades ensinam “sexo sem limites”, afirma novo ministro da educação**. Disponível *In* <<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2020/07/12/universidades-ensinam--sexo-sem-limites---afirma-novo-ministro-da-educacao.html>> Acesso em: 10 out. 2020.
- PAIXÃO, Maiara. **A cada dia, mais de 110 professores são afastados por transtornos mentais em SP**. Disponível *In* <A cada dia, mais de 100 professores são afastados por | Especiais (brasildefato.com.br)> Acesso em: 15 out. 2019.
- PAULO NETTO, José. Apresentação *In* MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Cartas sobre “O capital”**. São Paulo: Expressão Popular, 2020, pp. 15-40.

PINHEIRO, Ester. **Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo.** Disponível *In* <<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>> Acesso em: 25 jan. 2022.

PIRES, Breiller. **Ministro Decotelli cai por maquiar currículo e reforço pessimismo sobre o futuro da educação.** Disponível *In* <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-01/ministro-decatelli-cai-por-maquiar-curriculo-e-reforca-pessimismo-sobre-o-futuro-da-educacao-sob-bolsonaro.html>> Acesso em: 2 set. 2019.

PODER360. **Olavo de Carvalho diz que Theodor Adorno compôs as músicas dos Beatles.** Disponível *In* <<https://www.poder360.com.br/brasil/segundo-olavo-de-carvalho-quem-compos-as-musicas-dos-beatles-foi-theodor-adorno/>> Acesso em: 22 mar. 2022.

PORTO, Gustavo. **Bolsonaro diz a apoiadores que excesso de professores atrapalha.** Disponível *In* <Bolsonaro diz a apoiadores que excesso de professores atrapalha (uol.com.br)> Acesso em: 10 out. 2021.

ROCHA, João César de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político.** Goiânia: Editora e Livraria caminhos, 2021.

SCHUQUEL, Thayná. **Milton Ribeiro: “Crianças não leem, mas sabem colocar camisinha”.** Disponível *In* <<https://www.metropoles.com/brasil/ribeiro-diz-que-criancas-nao-sabem-ler-mas-sabem-colocar-camisinha>> Acesso em: 29 abr. 2021.

SAID, Flávia. **Ministro da educação diz que “encheram” o Brasil de universidades.** Disponível *In* <Ministro da Educação diz que “encheram” Brasil de universidades | Metrôpoles (metropoles.com)> Acesso em: 10 out. 2021.

SALDAÑA, Paulo. **73% dos jovens LGBT dizem ter sido agredidos na escola, mostra pesquisa.** Disponível *In* <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/11/1834166-73-dos-jovens-lgbt->

dizem-ter-sido-agredidos-na-escola-mostra-pesquisa.shtml>
Acesso em: 15 dez. 2020.

SALDAÑA, Paulo. **Governo Bolsonaro trava R\$ 434 mi para obras paradas de escolas, mas libera verba a aliados.** Disponível *In* <Governo Bolsonaro trava R\$ 434 mi para obras paradas de escolas, mas libera verba a aliados - Jornal de Brasília (jornaldebrasil.com.br)> Acesso em: 25 abr. 2022.

SAMPAIO, Cristiane. **Na Câmara, Ministro da educação diz que Brasil “gasta demais” com ensino.** Disponível *In* <<https://www.brasildefato.com.br/2019/05/15/na-camara-ministro-da-educacao-diz-que-brasil-gasta-demais-com-ensino>> Acesso em: 22 maio 2019.

SANDY, Mendes. **Relembre as vezes em que Olavo de Carvalho minimizou a pandemia e a Covid.** Disponível *In* <<https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/relembre-as-vezes-que-olavo-de-carvalho-minimizou-a-pandemia-e-a-covid/>> Acesso em: 22 mar. 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Souza e MENEZES, Maria Paula (orgs.). **Epistemologias do sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

SOUZA, Israel. **A política da antipolítica:** aspectos ideológicos da questão. Rio Branco: EaC Editor, 2021.

SOUZA, Israel. **A política da antipolítica:** militarização e ameaças à democracia. Rio Branco: EaC Editor, 2021a.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade:** o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020.

UOL. **Gabinete paralelo de pastores controla agenda e verba do MEC, afirma jornal.** Disponível *In* <MEC: Gabinete paralelo de pastores controla agenda e verba, diz jornal (uol.com.br)> Acesso em: 18 mar. 2022.

UOL. **Ministro diz priorizar amigos de pastores a pedido de Bolsonaro.** Disponível *In* <Em áudio, Milton Ribeiro diz que deu prioridades a amigos de pastores (uol.com.br)> Acesso em: 21 mar. 2022.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Impensar a ciência social:** os limites dos paradigmas do Século XIX. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

5

Como não falar dessa gente?⁹¹

(Israel Souza)

Como não falar dessa gente?
Como não falar de suas dores,
De seus cantos, suas danças,
De seus sonhos, seus amores?
Como não falar dessa gente?
Como não falar de sua lida,
Sua labuta,
Sua luta, seus labores?
Como não falar dessa gente,
Dessa gente que sofre,
Dessa gente que corre
De um lado pro outro,
De garra e aguerrida,
Atrás do trabalho, atrás do ônibus,
Atrás da vida?
Como não falar dessa gente sofrida,
Dessa gente de muita fé e pouco pão?

⁹¹ Poema extraído de meu livro de poesia *E a carne se fez verbo...*

Dessa gente, apesar de tudo, contente
Brava e forte, a quem a sorte
Parece nunca fazer concessão?
Como não falar dessa gente
Que canta, que cala,
Que grita, que cisma,
Que teima em ser feliz
Que teima em viver?
Como não falar dessa gente
Sobre a qual pesa o estigma do preto,
Condenada pela cor da pele,
Pelo cabelo crespo?
Como não falar dessa gente?
Como não falar da minha gente?
Como não falar dessa gente que sou eu?
Como não falar?
Como não falar?
Como não falar?

A narrativa de varrer a suposta “doutrinação da esquerda” ou de “despolitizar a educação” era, na verdade, revestida de uma falsa “neutralidade política” que visava, em última instância, a impor sua própria agenda ideológica ou, na sua visão, a “doutrinação do bem”, inviabilizando o debate público de temas centrais para a sociedade brasileira. O livro *Ciência, educação e política: o tema da “neutralidade” em perspectiva crítica*, do professor e pesquisador Israel Souza, mostra isso de forma muito clara.

Ao final da leitura deste livro, o leitor perceberá que a “despolitização”, o “anti-partidarismo”, o anti-ideologismo e a “anti-doutrinação” amplamente propagados eram, ao fim e ao cabo, politização, partidarismo, ideologia e doutrinação.

Boa leitura a todos!

Francisco Diétima da Silva Bezerra,
Professor do Instituto Federal do Acre
Campus Cruzeiro do Sul.

